Diário de Lisboa

Fundador **Joaquim Manso** Director **A Ruella Ramos** Director-adjunto **José Cardoso Pires**

ANO 55.º/18 828 4$00

QUARTA-FEIRA 30 JULHO 1975

AGORA NA AGENDA DE OTELO

FALAR COM MÁRIO SOARES

....«Acabo de regressar de uma pátria socialista e, repito, vale a pena trabalhar e sacrificarmo-nos pelo socialismo. Em Cuba, em contacto directo com a realidade, em contacto com trabalhadores humildes, operários de construção civil e gente do campo, apercebi-me realmente de que houve ali um trabalho extraordinário ao longo destes anos por parte dos responsáveis em fazer chegar a revolução a todos os cubanos e em fazer com que esses mesmos cubanos participassem com entusiasmo, activamente, na revolução que é a sua. É isso que nós temos que fazer em Portugal. Em Portugal a esquerda encontra-se profundamente dividida e isso é trágico para a revolução.

..Temos que procurar a todo o transe conciliar as diferentes ideologias, as diferentes linhas ideológicas que existem e pensarmos que antes de tudo somos portugueses, constituímos gente de uma nação em que todos temos que dar as mãos para construir uma sociedade nova que temos que legar aos nossos filhos». Estas palavras foram dirigidas pelo general Otelo Saraiva de Carvalho, quando saia esta manhã do aeroporto, à multidão que o aguardava no regresso de Cuba, onde passou uma semana como convidado de honra do Governo de Havana.

..Mais adiante disse Otelo Saraiva de Carvalho: «A unidade é fundamental. Sem unidade é impossível construir qualquer coisa. Trago de Cuba as mais gratas recordações e lições extraordinárias que lá aprendi em poucos dias, eu e os meus camaradas, e esperamos ver se podemos aproveitar aquilo que de lá trouxemos para ver se podemos fazer aqui a aplicação correcta de um processo revolucionário que conduza a uma sociedade muito parecida com aquela que nós queremos, levando em linha de conta as diferenças existentes entre o povo que nós somos e o povo cubano.»

..Na sala dos «Vips» do aeroporto Otelo Saraiva de Carvalho era aguardado por numerosos oficiais do M. F. A. dos três ramos das Forças Armadas, alguns dirigentes políticos e uma legião de jornalistas e representantes de estações de televisão estrangeiras. Entre as individualidades presentes viam-se o almirante Rosa Coutinho, general Carlos Fabião, comandante Correia Jesuíno, capitão Vasco Lourenço, embaixador de Cuba, Álvaro Cunhal e dirigentes da Intersindical.

..Numa pequena conferência de Imprensa dada na sala de desembarque, Otelo manifestou aos jornalistas a sua profunda impressão por tudo aquilo que lhe tinha sido dado observar.

..«Depois de tudo aquilo que vi, concluí que realmente vale a pena construir o socialismo» — afirmou.

..Referiu ainda que o povo cubano acompanha com extraordinário entusiasmo e grande carinho tudo aquilo que acontece em Portugal.

..«Pude concluir que muito do que se passa no nosso país pode ser tirado a papel químico do que se passou em relação à população cubana» — acrescentou também.

..Otelo mostrou-se optimista — disse — porque verificou que há muitas dificuldades que nós estamos a atravessar semelhantes àquelas que se depararam aos cubanos, o que o tira

Continua na pág. 20

JULGAMENTO POPULAR PARA SABOTADORES LIBERTADOS

«Com esta conferência de Imprensa, os trabalhadores do Banco Espírito Santo iniciaram o julgamento popular dos membros da família Espírito Santo, libertados pela justiça burguesa» — afirmou esta manhã, num encontro com os órgãos de Informação, um elemento da Comissão de Delegados Sindicais do B. E. S. C. L.

Por decisão do juiz Henrique de Matos, seis membros da família Espírito Santo, foram libertados na passada sexta-feira («por não achar matéria que fizesse prolongar a detenção»), mediante a caução individual de 500 contos.

Os libertados são: Manuel Ricardo Espírito Santo, Jorge Espírito Santo, José Manuel Espírito Santo, Carlos de Melo, A. Roquette Ricciardi e José Holtreman Roquette.

«Esta libertação de sabotadores da economia nacional de contra-revolucionários sobejamente conhecidos pelas suas implicações em todas as intentonas só se compreende por, este momento, a contra-revolução ganhar forças. Veja-se a saída dos «pides» de Alcoentre, a destruição de sedes de partidos progressistas e o impedimento de camaradas nossos exercerem a sua profissão. Não podem ser postos em liberdade indivíduos que devem milhares e milhares de contos ao País».

Na conferência de Imprensa (abertura do julgamento popular) estavam presentes representantes do Secretariado da Intersindical, do Sindicato dos Bancários e o próprio juiz, dr. Henrique Matos, que tentou justificar a sua decisão. Estava acompanhado pelo delegado do Ministério Público, dr. Mortágua.

O juiz Henrique Matos afirmou que, com os documentos que lhe tinham sido enviados, não poderia ter tomado outra atitude, pois apenas cumpria a Lei. Admitiu, no entanto, existir um desajustamento legal com a realidade revolucionária em que se vive.

O Copcon teve presos às suas ordens durante 87 dias os membros da família Espírito Santo sem um estatuto definido, não os considerando sequer sob a alçada do foro militar. Acrescentou ainda desconhecer tudo o que os trabalhadores ali presentes afirmavam sobre as actividades de sabotagem e falsificação de assinaturas dos incriminados que os trabalhadores do B. E. S. C. L. compilaram num livro. Apenas foram ouvidas duas testemunhas de defesa (directores do Banco), a quem os trabalhadores já impediram esta manhã a entrada no Banco.

A comissão de trabalhadores não foi ouvida. «Este livro que nós aqui temos é o verdadeiro processo-crime. Os trabalhadores do Banco e o povo português foi atraiçoado. Faremos justiça popular. Se for preciso, vamos procurá-los, agarrá-los e metê-los na prisão».

Os delegados sindicais desfilaram, com documentos comprovativos, as acções «criminosas» destes elementos. E perguntavam: Se fosse um trabalhador, que lhe aconteceria? Os representantes da «justiça burguesa» encolhiam os ombros desalentados. Desconheciam por completo aqueles elementos. «Legalmente» nada disso lhes chegou às mãos. E têm decidir de acordo com a Lei, ainda que eles a possam considerar ultrapassada.

Foi perguntado à Comissão de Trabalhadores se estaria disposta a «abrir um novo processo» contra esses elementos da família Espírito Santo. Manifestaram a sua disposição nesse sentido mas estão muito mais decididos a prosseguir o julgamento familiar.

20 PÁGINAS

Em Junho

SALDO POSITIVO NA BALANÇA DE PAGAMENTOS

A balança portuguesa de pagamentos teve saldo positivo no mês de Junho anterior. Embora não tenhamos ainda números concretos, o «superavit» rondará os 500 mil contos, o que constitui novidade agradável no mundo de preocupações que é a economia portuguesa herdada de um regime fascista baseada na superexploração por parte dos monopólios, vítimas das inevitáveis dificuldades de um País em transformação e da própria crise do capitalismo internacional, do qual ainda não saímos.

A primeira razão para o saldo positivo verificado no passado mês é, sem dúvida, o conjunto de medidas drásticas tomadas pelo Governo para restringir as importações de bens não essenciais. Por outro lado, as exportações aumentaram ligeiramente, as remessas dos emigrantes mantiveram o seu ritmo normal e o turismo rendeu o que poderia render, que não foi muito mas, segundo a informação credenciada em que baseamos esta notícia, acusa uma quebra considerável em todo o lado.

Geral

IMPRESSORA DE 1820 AINDA FUNCIONA NOS AÇORES

Por ALEXANDRE PAIS

Interessado em melhorar as condições em que trabalham os órgãos de Informação dos Açores, o Ministério da Comunicação Social enviou ao arquipélago um grupo de trabalho que ao longo de nove dias percorreu várias ilhas e elaborou um volumoso relatório que será, agora, apresentado ao Conselho Nacional da Informação.

A Imprensa açoriana situa-se ao nível da Imprensa regional do continente o que equivale por dizer que o seu nível geral é mau. Para isso, no entanto, contribuem factores que condicionam a confecção dos jornais nos Açores e a que grande parte das publicações continentais não estão sujeitas. Por exemplo, em Ponta Delgada o jornal (agora) progressista «Correio dos Açores» é composto manualmente, letra a letra e impresso numa máquina de 1820 (!) digna de figurar num museu de artes gráficas. Não dispõe de corpo redactorial e é diariamente elaborado pelas quatro dezenas de trabalhadores, que ocuparam as instalações quando o proprietário Medeiros de Almeida (o da Fundação Salazar) se aprestava para abrir falência. Paradoxalmente, o edifício onde se encontra instalado o matutino é excelente, o que prova que os capitalistas sabem, como ninguém, investir a longo prazo. A longo e a curto.

O MAIS ANTIGO JORNAL PORTUGUÊS

Açoriano Oriental

Sábado 19 de Julho de 1975

As termas da Ilha de S. Miguel e as suas possibilidades terapêuticas

2-ZONAS CENTRAL E ORIENTAL

Homilia do Bispo do Porto no aniversário da eleição de Paulo VI

Coreto de Campo de S. Francisco

A insurreição da carne

(Narrativas simbólicas)

O OBJECTOR

—Por Daniel de Sá

Deslocações frequentes de Sanches Osório à capital espanhola

Pedido à ONU pelo Delegado português

A resposta pelos Direitos Humanos

Programa português na TV francesa

UM ESTUDO sobre o turismo açoriano

«Açoriano Oriental»: 140 anos de assinaturas mensais

O jornal «Açores», também de Ponta Delgada, é o maior e o mais bem feito diário do arquipélago, sendo a sua tiragem ligeiramente inferior a 3000 exemplares. O vespertino «Diário dos Açores» tem uma tiragem igualmente reduzida e que ronda os 2600 jornais.

Mas o caso mais curioso da imprensa açoriana — referido o semanário «Açoriano Oriental» fundado em 1835 o que o torna, provavelmente, no jornal mais antigo do País — está no semanário «A Ilha», que, com uma tiragem de 460 (!) exemplares, atinge o custo de 8$40 por unidade! Isto só é possível graças à tradição da maioria destes jornais, cuja direcção vai passando de pais para filhos sem que nada (ou muito pouco) se altere, tanto no modo de confecção, como na própria orientação ideológica. Exemplo disso é a própria distribuição dos jornais que, na sua quase totalidade, são obtidos por assinatura, raramente, portanto, sendo colocados à venda. O preço por exemplar é de 2$50.

Em Angra do Heroísmo a situação não é melhor, já que os dois diários — «A União» e o «Diário Insular» — têm ainda menor tiragem e não ultrapassam os limites das zonas urbanas.. Dirigido às populações rurais, o semanário «O Trabalhador», pertencente a uma cooperativa de 56 militantes de esquerda, encontra-se em fase de reestruturação e apesar de não dispor de oficinas próprias terá boas possibilidades de desenvolver um trabalho político de base absolutamente indispensável à situação política dos Açores.

Na Horta existem apenas dois diários «Correio da Horta» e «O Telégrafo», que lutam com as mesmas dificuldades e sofrem das mesmas carências de todos os outros, com a agravante de a sua tiragem ser diminuta.

Ao verificarmos que todos estes órgãos de Informação servem deficientemente o povo açoriano, não podemos deixar de ter em conta que todos os (dispendiosos) jornais do continente chegam aos Açores com razoável atraso e vão onerados com uma sobretaxa de 2$50. Quer isto dizer, que a Imprensa regional pode servir mal, mas serve (e aí a gravidade do problema) os seus leitores. E já que falo em «servir mal» não posso deixar de referir que não existe em todo o arquipélago um serviço de «telex», o que equivale por concluir estarem os jornais dos Açores praticamente isolados do continente e do mundo. Como, então, servir bem?

Também na Rádio (onde se situam as fontes de informação) o panorama não é mais animador, bastando dizer que o Emissor Regional dos Açores transmite através de um emissor de 1 KW, o que o torna inaudível na maior parte das ilhas. O microfone do estúdio (?) capta os motores que circulam e os cães que ladram e — abrindo a janela — as badaladas do relógio da igreja com que diariamente se encerra a emissão. Mais sorte teve o marechal Carmona, cuja gravura faz dois anos que tombou de velha, com estrondo participante (evidentemente) na programação...

Melhor situação não gozam o Rádio Clube de Angra e o Clube Asas do Atlântico, praticamente abandonados pelas entidades oficiais e que se debatem com a inoperabilidade do material deteriorado pelo tempo e com graves dificuldades económicas provenientes, em grande parte, da queda vertical das solicitações publicitárias.

O estado verdadeiramente deplorável em que se encontram os órgãos de Comunicação Social nos Açores, pode vir a melhorar (embora isso não baste) com o próximo início das emissões de TV, apesar do preço proibitivo dos aparelhos de todos os modelos. Também aí, o açoriano tem de suportar o «custo da insularidade», motivo principal do seu descontentamento que, nada tendo de antiportuguês, é aproveitado pela FLA para apoio das suas ideias separatistas. Contra este movimento, que ultrapassando a fase em que era apenas um agrupamento de direita, reaccionário, começa a contar com o apoio das poderosas forças liberais de centro, poderão os militantes da esquerda democrática desenvolver o trabalho de isolamento que se impõe, assumindo desde já a vanguarda das justas aspirações do povo açoriano. Não assumir esse encargo e continuar a aceitar provocações e a emitir comunicados que não resultam nas zonas rurais, é deixar as massas trabalhadoras entregues, no seu desencanto, ao separatismo e à reacção. Isso seria, como se compreende, um erro histórico. Denunciá-lo é, agora, fazer com que a História, um dia, o não registe.

CÓLERA: DEZ CASOS DETECTADOS

Registaram-se dez casos de cólera no País, na semana de 20 a 26 do corrente, segundo anuncia um comunicado da Secretaria de Estado da Saúde, através da Direcção-Geral de Saúde. Nove desses casos foram detectados no distrito do Porto, sendo quatro no concelho de Gondomar, dois no do Porto, dois em Valongo e um em Vila Nova de Gaia. Também se verificou um caso na Charneca do Lumiar, em Lisboa.

O documento sublinha que, «embora se trate de casos de carácter benigno, os doentes foram internados em estabelecimentos hospitalares».

E prossegue: «Não há razões de alarmes, mas apela-se para a participação da população, em seu próprio interesse, no cumprimento rigoroso das medidas de higiene individual e alimentação já amplamente divulgadas e que se resumem em:

1 — Cumprimento rigoroso das regras de higiene pessoal, lavagem cuidadosa das mãos antes de preparar os alimentos, antes de comer, bem como depois de se utilizarem as retretes; 2 — Utilização de água potável para beber e preparar alimentos. Em caso de dúvidas, a água deve ser fervida ou desinfectada; 3 — Evitar o consumo de frutas e vegetais crus ou desinfectá-los antes de os comer; 4 — Mariscos, caracóis e hortaliças devem ser muito bem cozidos; 5 — Manter os alimentos, depois de cozinhados, devidamente resguardados de poeiras, moscas, etc.; 6 — Evitar o contacto das crianças com charcos ou outros locais de água não corrente, ou próximo das desembocaduras dos esgostos; 7 — Caso não haja instalações sanitárias ligadas à rede de esgotos, desinfectar as fezes com creolina a 10 por cento ou cal viva; 8 — Se não houver recolha de lixo, este deve ser enterrado ou queimado; 9 — Nunca utilizar águas sujas de fossas ou de rede de esgotos na rega de hortas; 10 — Não devem ser utilizados lavadouros públicos servidos por água de ribeiros considerados suspeitos; 11 — Intensificação de luta contra as moscas; 12 — Deve sempre consultar-se um médico em todos os casos de diarreia, em especial acompanhada de grande prostação e vómitos.

COMO EVITAR AS DOENÇAS DIARREICAS

A fim de evitar a propagação de doenças diarreicas, a Direcção de Saúde do Distrito do Porto emitiu entretanto um comunicado em que apela para a colaboração popular com as autoridades sanitárias. O documento diz, nomeadamente, o seguinte:

«Com os fortes calores próprios da época, esta torna-se propícia à eclosão de doenças diarreicas de origens variadas, facilitada pela deslocação das populações, uso de água de pureza duvidosa eliminação inconveniente de esgotos, consumo de frutas, hortaliças e saladas conspurcadas pelos germes dessas doenças de predomínio estival (diarreias, disenterias, cólera, etc.).

Não obstante os avisos frequentes às populações pelos jornais, rádio, televisão, cartazes, etc., para evitar o aparecimento de doenças graves, torna-se absolutamente necessária a colaboração individual e de todos com as autoridades sanitárias locais e engenharia sanitária, para se poder descobrir rapidamente focos dessas doenças.

Neste sentido a colaboração de toda a população e em especial das comissões de moradores pode ser utilíssima, avisando as autoridades sanitárias, logo que tenham conhecimento de recurso aos hospitais e possível internamento de pessoas com sintomatologia diarreica, dado que o diagnóstico laboratorial é ainda demorado.»

Comunicado do M.E.I.C.

TRABALHADORES-ESTUDANTES PRATICARAM VANDALISMOS

. . O Ministério da Educação e Investigação Científica, através da Direcção-Geral de Informação, emitiu um comunicado sobre os incidentes registados durante a manifestação de trabalhadores-estudantes, realizada anteontem em frente do Ministério.

. . O documento diz o seguinte

. 1. Na manhã de sábado, dia 26 do corrente, um grupo de trabalhadores-estudantes promoveu uma concentração de algumas dezenas de pessoas junto ao M. E. I. C. Prontamente recebida uma delegação de cinco elementos pelo chefe de Gabinete, tendo posteriormente assistido à reunião o próprio ministro, averiguou-se que o motivo da manifestação se prendia com alegadas irregularidades nos exames e as percentagens elevadas de reprovações relativamente aos estudantes do ensino particular. Concretamente exigia-se uma revisão de pontos e provas com a participação de professores nomeados pelos alunos trabalhadores.

. . Em face da falta de dados concretos sobre a situação, ficou assente que o assunto seria estudado com a maior urgência e fornecida uma resposta concreta ou na tarde de sábado ou na seguinte segunda-feira. Contudo, ainda nesse mesmo sábado, e na impossibilidade de contactar os serviços competentes, foram os mesmos trabalhadores-estudantes, que haviam permanecido diante do Ministério, informados de que a resposta só poderia ser dada na segunda-feira.

«ACTUAÇÃO IRRESPONSÁVEL»

. . 2. Segunda-feira, pelas 18 horas, nova concentração junto ao Ministério, com uma certa surpresa deste Gabinete. É que havia uma diligência por parte dos manifestantes no sentido de contactarem as entidades do Ministério. Preferiram ficar na rua a gritar impropérios em termos totalmente descabidos, tais como «ministro para a rua, fascista, mentiroso e aldrabão».

. . Passava das 19 horas quando uma delegação dos manifestantes resolveu finalmente subir para falar com o chefe de Gabinete. Foi-lhes dito sentir estranheza do senhor ministro pela sua actuação irresponsável, ao que alegaram que era difícil controlar as massas e que estas é que se estavam manifestando. Foi-lhes igualmente comunicado que, para um levantamento prévio da situação, se iria proceder a um estudo de uma amostragem de pontos, pelo que convidava à presença no Ministério, no dia seguinte, de dois professores por eles escolhidos e bem assim dois representantes seus.

. . Uma vez mais causou estranheza a sua posição. Segundo um novo comunicado que apresentaram então, a luta havia avançado (sic) e já não lhes interessava a revisão de provas, mas antes a realização de novas provas escritas em que a nota de 10 valores daria direito a dispensa de oral, indo à oral, todos os alunos com qualquer nota inferior a 10 valores. Não obstante, e contraditoriamente, aceitavam a proposta do M. E. I. C. e participariam na reunião do dia seguinte.

. . Para cúmulo, porém, da actuação irresponsável destes «trabalhadores-estudantes em luta», quando, pelas 20 horas, o chefe de Gabinete abandonava o Ministério, os elementos que com ele haviam contactado incitaram contra si os manifestantes. Perseguiram-no até ac carro e praticaram os maiores vandalismos danificando a viatura com uma fúria desenfreada e tentando a agressão física directa. Foi cena que se prolongou por alguns minutos, tendo valido na altura a intervenção dos elementos da P. S. P. que se encontram de guarda às instalações e que dispersaram os agressores. Igualmente inqualificável ainda a sua reacção pois continuaram a atitude agressora, agora à pedrada atingindo alguns elementos e a própria viatura.

3. Dos factos acabados de narrar possui este Ministério documentos comprovativos. Igualmente comprovativo é o estado em que ficou a viatura.

«É TOTALMENTE FALSO»

. . É pois francamente confrangedor ver acrescentada à irresponsabilidade de certos «estudantes-trabalhadores» a irresponsabilidade, essa mais grave, de certos jornalistas e locutores de rádio, pela forma como noticiaram o que se passou.

. . É totalmente falso que os manifestantes no M. E. I. C. fossem 400 ou sequer 200. Orçariam, quando muito, pela centena.

. . É totalmente falsa a ideia que se dá quanto à intervenção da P. S. P. Não sairam de qualquer carrinha pois se encontravam de guarda ao Ministério e apenas se limitaram a dispersar os elementos que danificavam a viatura e tentavam a agressão física, não tendo portanto havido qualquer carga contra a manifestação.

. . É totalmente falso que as reprovações na zona da grande Lisboa sejam superiores a 85 por cento. Os únicos elementos concretos que até ao momento nos foram fornecidos são do Liceu Pedro Nunes e situam as reprovações dos trabalhadores-estudantes entre os 40 e os 81 por cento.

. . É totalmente falso que a P. S. P. tenha provocado feridos. Os feridos, que os houve, foram em consequência das pedradas dos manifestantes.

. . Para além de todas estas falsidades há toda uma actuação irresponsável que não é mencionada, há o rasgar de pautas e interrupção de exames no Liceu da Amadora que são silenciadas, há a posição de um outro grupo de trabalhadores-estudantes, bem mais representativo, que se ignora, e em que expressamente se «chama a atenção dos trabalhadores-estudantes» para o facto deste movimento poder ser uma manobra divisionista». Há finalmente a insinuação caluniosa, em forma de pergunta ingénua, do locutor da Emissora Nacional, de que o M. E. I. C. teria enviado para os liceus uma circular em que ordenava que as reprovações se deveriam situar na ordem dos 90 por cento.

. . A amostragem de provas dirá da justiça ou não das reprovações. O que este Ministério não está de modo algum disposto, nem os seus elementos responsáveis o consentiriam, é usar de uma benevolência, mista de caridade e paternalismo, relativamente aos trabalhadores-estudantes. O seu problema é bem mais profundo e não se resolve com facilidadezinhas conforme sub-repticiamente chegou a pedir um elemento do grupo que no sábado falou com o senhor ministro.

post scriptum

Comecemos pela gasolina

Fala-se muito em poupar gasolina, mas nada de concreto se faz sobre o assunto e não se toma uma atitude frontal em relação ao problema.

O tempo passa, as divisas voam e as intenções ficam por concretizar.

Porque não se começa, desde já, pelas empresas nacionalizadas, que tanta viatura possuem a andar de um lado para o outro sem qualquer finalidade objectiva, com duplicação de itinerários etc?

Que razão justifica, por exemplo, que algumas agências bancárias tenham duas e três viaturas para recolher fundos em itinerários que são percorridos por outras viaturas de bancos?

Pede-se aos trabalhadores que façam sacrifícios, mas não se toca nos privilégios de uns tantos que continuam a gastar o material sem qualquer proveito!

Antes de se racionar a gasolina, devia-se disciplinar e pôr nos devidos lugares casos como estes, porque recorrer-se unicamente ao racionamento levará a casos de flagrante injustiça.

É necessário encarar desde já que as empresas públicas e nacionalizadas devem dar o exemplo neste capítulo.

Que as viaturas públicas não sirvam para passear e tratar de negócios!

Fernando Manuel — Portimão

Uma longa, longa, crítica

Apenas uma resposta, ou crítica, ao senhor Mário de Queirós Pinto, embora me pareça que ele não gosta de críticas, em resposta a «Um Apelo» publicado no «Post Scriptum» de 24-7-75.

Permita-me dizer-lhe, senhor Mário, que fazer uma crítica a uma pessoa ou personagem quer ela governe quer não, não é ofender o Povo Português. Para o senhor, devia ser instaurada uma nova censura que punisse tanto as ideias pessoais expressas oficialmente como os artigos publicados na Imprensa.

Nas últimas décadas era crime criticar os dirigentes (que Deuses!) políticos do nosso «lar». Actualmente, se estes não existissem, cair-se-ia no mesmo erro, não acha, senhor Mário?

Como homens podem errar, não lhe parece? E que tal, para esse erro, uma crítica construtiva?

Quanto a mim, seria óptimo. Permita-me que tenha, sobre o assunto, uma ideia diferente da sua...

O direito da crítica, senhor Mário, é inato. Trata-se de um direito humano (com maiúsculas...) que todos têm de se manifestar contra ou a favor.

Por acaso o senhor nunca criticou ninguém? Estou certo que já o fez porque não acredito que haja quem nunca o tenha feito. No seu «apelo» apela para os verdadeiros revolucionários e eu pergunto: quem são eles? Serão os que apenas batem palmas e dizem «sim» a tudo ou serão também, os que criticam? Serão estes últimos necessariamente reaccionários?

Fala, também, numa barreira «lúcida e sólida» — que tipo de barreira?

Debates de aspectos ideológicos, crítica de ideias etc. ou a sua imposição à força?

Plenamente de acordo no primeiro caso e em total desacordo em relação ao segundo. Quando fala em «mar de sangue» não estará a exagerar e a usar palavras que foram ouvidas por certos grupos ou partidos e que os órgãos de Informação não ouviram? Esse «mar de sangue» nunca existirá.

Salvemos a Revolução se queremos que ela seja, de facto, uma Revolução de flores...

Não peço para esta carta ser publicada porque sei que vai acabar no caixote do lixo já que a creio ideologicamente diferente não só do V. jornal como de toda a Informação portuguesa salvo raras excepções.

Até quando? Não sei.

Emídio Francisco Lopes — Porto

Como vê, enganou-se...

Os problemas da terceira idade

... é pela solução, o mais rapidamente possível, dos problemas da terceira idade que nos devemos bater. Não há dúvida de que não existe, entre nós, legislação adequada para fazer frente aos inúmeros e crescentes problemas com que se debatem os velhos que, depois de uma vida de trabalho, já não têm nada a dar à sociedade. Uma revolução como a nossa tem de encarar estes problemas porque não pode deixar de o fazer. Quando é que começamos?

Mário de Carvalho — Lisboa

A saída de Elmano Alves

Sem que houvesse qualquer esclarecimento sobre o assunto, Elmano Alves partiu para o Brasil. O Povo soube-o ao ler a notícia da partida nos jornais. Não me venho queixar da partida deste notório fascista porque até admito que tenha havido razões para ela. Do que me queixo é de tudo se ter processado na sombra sem que se tivesse dado uma explicação ao País. O Valadão era mais fascista do que o Alves? Então porque fica um e sai o outro? Entendo que estas coisas não deviam correr assim, isto é, que se devia esclarecer o País sobre o que se passa em relação a estes senhores que todos os dias vemos acusados de crimes nefandos nos jornais e que um dia vemos partir de avião...

Carlos Ramalho — Lisboa

Em relação ao caso concreto de Ramiro Valadão, temos de lhe recordar que ele está envolvido num processo penal...

ACELERAÇÃO OU DESACELERAÇÃO DO PROCESSO REVOLUCIONÁRIO?

Por EUGÉNIO ROSA

A Revolução Portuguesa caminha depressa ou devagar? Os problemas que o nosso país enfrenta, a nível político, são o resultado inevitável de se estar andar depressa de mais? — eis algumas das perguntas que se põem actualmente e que interessa colectivamente reflectir e esclarecer.

X

Constituem, sem qualquer dúvida, três importantíssimas vitórias históricas do Movimento 25 de Abril, a liquidação do aparelho de repressão fascista (que existiu até aquela data), o processo de descolonização (apesar dos graves problemas existentes em Angola, e o ataque ao poder dos monopólios e dos latifundiários que dominavam e exploravam o nosso país (feito através das nacionalizações. das maiores empresas e do início da Reforma Agrária).

Efectivamente, a liquidação do aparelho de repressão fascista permitiu a organização política e sindical dos trabalhadores, facilitou a sua luta reinvindicativa, e dificultou a exploração impune e violenta a que estavam submetidas as massas trabalhadoras portuguesas durante o fascismo.

O processo de descolonização, e a consequente independência daqueles territórios, acabou com o sorvedouro de vidas e bens que constituiam as guerras coloniais, e contribuiu fortemente para a criação de uma nova imagem de Portugal no mundo. De País isolado, insultado e vilependiado, Portugal tornou-se rapidamente uma nação respeitada no concerto internacional, cuja experiência revolucionária é seguida com crescente interesse por todos os povos do mundo. Efectivamente, um Povo que explorava ou dominava outros povos nunca poderia ser um povo livre. Mesmo os problemas que se enfrentam em Angola, e o regresso de grande número de colonos, não diminuem em nada o significado e a importância histórica daquele acontecimento. É antes o preço que tarde ou cedo teriamos de pagar (e quanto mais cedo melhor, pois serão menores os sacrifícios para o nosso Povo e para os povos daqueles países), resultado inevitável da política cega do fascismo ao serviço exclusivo dos monopólios nacionais e estrangeiros e da cobiça do imperialismo pelas gigantescas riquezas existentes neste território.

A política antimonopolista e antilatifundiária, que se traduziu, até a este momento, na nacionalização de grandes empresas e no início da Reforma Agrária, desarticulou, em grande parte, o poder dos monopólios e dos latifundiários no nosso país, que era, e continuava a ser, mesmo depois do 25 de Abril, a base material do fascismo.

Tudo isto são conquistas históricas que não podem nem devem ser esquecidas, e que vieram ao encontro dos anseios mais profundos do nosso Povo.

No entanto, uma revolução é como uma bicicleta; se pára «cai».

Efectivamente, para que uma revolução possa triunfar tem que ter respostas prontas, enérgicas e adquadas aos múltiplos problemas que vão inevitavelmente surgindo, e aos variadíssimos obstáculos que os seus inimigos vão colocando.

A Revolução Cubana, mesmo com alguns erros que são inevitáveis em qualquer processo revolucionário, é uma fonte de ensinamentos.

Na verdade, um dos aspectos mais positivos da Revolução Cubana foi a resposta eficaz e rápida aos problemas que existiam, foi a não hesitação em tomar medidas que correspondessem a profundos anseios populares. Muito antes de Fidel Castro ter declarado o carácter socialista da Revolução Cubana (isto só foi feito quando do ataque do imperialismo em Playa de Giron, portanto em 1961; e a Revolução tinha triunfado em 31 de Dezembro de 1958), já muitas medidas de profundo conteúdo socialista tinham sido tomadas.

Assim, logo no primeiro ano da Revolução (1959) é publicada, e mais do que isso é posta em prática, a primeira lei da Reforma Agrária, que estabeleceu como limite máximo da propriedade privada no campo 402,6 ha, sendo expropriado o restante. Mesmo antes desta lei, tinha sido publicada uma outra (Lei n.º 3) que concedeu a propriedade da terra aos arrendatários, subarrendatários, parceiros, colonos, subcolonos e precaristas que ocupassem lotes do 5 ou menos «caballerias» de terra particular.

É evidente, que medidas desta natureza provocaram imediatamente o ódio do imperialismo americano, já que mais de 1,2 milhões de hectares pertenciam a 13 grandes companhias norte-americanas. Como represália o governo dos Estados Unidos cancelou a quota açucareira, o que criou problemas a Cuba, já que a venda de açucar para o estrangeiro representava mais de 70 por cento das exportações deste pequeno país. A Revolução Cubana não se atemorizou nem cedeu, como esperava o imperialismo, mas respondeu enérgica e eficazmente: — nacionalização imediata das empresas norte-americanas, constituídas principalmente por companhias produtoras de açucar.

E foi desta forma que o poder revolucionário respondeu sempre a qualquer acção da reacção: — a cada golpe reaccionário, a reacção recebia uma resposta mais contundente e radical por parte da Revolução.

Paralelamente, a Revolução Cubana tomava medidas de profundo impacto popular. Assim, logo em 1959 (e antes da Reforma Urbana que deu a habitação a quem morava nela há mais de 20 anos e que fixou o máximo da renda paga em 10 por cento do rendimento familiar) baixou a renda da casa em 50 por cento, baixou o preço da electricidade e dos transportes urbanos, aumentou o mínimo de reforma, congelou efectivamente os preços dos bens essenciais (preços estes que ainda continuam a vigorar). Nesta mesma altura, ou pouco tempo depois, é nacionalizado o comércio externo (o que permitiu a baixa dos preços dos medicamentos, por exemplo, e a luta eficaz contra a sabotagem económica), é nacionalizado o ensino (o que permitiu a institucionalização do ensino gratuito), é nacionalizada a medicina (o que permitiu a institucionalização da assistência médica gratuita), etc., etc.

Desta forma concreta, o Povo Cubano é ganho para a Revolução; ele sente, pela primeira vez na história do seu país, que existe um poder revolucio-

Continua na pág. 18

O FIM DO "CORDÃO SANITÁRIO"

As consequências das eleições regionais, provinciais e municipais de 15 de Junho, marcadas por um claro sucesso dos comunistas, começavam a fazer-se sentir em Itália. No plano local, um novo tipo de relações estava a instalar-se entre a maioria e a oposição. Em Roma espera-se uma mudança de direcção da Democracia Cristã, cujo conselho nacional desejava substituir Amnitore Fanfani no cargo de secretário político.

Fanfani jogava com a sua habilidade usual, com a timidez as divisões dos seus censores. Mas uma nova série de demissões, a 19 de Julho, no Comité directivo do seu partido, deram-lhe como que o sinal da partida. Perto de três quartos dos dirigentes democratas-cristãos, reclamavam agora um novo chefe. Buscavam, no entanto, uma forma subtil que permitisse afastar Fanfani sem o condenar.

Para se defender, Fanfani, multiplicou os cuidados. Para além das alianças «Frentistas» sentia-se em várias municipalidades, provinciais e regiões, um movimento de fundo. Os comunistas entravam cada vez mais no jogo político, directamente, ao governar com os socialistas, novas municipalidades como Turim, Florença e talvez Veneza, ou novas regiões como a Ligúria e talvez Marches ou o Piemonte, ou indirectamente, respondendo às solicitações de outros partidos que convidaram o P.C. a colaborar com eles.

Do lado democrata-cristão, era grande o embaraço. O importante discurso que Aldo Moro pronunciou perante o conselho nacional do partido, continha, incontestavelmente, avanços ao P.C.. Claro que esta era sempre apresentado pelo chefe do Governo como um partido cuja ideologia é estranha à da Democracia Cristã. Mas, embora fazendo uma confrontação vigorosa e eficaz com a principal força da oposição, que ia no encalço do «partido da maioria relativa», Moro sugeria «relações construtivas» e um «diálogo democrático no interesse das populações». Estamos pois bem longe do cordão sanitário que os meios conservadores italianos queriam outrora colocar a fim de isolar o P.C..

Aldo Moro não será, sem dúvida, seguido na «abertura» pela totalidade dos seus pares. Mas o simples facto de ele ter podido pronunciar tais palavras um discurso muito elaborado, já diz muito sobre as mudanças ocorridas em Itália. Após a guerra fria, após a experiência de centro-esquerda com os socialistas, um «novo capítulo» parecia abrir-se. Ele não levaria necessariamente a uma entrada próxima dos comunistas na maioria governamental, mas assentaria num «compromisso histórico» que já existia sob diferentes formas.

Seria Moro mais escutado na chamada de atenção que ele dirigiu ao seu partido? Segundo ele, se a Democracia Cristã não aprendeu a lição de 15 de Junho, se não mudasse bem depressa de estruturas, de métodos, de homens e de «alma», ela poderia considerar-se como perdida. Os primeiros passos não poderiam senão acentuar o pessimismo próprio do presidente do Conselho. Não só os dirigentes da D.C. pareciam incapazes de se reformar, como até pareciam privados da energia necessária a uma reacção. A sombra do P. C. pesava sobre os seus trabalhos e paralísava-os em vez de os estimular.

(«Le Monde»)

Geral

O Verão social e racial está a «aquecer» nos Estados Unidos. Em Detroit, nomeadamente, depois de um jovem negro ter sido alvejado a tiro pelo proprietário Branco de um var, registaram-se incidentes durante os quais se assistiu a pilhagem (Telefoto UPI/Telimprensa)

Estatutos do Comércio

AUTORES DO PROJECTO "B" IMPUGNAM DELIBERAÇÕES

. Um grupo de 1500 trabalhadores do comércio vai apresentar ao tribunal competente uma acção de impugnação das assembleias gerais em que foram aprovados os estatutos do seu sindicato, de que fazem parte 60 mil sócios — revela um comunicado distribuído numa conferência de Imprensa ontem realizada.

Desse grupo fazem parte os subscritores do projecto «B» de Estatutos, que saiu derrotado na votação. Respeito pelo direito de tendência e apoio às comissões de trabalhadores eram as principais linhas de força deste documento, que pretendia criar uma ampla democraticidade no sindicato e se opunha claramente ao projecto «A», que consagrava a concentração na direcção de vários poderes, entre os quais o poder disciplinar e o poder de nomear e exonerar os delegados sindicais. Segundo o grupo impugnador, este projecto apresentava-se como a «institucionalização da linha dirigista e antidemocrática que vinha sendo seguida pela comissão directiva».

A sua aprovação deve-se, segundo o mesmo grupo, a toda uma série de manobras e irregularidades cometidas pela referida comissão, cujo favoritismo pelo projecto «A» a levou, segundo foi dito, a quase ocultar dos sócios o outro projecto, não lhe dando mais publicidade do que aquela que a lei exige, o que traduziu o tratamento claramente discriminatório. A comissão teria ainda tentado provocar um ambiente de desmobilização nas assembleias gerais convocadas para a discussão e votação dos Estatutos, designadamente marcando-as para locais exíguos e sem condições de audição.

Segundo alegam os seus subscritores, a votação na generalidade, efectuada na primeira assembleia, dava «clara vitória ao projecto «B» e nesse momento inicia-se o boicote activo por parte da Mesa e seus 'familiares'». Em consequência disso, foi o projecto «A» que acabou por ser dado como aprovado, por «unanimidade».

Na segunda assembleia, a que esteve presente um elemento da 5.ª Divisão do E. M. F. G. A., os subscritores do projecto «B» fizeram aprovar uma moção de censura à Mesa. A partir daí gerou-se a confusão, e a Mesa deu por terminados os trabalhos. Como grande número de trabalhadores recusavam sair, receosos de que se fosse ainda proceder a alguma votação, a Mesa mandou chamar a Polícia Militar, que fez evacuar a sala. Apesar de não ter sido realizada posteriormente outra assembleia, a Comissão Directiva, segundo foi afirmado, deu por aprovado na especialidade o projecto «A».

O grupo impugnador contesta a validade de tais decisões e condena severamente a forma como foram conduzidos os trabalhos, afirmando designadamente «Não podemos (...) deixar de render homenagem à Comissão Directiva pelos aperfeiçoados métodos que utiliza no manuseamento psicológico das massas trabalhadoras».

CÂMARA DO SEIXAL CONTRA CONSTRUÇÕES CLANDESTINAS

. Por despacho do Primeiro-Ministro, general Vasco Gonçalves, foi declarada área para expropriação sistemática, nos termos do Decreto-Lei 576/70, de 24 de Novembro, toda a zona envolvente da urbanização do Alto do Moinho, na freguesia da Amora, concelho do Seixal.

Esta zona sofria, com efeito, uma série de pressões que já tinham conduzido as áreas adjacentes (Corroios e Vale de Milhaços), a um crescimento urbanístico desordenado, com o inevitável abaixamento da qualidade de vida.

A propósito, a Comissão Administrativa da Câmara Municipal do Seixal emitiu um comunicado à população do Alto do Moinho que, a dada altura, reza o seguinte:

. «Retirada esta zona da influência da especulação, tornar-se-á possível agora, não só controlar o seu desenvolvimento, como também dispôr de uma arma indispensável para a recuperação das áreas adjacentes, onde prolifera a chamada construção clandestina.

«Entretanto, a C.A. da Câmara alerta a população da zona, em especial, para a possibilidade de eventuais especulações acerca da área sujeita a expropriação sistemática. Só os reaccionários poderão ver neste processo possibilidade de manobra, tirando proveito do conhecimento menos pormenorizado do povo em relação a este caso. Para todos aqueles que se pretendam esclarecer, tanto o Gabinete de Planeamento do Seixal, como o Gabinete de Planeamento de Vale de Milhaços estarão à sua disposição.»

DESTRUIDA A CASA DE UM DEPUTADO COMUNISTA

. Da Secção de Informação e Propaganda do Partido Comunista Português recebemos o seguinte comunicado:

. «Pelas 4 horas da madrugada de hoje, dia 30, criminosos fascistas lançaram uma bomba na casa com a porta n.º 3 da Rua dos Clérigos, Bairro das Pipas, em Évora, num atentado contra a vida de Dinis Miranda, membro do P.C.P. e deputado por Évora à Assembleia Constituinte.

«Os criminosos deslocaram-se de automóvel, que arrancou ruidosamente momentos antes da violenta explosão que destruiu a habitação. O teto, ruindo, esmagou as camas e mobílias, ferindo a família que aí dormia: Feliciana Nobre, doméstica, que se encontra hospitalizada, seu marido, Joaquim Nobre, cobrador, e a filha do casal, Antonieta Nobre. Dinis Miranda não se encontrava em casa pelo que ficou ileso.

«A violência fascista, que nos últimos dias vem sendo desencadeada de Norte a Sul do País, dá mais um passo na sua escalada com este atentado contra a vida de um destacado e querido dirigente dos trabalhadores alentajanos e do povo português. Os comunistas portugueses, que os fascistas não conseguiram vergar no meio século da sua ditadura terrorista, não se deixarão intimidar.

«O P.C.P. protesta energicamente contra a complacência que permite a escalada de violência fascista e contra aqueles que, pregando o ódio e a histeria anticomunista espalhando ignóbeis calúnias e mentiras, são os responsáveis por abrir caminho à violência fascista e seus cúmplices. O P.C.P. exige que sejam tomadas medidas enérgicas para descobrir e castigar exemplarmente os responsáveis e executantes dos assaltos, incêndios e atentados terroristas, designadamente o que acaba de ser intentado contra o camarada Dinis Miranda.»

Porto

DEFINIR PRIORIDADES NO PROBLEMA DA HABITAÇÃO

. PORTO, 30 — Relacionada com o problema habitacional decorreu ontem de tarde, no Governo Civil do Porto, uma reunião com a presença dos presidentes da Câmaras Municipais do distrito e elementos do Fundo de Fomento da Habitação, arquitecto Smith, arquitecta Maria de Fátima Conceição da Silva, dr. Mariano Florentino, dra. Maria Madalena Brito e eng. Álvaro de Sousa, da Direcção de Habitação do Norte. O arquitecto Smith referiu que tinha sido enviado um questionário a todas as Câmaras para análise e prospecção dos casos mais prementes e para obtenção de dados positivos, uma vez que as respostas tinham sido um tanto imprecisas.

Interveio o presidente da C. A. da Câmara de Penafiel, que disse nem todas as Câmaras terem recebido tais fichas. O arquitecto Smith voltou a falar para salientar que havia necessidade de mobilizar as Comissões de Moradores para a averiguação da realidade dos casos a apresentar, os quais, a partir de Setembro próximo, serão tratados por um computador que exprimirá prioridades. Por último o arquitecto Smith leu a circular que acompanhou a remessa das fichas, a qual cita:

1. As fichas deverão ser preenchidas pelas famílias necessitadas ou interessadas em habitação social, por iniciativa dos próprios.

2. Com o ficheiro organizado de procura pretende-se detectar o volume mais premente de carências habitacionais a nível local, não sendo seu objectivo obter um inquérito generalizado a toda a população. Esse inquérito será efectuado brevemente pelo I. N. E.

3. Após preenchimento das fichas, pderá a autarquia local fazer uma selecção dos casos realmente urgentes.

4. O apuramento de resultados do ficheiro poderá ser feito pelo F. F. H., caso as autarquias o solicitem.

5. Após análise do ficheiro, poderá a autarquia local fazer uma selecção dos casos mais necessitados e propor solução para os casos realmente urgentes.

6. Quando da apresentação de soluções comparticipadas pelo F. F. H. deverá, sempre que possível, indicar-se a solução (ou soluções) consideradas mais adequadas para resolução do problema.

7. As fichas deverão acompanhar a proposta de soluções apresentadas ao F. F. H., juntamente com as restantes informações de listagem.

Novos médicos

DOIS ANOS OBRIGATÓRIOS DE INTERNATO DE POLICLÍNICA

Por decreto-lei dos Ministérios da Educação e Cultura e dos Assuntos Sociais, inserto na folha oficial de hoje, é extinto o ano de prática clínica das anteriores licenciaturas em Medicina, que passam a ser atribuídas pelas Universidades ao fim de seis anos de estudos médico-cirúrgicos, e torna-se o internato de policlínica, com a duração de dois anos, obrigatório para o exercício da medicina.

A partir desta data, aos que obtenham licenciaturas em Medicina não é permitido o exercício de actos médicos, fora do âmbito do internato de policlínica, antes da conclusão, com aproveitamento, do mesmo internato.

O vencimento dos internos de policlínica é o correspondente à letra K da escala geral do funcionalismo durante os doze primeiros meses de internato e o correspondente à letra J nos restantes, independentemente dos estágios que os internos se achem a frequentar.

Segundo se afirma nesse diploma, «julga-se, assim, contribuir positivamente para a elevação do nível de preparação dos médicos portugueses, vindo, aliás, ao encontro do que foi manifestado pelos alunos dos últimos anos das Faculdades de Medicina e recém-licenciados ao Ministério da Educação e Cultura e Secretaria de Estado da Saúde.

COMISSÃO DE MORADORES DE SANTO CONDESTÁVEL

. Realiza-se amanhã, na Escola Manuel da Maia, em Campo de Ourique, o Plenário de Moradores para a eleição da Comissão de Moradores de Santo Contestável. Trata-se de uma iniciativa da Pró-Comissão de Moradores, a qual organizou a «Semana da Cultura», a decorrer no Jardim da Parada, com bancas de livros, «posters», projecção de filmes, teatro, etc.

Uma das bancas do Jardim da Parada destina-se especialmente a prestar informações a todos os interessados em participar activamente na vida da comunidade e, consequentemente, nos trabalhos da futura Comissão de Moradores.

FALTA DE ÁGUA EM LISBOA

Os trabalhadores da E.P.A.L. (Empresa Pública das Águas de Lisboa) estão a desenvolver uma campanha contra o desperdício e o gasto supérfluo de água. A campanha conta com a colaboração das diversas Comissões de Moradores da região de Lisboa.

Ao mesmo tempo que se desenvolve esta campanha, está a criar-se a necessária especialização do pessoal da E.P.A.L. a fim de se proceder à reparação das avarias que, também elas, motivam grandes perdas do precioso líquido.

Nacional

Sobre José Diogo

A AEPPA NEGA A LEGITIMIDADE DOS TRIBUNAIS BURGUESES

. «Os tribunais herdados do fascismo, os tribunais burgueses só servem à burguesia e o povo recusa-lhes hoje legitimidade para julgar e decidir», afirma a AEPPA (Associação de Ex-Presos Políticos Antifascistas), numa declaração sobre o Tribunal Popular de Tomar, em que esta organização se compromete a envidar todos os esforços para fazer ratificar e cumprir a decisão ali tomada em 25 de Julho de absolver José Diogo.

Esta decisão vai ser submetida, conforme consta do próprio texto da sentença, à assembleia popular de Castro Verde, terra natural e de residência de José Diogo, ou a um órgão judicial por ela mandatado. Mas, se o poder judicial instituído tribunais tradicionais) não a aceitar, ou não tiver sido entretanto abolido, o tractorista acusado de ter provocado a morte do fascista e latifundiário que o explorou terá ainda de enfrentar, no dia 1 de Outubro, a justiça burguesa.

A este propósito, afirma a AEPPA que entre duas concepções de poder, de sociedade e de justiça que hoje se defrontam em Portugal, não há conciliação possível e só uma vencerá. Para fundamentar a ideia de que os tribunais burgueses não têm qualquer legitimidade para decidir dos destinos do povo, aquela organização recorda: «As suas decisões no campo do direito do trabalho, do direito de propriedade, do direito de habitação, do direito de família e do direito criminal (como noutros ramos) são hoje frontalmente desrespeitadas pelas massas populares que ocupam fábricas, casas e terras, resistem às desocupações ordenadas pelos juízes burgueses, não esperam pelos morosos e caros processos judiciais e administrativos para se casarem ou divorciarem de facto e que, quando necessário e perante o fantasma da crise económica, praticam o aborto que a burguesia qualifica de crime».

Depois de alertar que a luta por uma justiça popular e por tribunais populares «porque estamos numa situação revolucionária, não pode ser adiada», a AEPPA salienta que fazer aplicar a decisão popular sobre José Diogo «será uma prova de que a revolução avança».

Em S. João da Madeira

FORÇAS MILITARES DEFENDERAM PARTIDOS PROGRESSISTAS

. S. JOÃO DA MADEIRA, 30 — Por volta das 18 horas de ontem um conjunto inicialmente formado por cerca de 100 indivíduos, dirigiu-se à sede local da F. E. C. M.-L., situada na Rua 11 de Outubro desta vila, a fim de exigir que os dirigentes desse partido desmentissem as afirmações contidas num comunicado que distribuíra e em que classificava de reaccionários alguns comerciantes e industriais da região. Embora se não saiba exactamente quantas pessoas se foram integrando no cortejo, o certo é que ele foi engrossando pelo caminho e que o número de pessoas que acabaram por se juntar em frente da sede da F.E.C. (M-L) se elevava já, por volta das 19 horas, a algumas centenas. Apesar de terem conseguido os seus intentos, isto é, de terem obtido dos dirigentes da F. E. C. (M-L) um novo comunicado, os presentes, muito exaltados e cada vez em maior número, expulsaram os militantes da sede do partido e atiraram para a rua móveis e papéis a que depois lançaram fogo. Atribui-se esta última atitude ao facto de terem sido encontrados nas dependências «cocktails» Molotov, varapaus e correntes de ferro. Para evitar que o fogo alastrasse e, também, a fim de salvar alguns móveis ainda não consumidos pelas chamas, a P. S. P. pediu a intervenção dos bombeiros que compareceram no local mas foram impedidos de actuar pela multidão. Por volta das 22 horas os manifestantes, cujas fileiras iam engrossando, dirigiram-se para a sede do P. C. P., na Rua do Visconde de S. João da Madeira, tendo alguns dos presentes, segundo se afirma, mas sem que nos tivesse sido possível comprovar o facto, manifestado o propósito de incendiar o edifício não o tendo feito por nele residirem pessoas não relacionadas com esse partido político.

Alarmada pelas proporções do acidente, a P. S. P. pediu, então, auxílio ao Regimento de Infantaria 10 de Aveiro que se apressou a enviar um destacamento ao local e, mais tarde ao Comando da Região Militar do Porto, que enviou dois Chaimites, um Berliet e um «jeep» com reforços. Esta força não entrou imediatamente na vila, detendo-se na Arrifana da Feira, certamente na esperança de que os elementos militares vindos de Aveiro resolvessem a situação.

A multidão, cada vez mais exaltada e, agora, já formada por alguns milhares de manifestantes, foi recebida a tiro por militantes do P. C. P. que se encontravam na sede decididos a impedir a sua invasão. Uma destes tiros terá ferido, embora sem gravidade, o menor Adelino Nunes que recebeu tratamento no hospital. Durante os incidentes ficaram, ainda, feridos os menores Mário da Silva Moreira e Luís Trindade, que também receberam tratamento hospitalar. A presença das forças militares do Regimento de Infantaria 10 não fez dispersar a multidão que, aos gritos de «O povo não está com o M. F. A.» e outros «slogans» do mesmo género, pretendia à viva força passar revista à sede do P. C. P. convicta de nela encontrar um arsenal de armas. Na realidade, no interior da sede do partido apenas foram encontradas duas caçadeiras — uma de dois canos e uma de um cano — o que não contribuiu para apaziguar os ânimos por os presentes não acreditarem nas informações.

Verificando que a situação não melhorava, a Comissão Administrativa da Câmara Municipal, reunida com comissões de moradores no edifício da Câmara, resolveu intervir enviando ao local o seu presidente. Benjamim António de Oliveira Valente e dois vereadores, Aureliano de Magalhães e José Casal, que penetraram na sede do P. C. P., agora também defendida pelo destacamento militar vindo do Porto e que, assomando a uma varanda, estabeleceram diálogo com os presentes. Benjamim António de Oliveira explicou que não havia qualquer razão para aquela manifestação visto se encontrarem presentes elementos das Forças Armadas, e estas garantirem não haver na sede do partido senão as duas armas indicadas. Os presentes retorquiram que, embora respeitassem a Câmara e os seus representantes, não acreditavam naquela informação que pretendiam verificar. Depois de um longo debate, a multidão acabou por aceder, evitando-se, assim, que os acontecimento tivessem consequências mais graves. Por volta das 3 e 30, já a multidão tinha dispersado, embora as forças militares se mantivessem no local.

MÉDICO AGREDIDO

. ÁGUEDA, 30 — Depois de terem assaltado o Centro de Trabalho do P.C.P. de Águeda, manifestantes anticomunistas desta vila cercaram a sede do Sindicato dos Metalúrgicos e exigiram a demissão da respectiva Comissão Administrativa e a realização de novas eleições, alegando que as primeiras não tinham sido democráticas. Tendo conseguido o seu intento, dirigiram-se ao hospital e exigiram a imediata demissão dos drs. Luís Santo Amaro e Manuel Ferreira Louceiro, afirmando que os «comunistas» da Comissão Administrativa seriam todos saneados. Durante a manifestação, que levou a Comissão Administrativa do hospital a demitir-se, foi agredido o dr. Santo Amaro, que teve de ser evacuado do hospital para fugir à ira dos manifestantes. Foi pedida uma reunião com o Copcon para resolver os problemas que resultaram das demissões indicadas, sabendo-se que essa reunião terá lugar esta semana.

UMA NOTA DA 5.ª DIVISÃO DO E.M.G.F.A. SOBRE OS ACONTECIMENTOS NO ALENTEJO

. Por intermédio da 5.ª Divisão do E.M.G.F.A. recebemos a seguinte nota do Comando General da Região Militar do Sul:

. «Alguns órgãos da Imprensa nacional inserem notícias, atribuídas à ANI, sobre incidentes ocorridos em Évora, Estremoz, Vila Viçosa e Reguengos de Monsaraz, os quais se consideram alarmistas e não correspondem à verdade dos factos, dado que o que se passou foi o seguinte:

. «a) Desde 25 de Julho passado decorre em Estremoz uma feira. Dada a aglomeração de população, motivada pela feira, e o clima de mal-estar gerado por elementos do I.R.A., que pretendem levantar uns motores de uma herdade sem terem efectuado qualquer contacto prévio com o proprietário e sem apresentarem credenciais, originou-se uma manifestação envolvendo populares e agrários que impediram a saída dos motores de Estremoz e impediram o seu depósito no Grémio.

«Na sequência desta manifestação, alguns elementos entraram no Grémio, pedindo o saneamento da Comissão Liquidatária do mesmo, tendo nesta altura sido agredido um elemento daquela Comissão e ameaçado outro funcionário. Foram ainda rasgados alguns cartazes da Reforma Agrária, não se tendo efectivado a ocupação dada a intervenção do Regimento de Cavalaria de Estremoz. Os elementos mais salientes desta manifestação foram referenciados, estando a ser averiguadas as respectivas responsabilidades, a fim de se proceder em conformidade.

«Por intervenção do Regimento de Cavalaria de Estremoz o Grémio já abriu em 28 do corrente, efectuando-se diligências para a resolução do diferendo entre pequenos e médios proprietários e a Comissão Liquidatária do Grémio.

«b) Não se registou qualquer tentativa de assalto e ou ocupação do Centro de Trabalho do P.C.P. em Estremoz ou à sede de qualquer partido em Vila Viçosa.

«c) Durante o comício do P.C.P. em Reguengos de Monsaraz, nenhum incidente se registou.

«d) Quanto aos incidentes registados no comício do P.S. em Évora, estes incidentes foram provocados inicialmente por elementos desafectos à manifestação, que se aproximaram do núcleo de participantes do comício, provocando-os. Em reacção, alguns participantes do comício agrediram os provocadores com pedradas, perseguindo-os. Os feridos foram transportados ao hospital em viatura da Polícia Militar.

«Perante a intervenção de outros elementos adversos à manifestação, que já se esboçava, a Polícia Militar fez tiros para o ar, tendo assim controlado a situação.

«A fim de evitar confrontações, a Polícia Militar encontrava-se colocada entre os participantes no comício e elementos adversos a ele, que se manifestavam e permaneciam a cerca de 200 metros daqueles.

«Posteriormente, a Polícia Militar, já próximo do final do comício, teve que voltar a fazer fogo para o ar, dado que de novo houve intenção de perturbar o comício.

«A dispersão dos participantes realizou-se sem incidentes, tendo tido lugar, posteriormente, uma concentração com discursos de feição diversa da anterior, noutro local. Os manifestantes desta concentração aproximaram-se da sede do P.S., já guardada pela Polícia Militar, tendo atirado algumas pedras que partiram vidros.

«A acção da Polícia Militar impediu novos incidentes. Pouco depois, os manifestantes dispersaram.»

CIDADE MARGINAL

A LAVRADORA DE REGUENGOS

Algumas dezenas de populares, apoiados pela Comissão de Moradores da zona, ocuparam há dias, na Rua da Penha de França, uma sumptuosa vivenda (cerca de trinta divisões e um amplo e arborizado jardim), pertencente a Marília Janes, filha única de um dos maiores latifundiários de Reguengos de Monsaraz (Alto-Alentejo). E nela instalaram um infantário para as crianças pobres dos bairros da lata limítrofes (Peixinho, Vale Escuro e Alto da Eira).

Operação idêntica a muitas outras levadas a cabo por esse País fora, após o 25 de Abril, e (frise-se) já legalizada pelo Copcon. Só com uma particularidade de excepção: Marília James (que só ocupava a habitação vinte ou trinta dias ao longo do ano, e em períodos alternados) fez uma exigência singular. Autorizava a ocupação, sim senhor, mas só se os elementos da Comissão de Moradores se responsabilizassem em arranjar-lhe um apartamento (com garagem), na Avenida de Roma ou arredores.

O HUMOR NEGRO DA BURGUESIA

Sem comentários... ou não estivessemos perante aquilo a que podemos chamar com propriedade de «um certo humor negro da burguesia». Mas a vivenda foi ocupada (sem condições) e, neste momento, vinte crianças já gozam da sua protecção, bem longe do desconforto e da fome das suas pobres barracas de zinco e madeira. E brevemente outras sessenta lhes irão fazer companhia.

UM NOVILHO TRANSVIADO

Na Abergoaria da Câmara, ao Campo Grande, encontra-se «depositado» um novilho de belo porte que a Secção de Justiça da P. S. P. entregará a quem provar ser o seu legítimo proprietário. O animal foi achado quando vagueava perdido nuns terrenos anexos ao Caramão da Ajuda.

Arnaldo Matos em Moscavide

DESTRUIR O ACORDO ENTRE AS DUAS SUPERPOTÊNCIAS

«Existem acordos sobre a divisão da Europa entre imperialistas americanos e social-imperialistas revisionistas soviéticos», afirmou Arnaldo Matos no comício do M. R. P. P. realizado em Moscavide.

. Perante uma assistência que ocupava por completo o Pavilhão Atlético de Moscavide, e através dos altifalantes que transmitiam as palavras do secretário-geral do M. R. P. P. às centenas de pessoas aglomeradas à volta do recinto, o orador referiu-se à guerra de Angola, pondo em causa a acção dos comandos portugueses no actual confronto M. P. L. A.-F. N. L. A.

. Igualmente foi abordada a questão dos Açores onde o imperialismo «yankee» — disse — prepara uma secessão. Na linha convencional do M. R. P. P., as invectivas ao P. C. P. argumentavam estes e outros pontos da alocução de Arnaldo Matos.

. Para o dirigente operário, o V Governo Provisório será o «mais curto», e sobre os órgãos do Poder considerou que «as divergências dos exploradores e seus lacaios residem num só facto: como será possível, num momento em que a Revolução rebenta por todo o lado, impedir o desencadeamento da Revolução, esmagar o proletariado e o povo em luta, impedir que os objectivos das massas populares possam ser realizados e que a classe dos exploradores seja enterrada com todos os conciliadores e traidores? A táctica, eis o dilema da classe dominante».

. Analisando a situação no interior das fileiras do proletariado revolucionário, Arnaldo Matos apontou as tarefas urgentes: fundar o Partido Comunista e consolidar sob uma direcção única os órgãos da vontade popular. Aquele dirigente salientou a importância das comissões de trabalhadores e de moradores, concluindo que o «único movimento de libertação do povo português é o M. R. P. P.»

. No comício falaram, entre outros, João Alexandre, da Comissão de Moradores de Moscavide, e o membro do Comité Central do M. R. P. P. João Machado, que defendeu a aliança operário-camponesa na realização efectiva do controlo operário.

. Além de uma mensagem da organização de soldados e marinheiros R. P. A. C., foram enviados à mesa diversas moções provenientes de sectores operários do partido.

. Entretanto, o M. R. P. P. promove no próximo sábado, pelas 21 horas, um comício no Palácio de Cristal do Porto, com a presença do secretário-geral do partido maoísta.

Nacional

Professores da "BASE" não concordam com a Intersindical

. Os professores de Lisboa, da Base-Frente Unitária de Trabalhadores, que fazem parte do grupo de proponentes do anteprojecto «C» emitiram um comunicado em que afirmam que a adesão do Sindicato dos Professores a uma Central Sindical Única, a Intersindical, «é a forma de salvaguardar a unidade dos professores com os restantes trabalhadores».

No entanto, o documento diz que, para haver uma adesão representativa e consciente do Sindicato dos Professores, é necessário que os professores «tenham conhecido e discutido amplamente os estatutos da Central Sindical Única» e que tenham também «consciência das consequências práticas dessa adesão representativa».

O comunicado diz ainda o seguinte:

. «É importante dizer que os professores da Base-F.U.T. não concordam de maneira nenhuma com a linha dominante seguida actualmente na Central Sindical Unica, que é expressão de uma tendência sindical reformista e de cúpula que se traduz nas práticas manipuladoras do seu Secretariado, não permitindo aos trabalhadores defenderem os seus interesses de classe.

«No entanto, será pela luta no seio da Central Sindical Única que se conseguirá transformá-la num organismo revolucionário que, conjuntamente com outras Organizações Unitárias de Trabalhadores contribua para a construção de uma sociedade socialista, via para uma sociedade sem classes.

«Consideram ainda os professores da Base-F.U.T., que esta tentativa de vincular a classe a uma adesão automática e incondicional à Central Sindical Única no presente contexto, não é correcta.

«Assim, entendem dever exigir à C.D.P. que promova um amplo esclarecimento e debate, antes da votação sobre a aderência dos professores à Central Sindical Única.»

FALSOS INQUÉRITOS NA AMADORA

. Indivíduos não identificados e fazendo-se passar por elementos das Comissões de Moradores da Amadora têm-se dirigido a várias casas pedindo informações sobre existência de ouro, número de divisões de casas, composição do agregado familiar, e dando ainda a entender que nessas casas teriam de ser alojados refugiados das ex-colónias.

Tais actividades parecem visar o lançamento de confusão no seio da população. Deste modo, o executivo do Conselho de Moradores da Amadora pede que logo que sejam detectados actos deste tipo se comunique imediatamente para a P.S.P., G.N.R., Comandos da Amadora, ou Junta de Freguesia.

NOVOS HORÁRIOS NA LINHA DE CASCAIS

Porque as obras de construção da passagem subterrânea para peões, em Algés, começam já no dia 4 de Agosto, os horários dos comboios da linha de Cascais sofrerão alterações.

Estas alterações, pensadas tendo em vista não prejudicar os utentes daquela linha, são as seguintes: a estação de Algés deixará de ser considerada semi-«términus»; são suprimidos os comboios da série 900 (de e para Algés), sentido ascendente — Cais do Sodré-Cascais.

Entretanto, os comboios da série 800 antecipam a sua partida da estação do Cais do Sodré: em vez desta se efectuar aos 4, 19,, 34 e 49 minutos, passa a ser feita aos 2, 17, 32 e 47, respectivamente, com paragem, também, em Santos, Belém e Pedrouços.

Quanto ao sentido descendente os comboios da mesma série, com partidas da estação de Oeiras aos 6, 21, 36 e 51 minutos, passarão a parar, também, em Pedrouços, Belém e Santos.

A Sociedade Estoril aconselha os utentes habituais desta linha a consultar os horários dos comboios da série 800.

Dar sangue no Príncipe Real

A unidade móvel do I.N.S., estacionada no Príncipe Real, funciona como posto fixo todos os dias com uma equipa médica e de enfermagem para colheita de sangue.

O horário de atendimento é das 10 às 12 e 45 e das 17 às 19 e 45, situando-se as idades limite para a dádiva de sangue entre os 18 e os 65 anos, sendo cada pessoa examinada clinicamente antes de fazer a sua doação.

ATENÇÃO TRABALHADORES QUÍMICOS!

— **Cobradores**
— **Contínuos e Porteiros**
— **Electricistas**
— **Enfermeiros**
— **Engenheiros**
— **Hotelaria**
— **Metalúrgicos**
— **Oficiais Maq. M. Mercante**
— **Telefonistas**
— **Trabalhadores Comércio**
— **Transportes Rodoviários**

Realizam-se **HOJE** as assembleias para decidir sobre a vossa integração no Sindicato dos Trabalhadores das Indústrias Químicas.

Sectores abrangidos:

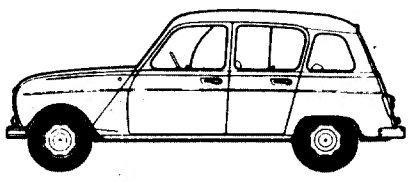
Borracha; Composição e Transformação de Matérias Plásticas; Óleos Vegetais, seus Derivados e Equiparados; Colas, Aprestos, Agar-Agar e Produtos Afins; Tintas e Vernizes; Petróleos; Produtos Químicos para a Agricultura e para a Indústria e Produtos Resinosos.

O GRUPO DE TRABALHO PARA VERTICALIZAÇÃO DO SECTOR QUÍMICO

Liberdade às quatro rodas!

Renault 4

Tome descontraidamente, o seu lugar de condutor: Confortável, não é verdade?
– O desenho dos assentos foi estudado por fisiologistas.
Faça a ligação e arranque: Que tal? Maleável, com genica, tal como você gosta – Motor de 852 cm, velocidade: 110 Km/h.
Siga para a estrada: Vá reparando nas qualidades de estradista do Renault 4.
Que nervo! E que segurança?
– Tracção à frente. Travões com repartidor de pressão.
Entre em terrenos difíceis: O Renault 4 ri-se dos maus caminhos – Suspensão por barras de torsão, de grande elasticidade e resistência.
Abra a 5a. porta: Repare na quantidade de volumes que pode transportar! 296 dm3 a 1185 dm3, por rebatimento do banco traseiro
Ao fim de uns milhares de Kilómetros faça contas: Sem lubrificação. Mudança de óleo cada 5.000 Km. Pouco consumo. Uma verdadeira economia.



ESPIRAL-C/1/75

Livre-se de preocupações com o automóvel.

UTIC

SALÕES DE EXPOSIÇÃO E VENDAS

Av. da Liberdade, 114 e Av. da República, 45

LISBOA

RENAULT

VISITE A SECÇÃO ECONÓMICA PARA HOMENS

DO Charlot

NA RUA DE SANTA MARTA, 46-1.º
ONDE TODOS OS ARTIGOS SÃO A PREÇOS POPULARES

LEGENDA DO CIDADÃO MIGUEL LINO

Estreia Brevemente no Teatro Maria Matos

ENFERMEIRA

Precisa-se para trabalhar em Colónia de Férias, na Praia das Maçãs, no período de 31 de Julho a 22 de Setembro do corrente ano.

Oferece-se ordenado mensal de 8850$00.

As interessadas deverão contactar os Serviços Sociais da C. P., no Largo do Duque de Cadaval, em Lisboa.

Nacional

Foi inaugurada esta manhã a Estufa Quente, obra que se fica a dever ao esforço de um grupo de trabalhadores dos jardins da Câmara Municipal de Lisboa.

Cerca de cinco mil plantas das regiões equatoriais e tropicais fazem parte do novo jardim, que se localiza entre a Estufa Fria e a Avenida D. Nuno Álvares Pereira, no Parque Eduardo VII. A área coberta é de cerca de tres mil metros quadrados e a largura maior quase roça os 70 metros.

Como nota curiosa, diga-se que foi aproveitada uma nascente natural, dirigindo-se a água, através de cascatas, até um largo central situado na parte inferior da Estufa.

O vice-presidente da Câmara Municipal de Lisboa esteve presente na inauguração, bem como o dr. Pireira Santos, director dos Serviços Culturais da C. M. L.

Em Novo Redondo

MILITARES DA F.N.L.A. ENTREGARAM-SE AO M.P.L.A.

LUANDA, 30 — (Pelo nosso correspondente) — Dois sargentos do E. L. N. A. (Exército da F. N. L. A.) e 15 soldados entregaram-se às F. A. P. L. A. (forças armadas do M. P. L. A.) após graves recontros registados entre os dois movimentos em Novo Redondo. Notícias chegadas a esta capital fazem admitir a hipótese de que no distrito do Cuanza Sul (a que pertence Novo Redondo e o Lobito) existem outros pontos de confronto entre os guerrilheiros do M. P. L. A. e os militares da F. N. L. A. Desconhecem-se todavia o número de vítimas.

Entretanto, constituiu uma grande manifestação popular o funeral dos guerrilheiros do M. P. L. A. vítimas dos incidentes com tropas portuguesas na Vila Alice, que ontem se realizou em Luanda.

Henrique Santos, secretário de Estado do Comércio do Governo de Transição, deslocou-se a Lisboa a fim de apresentar ao Conselho da Revolução os pontos de vista do M. P. L. A. sobre a actual situação em Angola.

Em Luanda não se têm registado incidentes e o E. L. N. A. continua a resistir no forte de São Pedro da Barra em redor do qual os militares da F. N. L. A. colocaram minas para evitar o avanço das F. A. P. L. A.

No Caxito a situação mantém-se estacionária, embora a coluna da F. N. L. A. continue com a intenção (anunciada) de avançar sobre Luanda.

Por último, regista-se que na cidade de Malanje se refugiaram seis mil pessoas no quartel das Forças Armadas Portuguesas.

(Ler na pág. 10)

Reestruturação de Indústria Seguradora

UM ÚNICO ORGANISMO GESTOR PARA O SEGURO DE AUTOMÓVEIS

A criação de um único organismo gestor do ramo automoveis é uma das hipóteses consideradas pela Comissão de Coordenação e Reestruturação da Indústria Seguradora, por intermédio do seu Grupo de Trabalho do Ramo Automóveis. Aquela hipótese traduz fundamentalmente a integração do Ramo Automóveis de todas as companhias num único organismo, implicando ao mesmo tempo uma ampla descentralização por todo o País, com o aproveitamento, pelo menos parcial, das actuais infra-estruturas.

De acordo com o referido Grupo de Trabalho, as vantagens da criação de um único organismo seriam as seguintes: eliminação total da concorrência, assegurando uma uniforme prestação de serviços racionalização de processos de gestão com a consequente deminuição de custos administrativos; melhor aproveitamento dos sectores periféricos (informática, contabilidade, estatística, serviços clínicos, cobranças, contencioso); uniformização de critérios, de regularização de sinistros; maior rapidez na liquidação; possibilidade de abertura do sector nacionalizado aos trabalhadores das companhias de capital misto e estrangeiro.

Como inconvenientes desta hipótese, apontam-se: amplitude dos problemas humanos dos trabalhadores do sector; eventuais dificuldades de integração das carteiras do ramo Automóveis das companhias não nacionalizadas.

Uma outra hipótese apresentada pelo Grupo de Trabalho preconiza a criação de um único organismo gestor apenas para o seguro obrigatório. Relativamente à anterior, esta hipótese contém uma limitação de amplitude, mantendo, no entanto, as suas características gerais.

Uma terceira hipótese «aposta» na manutenção do sistema actual, uniformizando métodos de gestão. Esta hipótese traduz-se, nas suas linhas gerais, na subsistência do actual sistema que só se justificaria dentro de uma óptica de concorrência. Abolida esta, os encargos administrativos e dificuldade da uniformização de critérios tornam absurda a sua manutenção, mesmo admitindo a possibilidade de integrar alguns serviços, tais como peritagens, informática, estatística, etc.

Nas suas conclusões, o Grupo de Trabalho assinala que «embora o objectivo final a atingir seja a total integração do Ramo Automóveis num único organismo gestor, razões de exequidade prática levam-nos a optar pela segunda hipótese, isto é, um organismo gestor apenas para o seguro obrigatório automóveis». O mesmo Grupo acrescenta que «esta opção representa até um significativo passo no sentido do objectivo final, quer a nível do Ramos Automóveis, quer a nível da reestruturação da indústria».

O projecto de reestruturação do Ramo Automóveis elaborado pela Comissão de Coordenação e Reestruturação da Indústria Seguradora, por intermédio do seu Grupo de Trabalho do Ramo Automóveis, encontra-se já numa fase adiantada de apreciação. Nesse documento, são apresentadas várias soluções, em alternativa, indicando-se dentre elas, as opções que, no presente condocionalismo sociopolítico, se consideram mais eficazes.

Preconizando a adopção de esquemas de soluções voltadas para «uma concepção socialista da sociedade», o projecto de reestruturação do Ramo Automóveis, depois de analisar as actuais condições de exploração daquele ramo de seguros, refere-se, pormenorizadamente, aos objectivos imediatos, definindo não só as bases fundamentais do regime jurídico da responsabilidade civil por acidente de viação e do regime jurídico do seguro obrigatório automóveis, mas ainda as linhas gerais da estrutura da actividade seguradora, no caso específico do ramo automoveis.

O documento apresenta ainda um desenvolvido estudo sobre os objectivos a curto e a médio prazo.

Entre as principais soluções consagradas no projecto de reestruturação da actividade seguradora do ramo salientam-se: recomendado o princípio de responsabilidade objectiva pura, no domínio da responsabilidade civil, como forma de colectivização da responsabilidade, de acordo com uma concepção socialista da sociedade; recomendado o imposto por meio de selo, conjugado com os já implantados impostos de circulação e/ou compensação como sistema que melhor responderá a uma perspectiva socialista do regime jurídico do seguro obrigatório automóveis; recomenda a criação de um organismo gestor apenas para o seguro obrigatório automóveis.

GREVE NAS BOMBAS DE GASOLINA

As bombas de gasolina estiveram esta manhã encerradas durante duas horas, entre as 9 e as 11. Assim se iniciou uma greve progressiva dos trabalhadores das garagens, que lutam por melhores condições de vida. O pomo da discórdia com o patronato são as reivindicações salariais para o contrato colectivo de trabalho em negociação. Exigindo aumentos de 2 mil escudos, os trabalhadores não ficarão a ganhar mais do que 5500$00 e 6500$00. Se os patrões mantiverem a recusa, as bombas voltarão a encerrar amanhã, das 9 ao meio-dia.

Na FIGUEIRA DA FOZ o DIÁRIO DE LISBOA vende-se na PAPELARIA PESSOA

ARTIGOS FOTOGRÁFICOS

Fotografia, filmar, projectar, e sonoras, de «slids», rolos e acessórios, sempre a preços populares na Secção das «GALERIAS ROLDÃO», Avenida Almirante Reis, 13-E.

CONSELHO DA REVOLUÇÃO DOMINA O DIA POLÍTICO

A reunião do Conselho da Revolução, a decorrer no Palácio de Belém desde as 15 e 30, domina um sobrecarregado dia político e precederá de qualquer forma o anúncio da constituição do V Governo Provisório, que talvez só amanhã seja tornada pública. Também para amanhã está prevista a partida do general Costa Gomes para Helsinquia, chefiando a delegação portuguesa à conferência de Segurança e Cooperação Europeia. Com ele irá nomeadamente o ministro dos Negócios Estrangeiros — aliás o novo ministro.

Entretanto a chegada de Havana do general Otelo Saraiva de Carvalho, indicado para fazer parte do «triunvirato» que a partir de agora assumiria a direcção política do processo revolucionário, foi o acontecimento da manhã, como se depreende da reportagem do «D.L.». Recorda-se que o comandante do Copcon fez em Cuba uma referência expressa à possibilidade de vir a ser um de dois vice-Primeiros-Ministros no novo Governo, o que tem sido interpretado como uma exigência de fundo da oficialidade do seu Comando Operacional.

Para o outro posto de vice-Primeiro-Ministro continua a adiantar-se o nome do prof. José Teixeira Ribeiro, até aqui reitor da Universidade de Coimbra e reputado fiscalista. A circunstância de ele próprio ter feito convites a individualidades para entrarem no Governo dá todo o peso à hipótese.

ROCHA E CUNHA NA JUSTIÇA

Entretanto, um desembargador da Relação de Lisboa, o dr. Joaquim da Rocha e Cunha, deverá suceder ao dr. Salgado Zenha como titular da pasta da Justiça, cargo para o qual haviam sido sugeridos outros três nomes em sucessão cronológica: drs. Duarte Vidal, Silvino Vilanova e Xencora Camotim, o primeiro e o terceiro advogados, o segundo magistrado.

Filho de um falecido ministro da I República, Rocha e Cunha tem a reputação de ser intergérrimo. Marcou sempre distância face aos ministros da Justiça do anterior regime e oposicionistas de Leiria nos anos 70 recordam-se da sua verticalidade profissional e política.

Uma outra hipótese com toda a credibilidade é a de o dr. Nelson Trigo, secretário de Estado do Abastecimento e Preços no III Governo Provisório, vir a encabeçar um novo Ministério, o do Comércio Interno, talvez com o dr. Mário Ruivo, ex-secretário de Estado das Pescas, provido no Ministério do Comércio Externo. A propósito do dr. Mário Ruivo: o seu nome já correu também como um «provável» secretário de Estado dos Negócios Estrangeiros, sucessor aí, portanto, do dr. Jorge Campinos.

Julga saber-se que no Porto foram feitos contactos com individualidades alegadamente ex-M. E. S., nomeadamente o eng. Rui de Oliveira e o prof. (de Belas-Artes) Jacinto Rodrigues, mas a nossa fonte de informação inclina-se para o facto de estes dois nomes poderem vir a figurar no novo elenco não como ministros, mas como secretários de Estado. Do Porto veio também um desmentido formal: o dr. Rui Polónio de Sampaio, advogado e antigo dirigente académico em Coimbra, não está «nomeável» nem sequer pensa sair da Constituinte, onde representa o Partido Socialista.

Para as pastas da Coordenação Económica, Transportes e Comunicações e Agricultura, três nomes praticamente certos e inamovíveis: dr. Mário Murteira, eng. Veiga de Oliveira e eng. Oliveira Baptista. Para os Assuntos Sociais avulta a candidatura do dr. António Galhordas, secretário de Estado da Saúde durante os 56 dias do I Governo Provisório, continuando a apontar-se o dr. Moradas Ferreira como possível sucessor do dr. Carlos Matos Chaves de Macedo no departamento da Saúde, um dos que maior «mexida» têm levado desde Maio de 1974.

O eng. João Cravinho e o dr. Jorge Sampaio decidiram não participar no V Governo Provisório. Ambos o disseram ontem a jornalistas,

Nacional

Sindicato dos jornalistas

DUAS LISTAS NAS ELEIÇÕES DE 12 DE AGOSTO

As eleições para os corpos gerentes do Sindicato dos Jornalistas, marcadas para 12 de Agosto, serão disputadas por duas listas, o que acontece pela primeira vez, desde há largos anos.

A primeira lista a dar entrada no Sindicato, anteontem, identifica-se por uma sigla que poderá definir ideológica e profissionalmente os seus componentes: «Por uma Informação em Defesa das Massas Populares e dos Trabalhadores, Contra a Manipulação Partidária».

A lista integra apenas quatro elementos dos corpos gerentes cessantes: dois da direcção (o presidente e um vogal), o presidente da Assembleia Geral e o secretário do Concelho Técnico e de Disciplina. Uma análise rápida da lista leva a verificar que dela fazem parte jornalistas que, desde há vários anos, se têm tornado notados por uma prática sindical intensa, constituindo o que pode chamar-se uma oposição no seio do Sindicato. Sem nunca se terem candidatado a qualquer cargo directivo, alguns deles apoiaram listas anteriores, nomeadamente em 1970, quando uma mais dinâmicas campanhas realizadas no Sindicato dos Jornalistas afastou a última direcção fascista. Além disso, muitos dos elementos que agora se candidatam têm sido eleitos, nos últimos anos, para várias comissões de trabalho no âmbito do Sindicato, nomeadamente as que elaboraram projectos de estatutos, contratos colectivos de trabalho, projectos sobre a legislação relativa à liberdade de Imprensa, etc.

De um ponto de vista ideológico, os elementos da lista não se identificam, na generalidade, com as posições dos partidos que têm estado nas várias coligações governamentais. Integrando muitos elementos sem partido e outros afectos a organizações de esquerda, sabe-se que todos assumiram um compromisso, segundo o qual a frente constituída para concorrer às eleições do Sindicato exclui qualquer aproveitamento partidário.

A lista não divulgou ainda, naturalmente, o seu programa, mas é de prever que defenda a verticalização do sindicato, em termos que só a prática definirá, assim como a unicidade sindical, muito embora ponha em questão a falta de democraticidade interna da Intersindical.

Num outro plano, pode dizer-se que fazem parte da lista jorkalistas com prestígio profissional firmato. Muitos deles fazem parte de comissões de Trabalhadores, Conselhos de Redacção e sendo também delegados sindicais.

E a seguinte a constituição da lista: Direcção efectiva — Presidente, Adelino Cardoso («Diário Popular»); vice-presidente, Alberto Carvalho («Comércio do Porto»); secretários, Acácio Barradas («Diário Popular») e José Gomes Bandeira («Diário de Lisboa»); tesoureiro, Avelino Rodrigues (RTP); vogais, José Luelmo («O Século»), Orlando Raimundo («O Século»), Maria Armanda Reis («Diário Popular»), Cesário Borga (RTP), Manuel Mota de Pina («Jornal de Notícias») e Costa Carvalho («Comércio do Porto»).

Direcção suplente — Presidente, Rodrigues da Silva («Diário Popular»); vice-presidente Frederico Martins Mendes («Jornal de Notícias»); secretários, Fernando Gaspar («A Capital»); e Fernando Martins Mendes («Jornal de Notícias»); tesoureiro, Francisco Neves («Diário de Lisboa»).

Assembleia geral efectiva — Presidente, Silva Costa («Diário de Notícias»); vice-presidente, Joaquim Queirós («Comércio do Porto»); secretários, Edmundo Perdiz («República») e Manuel Gonçalves da Silva («Flama»).

Assembleia geral suplente — Presidente, Alexandre de Oliveira (ex-«Diário de Lisboa», desde há dias na «República»); vice-presidente, Manuel Dias («Jornal de Notícias»); secretário, Jaime Antunes («Jornal do Comércio») e Serafim Lobato («O Século»).

Conselho técnico — Presidente, Afonso Praça («O Jornal»); secretário, Albertino Antunes («Vida Mundial»); vogais, Luis Saraiva («República»), José Reis («Comércio do Porto») e Jorge Campos («Comércio do Porto»).

Esta lista disputará as eleições com outra que deu entrada na secretaria do Sindicato poucas horas depois e se identifica pela sigla: «Por um jornalismo ao serviço do Povo».

Esta segunda lista tem a seguinte constituição: Direcção efectiva — Presidente, Mário Contumélias («Diário de Notícias»); vice-presidente, António Santos Ribeiro («Primeiro de Janeiro»); secretários, Mário Ferreira Figueiredo («Primeiro de Janeiro») e Rui Pimenta («O Jornal»); tesoureiro, Francisco Mendes Pedro («Diário de Lisboa»); vogais, Alfredo Mourão («A Capital»), Diamantino Ferreira Bravo («Jornal de Notícias»), Joaquim Gaio («O Século Ilustrado»), Mateus Boaventura («Diário de Notícias»), José Freire Antunes («Diário de Lisboa») e Nelson Lobo Pimentel («O Século»).

Direcção suplente — Presidente, Roby Amorim («O Século»); vice-presidente, Fernanda Gomes («Jornal de Notícias»), secretários, José Augusto Vasconcelos Vale («Primeiro de Janeiro») e Wilton Fonseca («Jornal Novo»); tesoureiro, Fernando Barradas Rodrigues Alves («Comércio do Porto»).

Assembleia geral efectiva — Presidente, Adriano de Carvalho («Jornal do Comércio»); vice-presidente, António Cordeiro («Primeiro de Janeiro»); secretários, Meira da Cunha («Capiral») e Maria Júlia Bailarim («Vida Mundial»).

Assembleia geral suplente — Presidente, Maria Antónia Palla («Vida Mundial»); vice-presidente, Abílio Marques Pinto («Primeiro de Janeiro»); secretários, José António Almeida Pinheiro («Jornal de Notícias») e Susana Abelaira («Modas e Bordados»).

Conselho Técnico — Presidente, José António Barradas Rodrigues Alves («Capital»); secretário, João Carreira Bom («O Século Ilustrado»); vogais, José Ricardo Guedes Pereira («Comércio do Porto»), Manuel Geraldo («Diário de Lisboa») e José Rocha Vieira («Jornal do Comércio»).

ORGANIZAÇÃO POPULAR

Criado o C.D.R. dos despachantes

Os trabalhadores dos Despachantes Oficiais de Lisboa organizaram-se em Comité de Defesa da Revolução (C. D. R.), e apelam para que todos os trabalhadores da profissão adiram, independentemente, do sexo, a este movimento de base, unitário e apartidário.

PLENÁRIO EM TOMAR

No dia 10 de Agosto, pelas 15 horas, realiza-se um plenário no pavilhão Gimnodesportivo em Tomar para eleição da nova Comissão Administrativa da Câmara Municipal. O Secretariado Executivo do Concelho propõe que sejam discutidos, como segundo ponto da Ordem de Trabalhos, as formas para a eleição da Assembleia Popular do Concelho.

O Secretariado Executivo apela para que o povo do concelho de Tomar, em geral e, em especial, para as Comissões de Moradores, Trabalhadores, Associações Sindicais, Culturais, Autarquias locais e todas as associações populares, compareçam em massa no Plenário.

MORADORES DA PONTINHA

A Comissão de Moradores da Pontinha, propõe ao Conselho da Revolução que lhes seja concedida dispensa para tratar de assuntos inerentes aos conselhos de moradores, tal como acontece com direcções e delegados sindicais.

CAMPOLIDE

Um grupo de moradores das ruas Victor Basto, Leandro Braga Soares, Conde de Nova Goa, Artilharia Um, D. Carlos de Mascarenhas (até 41/34), Marquês da Fronteira (zona de Campolide), Travessa Estevão Pinto, Beco Estevão Pinto e Travessa das Irmãzinhas Pobres promove uma reunião com vista à formação de uma comissão de moradores. Por isso convoca toda a população das citadas ruas para comparecer no plenário que se realiza hoje, pelas 21.30 na sede do Campolide Atlético Clube, na Rua Marquês da Fronteira, 163-1.º

MONTEMOR-O-NOVO

O povo desta vila aprovou uma moção, num plenário realizado no Cineteatro Curvo Semedo, em que manifesta o propósito de se reunir em comissões populares de base que, nos termos do documento guia da Assembleia do Movimento das Forças Armadas e em íntima aliança com o M.F.A. «rasgue de uma vez para sempre e sem ambiguidades, o caminho para a construção do socialismo e da eliminação latifundista capitalista».

Segundo os jugoslavos

A SOLUÇÃO DO PROBLEMA PORTUGUÊS INTERESSA A TODA A EUROPA DO SUL

«A responsabilidade das forças democráticas de Portugal encontra-se submetida à sua mais dura prova até hoje», escreve o jornal «Komunist», órgão da Liga dos Comunistas da Jugoslávia, num comentário à situação política em Portugal. E o semanário observa que a solução do problema português se reveste de uma importância que ultrapassa as fronteiras do país, nomeadamente para a solução da crise do regime franquista em Espanha, para a nova afirmação das forças progressistas na França e na Itália, para a relação de forças em todo o continente europeu e, finalmente, para o bom resultado do processo de descolonização em Angola.

«Seria errado e muito perigoso» — nota o órgão oficial da Liga dos Comunistas Jugoslavos — «ligar exclusivamente o M.F.A. à ideia de progresso e proclamar reaccionário o Partido Socialista. Mas também não são exactas as teses que atribuem a este partido o monopólio da democracia e acusam o M.F.A. de ter caído sob a influência de concepções totalitárias». Na verdade, prossegue o «Komunist», quer os militares de orientação progressista, quer as massas aderentes do P.S. fazem parte de um vasto movimento de forças progressistas, independetemente das relações momentâneas dos seus dirigentes».

PCI: «PORTUGAL SITUA-SE NA EUROPA OCIDENTAL

Fazendo-se eco das preocupações dos comunistas jugoslavos, o Partido Comunista Italiano, pela pena do director do seu órgão oficial «L'Unita», afirma que as perspectivas de Portugal se situam sem dúvida no âmbito da Europa Ocidental — referência clara ao significado para a Europa Mediterrânica do sucesso ou insucesso da experiência portuguesa.

Apoiando as palavras de Costa Gomes à Assembleia do M.F.A., o jornal do P.C.I. afirma que a defesa da democracia não é «um elemento de atraso», mas sim «uma componente indispensável do processo revolucionário», e que o ponto mais preocupante da actual situação é a «ruptura» do alinhamento entre o Povo e o M.F.A.

Referindo-se aos motivos de divergência do P.C.I. com o P.C.P., «L'Unita» afirma que as liberdades políticas fundamentais não são para «tolerar, mas para defender como uma bandeira própria do movimento operário» e que o papel dos partidos é «insubstituível», devendo rejeitar-se a contraposição entre os organismos de democracia representativa e o tecido de democracia de base.

Abordando a situação portuguesa, o órgão da Democracia-Cristã ataca, por sua vez, Vasco Gonçalves afirmando terem «terminado os tempos em que o Primeiro-Ministro falava de sociedade pluralista, de defesa da liberdade, para manter as distâncias em relação ao líder comunista Álvaro Cunhal que propunha para Portugal o modelo das democracias de Leste». «Acabaram sobretudo os tempos silenciosos de Vasco Gonçalves», escreve o «Il Popolo».

A SITUAÇÃO CONTINUA A SER TENSA E COMPLICADA — considera o «Neus Deutschland»

«Os observadores da cena política portuguesa estão de acordo em reconhecer que mesmo as medidas mais decididas para reorganizar o aparelho central do Estado só constituem o começo da verdadeira estabilização da situação, que continua a ser tensa e complicada» — escreve o jornal da Alemanha Democrática «Neus Deutschland» num comentário à situação política em Portugal.

Segundo o jornal leste-alemão «a formação de um directório revolucionário, assim como a constituição de um novo Governo sob a chefia de Vasco Gonçalves foram aceites com satisfação e alívio pela opinião pública democrática e pelo sector politicamente consciente da população, especialmente a classe operária».

Por seu turno, o jornal soviético «Pravda» insere ontem, na parte central da sua secção de notícias internacionais, uma selecção de informaçãoes sob o título: «Portugal: um amplo apoio à política democrática». Os partidos democráticos, os sindicatos, assim como amplas massas de trabalhadores de Portugal — sublinha o jornal soviético — aprovam a decisão de criar uma direcção política do País, tomada na sessão extraordinária da Assembleia do M.F.A. O «Pravda» traz trechos das declarações do P.C.P. e do M.D.P. sobre o apoio às resoluções da Assembleia.

PORTUGAL NÃO PÕE EM PERIGO O DESANUVIAMENTO NA EUROPA —afirma o "Izvestia"

A União Soviética rejeitou sugestões de que «uma inclinação para a esquerda» na política portuguesa ameaçava o desanuviamento Leste-Oeste. A posição soviética, expressa através do jornal governamental «Izvestia», segue-se a declarações dos dirigentes americanos no sentido de que um regime de esquerda em Portugal poderia alterar o delicado equilíbrio político-militar mundial. Gerald Ford declarou mesmo que incitaria os dirigentes soviéticos a reduzir o apoio material aos comunistas portugueses e a não apoiar uma «aventura» de esquerda em Portugal.

. . No seu comentário — assinado por Vikenty Matveeyev — o jornal governamental soviético acusa o Ocidente de tentativas tendenciosas para apresentar as dificuldades internas portuguesas como reflectindo-se directamente no desanuviamento na Europa. «É evidente — afirmava Matveyev — que o processo de reduzir as tensões internacionais não pode conduzir a qualquer espécie de «congelamento» dos processos sociais.» O desanuviamento e as mudanças sociais são dois processos inteiramente separados, torna claro o comentário do «Izvestia».

. . «Na base do desanuviamento existem passos e medidas que se destinam a reduzir e a evitar ameaças de destrutivo conflito global», afirma o comentarista. «Esta é a esfera da política internacional, com as suas fronteiras e limites definidos e entre esta esfera e a esfera socioeconómica, relacionada com a situação interna deste ou daquele país, existe uma fronteira clara.»

CARRO ROUBADO

Desapareceu esta madrugada do Campo das Cebolas o carro do actor João Vasco, com guarda-roupa da peça que actualmente o Teatro Experimental de Cascais representa. Como se depreende, o veículo é imprescindível às deslocações da companhia que anda em digressão pela província. Trata-se de um Morris 850, de cor creme e matrícula FL-28-46. Qualquer indicação pode ser dada para a P.S.P. de Cascais.

O INCÊNDIO NO R.C.P.

O incêndio que ontem se declarou nos Serviços de Noticionários dos telex , que pronguês não teve, felizmente, consequências muito graves, embora os prejuízos sejam avultados.

De facto, a partir das 18 horas de ontem, o funcionamento daquela estação emissora era, já, perfeitamente normal. Contactados os estúdios de R.C.P., esta manhã, pela Redacção do nosso jornal, de lá nos informaram que tudo corria sem problemas, enaltecendo os trabalhadores do Rádio Clube a acção desenvolvida pelos funcionários do «telex», que prontamente acorreram ao local para recuperar e pôr a funcionar as máquinas transmissoras e receptoras.

Crê-se que a causa do sinistro tenha sido um curto-circuito.

ANO SANTO em ROMA 1 SEMANA
PARTIDAS:
TODAS AS QUINTAS-FEIRAS
Julho 3, 10, 17, 24 e 31
Agosto 7, 14, 21 e 28
Setembro 4, 11, 18 e 25
Preços excepcionais desde* 5.200$
INCLUINDO:
● Viagem em avião a jacto DC9
● Estadia no Hotel
● Transportes em terra
● Visita turística de Roma
● Taxas hoteleiras
● Acompanhante abreu
* a vantagem dos voos especiais
ORGANIZACAO EXCLUSIVA
abreu
fundado em 1840
LISBOA: Av. da Liberdade, 160 • Telef. 32 00 21
PORTO: Av. dos Aliados, 207 • Telef. 3 79 21
COIMBRA: Rua da Sota, 2 • Telefs. 2 70 11/2
FARO: Rua Cons. Bivar, 65 • Telefs. 25035/6
CONSULTE SEU AGENTE DE VIAGENS

Nacional

Trabalhadores contra o boicote à cooperativa da Comenda:

"QUEM QUISER TRABALHAR, VENHA MAIS EU!"

Reportagem de Lurdes Féria

Os baldios da Comenda, povoação do distrito de Portalegre, que tantas voltas têm feito dar para se conseguir fazer valer nelas uma cooperativa de produção, continuam ainda em discussão e a canalizar as divergências do povo daquela terra.

Primeiro foi a questão dos baldios, propriedade do povo, indevidamente anexados aos terrenos da Casa Barreiras, um dos maiores agrários do Alentejo. Os que pastoreavam o seu gado nas «Costas» e usufruiam o pouco que a terra produzia foram expulsos a tiro e à pancada pela antiga G. N. R. Os mais velhos ainda hoje se recordam da bárbara repressão desencandeada por um latifundiário ávido de poder.

Veio o 25 de Abril e uma comissão de pessoas da Comenda trata de reivindicar aquilo que pertencia ao povo. Depois de várias instâncias, e beneficiando da lei dos baldios, o povo da Comenda viu que tinha ganho a batalha. Há uns meses atrás realizou-se uma reunião na presença das Forças Armadas e de alguns membros do I. R. A. (Instituto de Reforma Agrária) na qual o povo da Comenda manifestou a sua vontade. A maioria queria a Cooperativa. Ouviram-se vozes discordantes que não tiveram a coragem de ir ao microfone explicar as suas razões. Estes últimos, desde o início da divulgação da ideia de Cooperativa, aproveitando-se do sentimento arreigado de posse do pequeno proprietário, tentavam por todos os meios fazer com que a terra dos baldios das «Costas» e do «Vale de Lameiras» fosse dividido em parcelas pelo povo.

No entanto, esta corrente acabaria por ser derrotada. A comissão resolve os problemas de burocracia para a legalização da Cooperativa e no passado dia 27 (domingo) convidaram os órgãos da informação, o Agrupamento Artístico Militar, «Alerta Está», e representantes das Forças Armadas de Portalegre e todo o povo da Comenda para assistir e pronunciar-se sobre a inauguração da Cooperativa.

APUPOS E ASSOBIOS

Começou a sessão. A sala do clube da terra estava apinhada de gente. Todavia, sentia-se no ar uma certa tensão, até porque numa povoação pequena, onde todos se conhecem, os boatos e as notícias correm depressa. O grupo «Alerta Está», no palco, vestindo os camuflados do Exército português apresentaram alguns números musicais do seu vasto reportório. Até aqui... tudo bem. Aplausos unânimes. Em seguida, os militares anunciam ao microfone uma sessão de esclarecimento **orientada por elementos do «Alerta Está» por representantes das Forças Armadas de Portalegre e por alguns civis ligados desde o princípio à cooperativa**. Quando uma pessoa da Comissão disse que a cooperativa ia ser inaugurada, explodiu uma onda de protestos localizados num grupo concentrado ao fundo da sala. Gritos e assobios fizeram-se ouvir, interrompendo os militares que não conseguiam dominar a situação. «Bandidos». «Fora». «Rua»... Uma confusão desvairada.

Um rapaz novo, que soubemos mais tarde ter regressado há pouco de Moçambique, agarrou o microfone e berrou histericamente que o povo da Comenda estava ofendido por lhes terem chamado bêbados e reaccionários (referia-se à entrevista concedida na rádio por um membro da Comissão), e diz que o povo não quer a cooperativa. Parte da sala bate palmas ao jovem exaltado. Então, um trabalhador rural, José Dinis, filiado do Sindicato dos Trabalhadores Agrícolas, responde afirmando que, se o povo não está contente com dois ou três dos que fazem parte da Comissão, seria melhor saneá-los. E continuou:

Mas não se deixem dividir, porque é isso que a reacção e os latifundiários pretendem. Um militar do «Alerta Está» também acentuou que **há meia dúzia de pessoas interessadas em dividir os trabalhadores e em desviá-los dos seus objectivos; acabar com os exploradores.**

Como os militares insistiam **(venham, venham expôr as vossas opiniões)**, um trabalhador rural, que se encaixava no grupo dos contestadores, totalmente desfasado deles não só pela classe a que pertence como pela falta de esclarecimento notório denunciada ao pronunciar estas breves palavras: **O povo não está inteirado da Cooperativa. E reuniões destas com mulheres e cachopos não dão nada.** O homem acaba por receber uma apupada monstra das mulheres presentes na sala (e não eram poucas), que quase o agrediam à sua passagem por eles para ocupar o lugar no grupo lá do fundo da sala.

Outra intervenção, desta vez, coube a um jovem militante do Partido Socialista, que disse que o povo é quem mais ordena e, portanto, se devia perguntar ao povo se desejava ou não a cooperativa. Devido ao barulho que se gerou, usou da palavra, Jorge Branco, estudante universitário, orientador e impulsionador da «Voz da Comenda», um jornal progressista aberto a várias tendências de esquerda. Salientou a necessidade do povo se manter unido, afirmando: **Vejo perfeitamente o que se está a passar nesta assembleia, porque conheço as pessoas da Comenda. Sei que o povo não é reaccionário. Há certos senhores, que nós bem conhecemos, que pretendem manejar o povo. Riam-se, riam-se agora, porque os trabalhadores estão uns contra os outros.**

As palavras vibrantes de emoção proferidas por Jorge Branco acalmaram um pouco os ânimos. José Dinis, assalariado rural, pega novamente no microfone e acusa: **Uma família reaccionária está na assembleia a influenciar os trabalhadores»**. Claramente, convida-os a abandonar a sala. E, dirigindo-se ao público, diz: **«Quem quiser trabalhar, venha mais eu.**

COMUNISTA AGREDIDO

Um militar fala da Reforma Agrária e da importância das cooperativas no processo revolucionário como meio de destruição dos latifúndios e dos monopólios. Os contestadores, nem ao orador das Forças Armadas pouparam os assobios.

Perante a impossibilidade de se prosseguir com a assembleia e dela sair alguma coisa de concreto, o capitão deu por encerrada a sessão comunicando que ia mandar fazer um inquérito ao povo da Comenda e aos incidentes ali ocorridos. Antes de terminar, o capitão declarou: **Tenho a impressão que aqueles que assobiam por tudo e por nada, não estão com o processo revolucionário. Pois se estivessem não assobiavam. Falavam claramente, para toda a gente ouvir.**

As condições em que a assembleia decorreu levavam a crer que não acabaria sem agressões físicas. E foi isso que aconteceu. Joaquim Bispo Carrilho, delegado do Sindicato dos Trabalhadores Agrícolas, simpatizante do Partido Comunista, homem de mãos calejadas pela dureza do trabalho do campo, que sempre esteve com a cooperativa, foi agredido no rosto pelo tal jovem recém-chegado de Moçambique.

Claro que o povo, entendido como entidade anónima, não é reaccionário. Porém, a reacção, que tem demonstrado não ser nada estúpida, actua subtilmente e encontra aliados dóceis até mesmo nos trabalhadores não esclarecidos. Quem eram os tipos que contestavam a cooperativa, que queriam dividir as terras e fomentavam o ódio contra os comunistas? Os filhos dos elementos da Comissão Administrativa da Casa do Povo, constituida por pessoas nada progressistas e de intermediários de gado. Apenas um exemplo: António Antunes Camilo, ex-membro da Acção Nacional Popular do regime fascista de Caetano, regedor saneado pelo povo está agora na Comissão Administrativa da Casa do Povo onde exerce funções de escriturário a ganhar cerca de cinco contos. Quem é o padre da Comenda? Um senhor, amigo de latifundiários, que vai dizer missa à capela do grande agrário Pequito Rebelo, financiador do jornal «Comenda», dirigido e editado pelo referido pároco, onde se lê este naco de prosa:

No decurso de uma reunião, no Mercado do Povo, em Lisboa, o general Otelo Saraiva de Carvalho disse: o povo português que via no M. F. A. a única luz agora está pronto a ver o M. F. A. o causador de todas as desgraças. E mais acrescentou aquela alta individualidade: Actualmente, nas zonas menos politizadas do país, o povo já recebe com duas pedras nas mãos o próprio M. F. A.

UMA LUTA TENAZ

Voltando à cooperativa, objecto de tanta polémica, informamos que já arrancou para a frente. Um grupo de trabalhadores cavou os terrenos e entregou à terra que não recebia semente há muitos anos, uma cultura de milho e feijão, abrangendo cerca de 35 hectares. Mas tiveram de despender um esforço sobre-humano para poderem, agora, ver os pés do milho verde despontando em direcção ao alto.

Joaquim Bispo conta-nos as dificuldades com que se debateram:

Tínhamos 29 pessoas a trabalhar mas, quando surgiu a altura em que a mão-de-obra era imprescindível, os latifundiários Pequito Rebelo e Barreiras conseguiram desmobilizar os trabalhadores, oferecendo-lhes ordenados de 300 e 400 escudos, na tiragem da cortiça, que nós não podíamos acompanhar, pois pagávamos a tabela estipulada pelo Sindicato, que é de 160 escudos. Fiquei sózinho mais um outro camarada. Então, tivemos de recorrer aos estudantes da aldeia para conseguirmos fazer a rega. Felizmente está quase toda concluída. Só fazendo 14 horas de rega, divididos em turnos, foi possível salvar a cultura. Depois houve um problema esquisito com a comporta da barragem... Sabemos perfeitamente que já não colhemos aquilo que necessitávamos mas, pelo menos, não se perde tudo.

Sócios-trabalhadores temos 70 e mais alguns sócios de apoio. Ao todo somos, neste momento 108. Os trabalhadores que não aderiram e pretendem dividir a terra andam manobrados por outros que não são trabalhadores. O povo não está bem adequado para compreender o socialismo».

Por sua vez José Dinis, outro trabalhador dedicado à cooperativa afirma: **Isto é uma luta. Levanto-me às quatro horas da manhã para vir regar. Tivemos de pedir auxílio aos estudantes, pois os trabalhadores não quiseram trabalhar connosco. Porém não desespero. Eles vão compreender, um dia, que esses que lhes oferecem ordenados de 400 escudos pretendem só esmagá-los. Por outro lado, a Cooperativa precisa de uma ou duas máquinas pesadas para fazer os asseiros. Vamos pedir ao Estado que nos ajude.**

Estes homens, trabalhadores dos autênticos, já perceberam que os baldios das «Costas», agora nas mãos do Povo, tratados, explorados, enquadrados na Reforma Agrária, podem trazer enormes benefícios ao povo. Os terrenos recebem qualquer cultura desde o trigo ao milho, ao centeio, ao linho. Dão cortiça, lenha e azeite.

Brota deles a fonte Fadagosa, cujas águas já foram analisadas no laboratório do Instituto Superior Técnico, onde se provou as suas qualidades minerais. Portanto, os trabalhadores da Cooperativa, a longo prazo, pensam em construir na Fadagosa umas termas. Ainda mais: nas «Costas» há um barro muito bom. Por isso, em tempos, já funcionou ali uma fábrica da especialidade.

O grupo activista da Cooperativa e aqueles trabalhadores que os apoiam, alguns deles operários da fábrica IFAL, a única daquelas redondezas, está a lançar as bases para a criação de uma Comissão de Moradores. A propósito disto, Joaquim Bispo, em conversa com a sua camarada de partido Alda Charinha, operária da fábrica, advertiu:

«Para a Comissão de Moradores devem ser pessoas escolhidas, pessoas duras. Não é só dizer que sim e depois irem embora. Pode vir o E. L. P. e a reacção e temos de enfrentá-los».

EXTERNATOS

SÃO VICENTE
Rua Edith Cavell, 8 (ao Chile) · tel. 84 88 64/5

MARQUÊS DE POMBAL
Rua Morais Soares, 93 · tel. 82 02 21/83 46 58

ÁLVARES CABRAL
Avenida Grão Vasco, 1 · (Benfica) · tel. 70 69 74/5

C. PREPARATÓRIO * CURSO LICEAL
C. GERAL COMÉRCIO * ADM. INSTITUTOS
ADM. UNIVERSIDADE * EXAMES «AD HOC»

CURSOS DE FÉRIAS
(Exames 2.ª época — Set/Out)
INÍCIO EM 4 DE AGOSTO — INSCRIÇÕES ABERTAS

SINDICATO DOS ADMINISTRATIVOS DA MARINHA MERCANTE, AERONAVEGAÇÃO E PESCA

CONVOCATÓRIA

A Mesa da Assembleia Geral recebeu um requerimento assinado por 214 associados no sentido de se realizar uma Assembleia Geral no dia 31 de Julho para análise do pedido de demissão dos Corpos Gerentes.

Assim e nos termos estatutários, convoco todos os sócios a comparecerem na Assembleia Geral Extraordinária que se realizará no próximo dia 31 de Julho, pelas 21 horas, na «Voz do Operário», com a seguinte

ORDEM DE TRABALHOS:

Ponto único — Análise do pedido de demissão dos Corpos Gerentes.

NOTA— Nos termos estatutários esta Assembleia terá convocação única e só se realizará se estiverem presentes pelo menos 2/3 dos sócios requerentes.

Lisboa, 24 de Julho de 1975.

Pel'O Presidente da Mesa da Assembleia Geral
João Franca

Geral

MFA, VASCO, POVO

POVO, VASCO, MFA

Academia Militar no distrito da Guarda

ONDE ESTÁ PEDRO CAPITÃO?

Por ROGÉRIO RODRIGUES enviado especial do "DL"

..Uma banda que não tocou, um capitão que não aparecia (mai-la Berliet) para uma exposição de pintura infantil e crianças que não havia, é este o resumo da minha ida, pela primeira vez, às Penhas Douradas.

..Eram quatro da tarde, terríveis de calor e sede, quando uma carrinha da Polícia partiu do quartel da Guarda para as Penhas Douradas. Objectivo: ir colaborar numa exposição de pintura que se ia realizar nas Penhas Douradas.

..A carrinha carregara os utensílios necessários para as crianças pintarem, desde pincéis e baldes a tintas e papel. Elementos integrados na caravana: o pintor Marçal, o escultor Manaças, o cenógrafo dos Bonecreiros, João Vieira, dois representantes do Inatel, o aspirante Porfírio, empunhando a pasta cheia de papelada de dinamização cultural e dormindo pelo caminho, o primeiro-sargento Monteiro (a importância das barbas, os 23 dias de isolamento da «Grande, Grande Era a Cidade»), o homem vivido de Alfama, a disponibilidade em pessoa, o primeiro-cabo, meu conterrâneo, defensor de um bar único para oficiais e praças e que reivindica o direito de os soldados também beberem leite, e um jornalista, neste caso eu, que ia para relatar o que não chegou a acontecer.

..Paragem em Manteigas para refrescar a boca e rebocarmos à Io Apoloni até às Penhas Douradas.

O ESPANTO DOS MORDOMOS

..Enredados na serra, na pirueta íngreme da subida até às Penhas, chegámos ao local acordado para a exposição de pintura e prática plástica do rapazio das aldeias pobres de Manteigas que até então mais não tinham que riscado, com lápis Faber, jarros, copos e casas (de quando em quando uma ovelha), em papel cavalinho.

..O primeiro-sargento dizia: «Agora sou ama seca. Ando com as tintas às costas, com os «putos» atrás de mim, jogo futebol com eles. Sou a ama seca».

..Depois de várias comissões cumpridas nas colónias, depois de muitos anos de guerra, o primeiro-sargento Monteiro estranha inevitavelmente as suas novas funções.

..Chegados às Penhas num terreiro iniciava-se uma festa.

..«É aqui a exposição de pintura?»

..Os mordomos olharam-nos do seu espanto: **Não sabemos de nada. Nós somos mordomos da festa de Nossa Senhora de Fátima.**

«Então não está à espera de uma banda militar que vem de Coimbra?»

..E os mordomos insistiam cada vez mais surpreendidos: **Não sabemos de nada. Nós contratámos foi uma bandazita que há em Manteigas.** Olhámo-nos. Voltámos à carga: «Mas ainda não apareceu uma Berliet com quadros?» Pergunta chinesa para os mordomos.

Não. Ainda não vimos tropa por aqui.

..Conclusão: onde está o capitão Pedro? Onde está Pedro Capitão (como começamos a identificá-lo tendo em mente a canção «Pedro Pedreiro» de Chico Buarque)?

PROCURA-SE UMA BERLIET

..Era a desorganização. Começava a batalha de uma carrinha da Polícia onde seguiam pincéis, tintas e pintores à procura de uma Berliet onde viajava Pedro Capitão mais os famigerados quadros. E se fossemos à Lagoa? Veraneantes acampavam num inesperado oásis escondido em plena serra. Crianças (as que procurávamos) não havia, Berliet não se avistou.

..É a alternativa: regressar à Guarda ou continuar à procura de Pedro Capitão.

..Ninguém se entende.

..Entretanto, a banda sobe eufórica a serra. Vem de Coimbra para tocar nas Penhas Douradas. Chega e não há onde tocar.

..Regressámos mesmo à Guarda. Jantámos em Manteigas onde nos dizem que o capitão Pedro seguiu com a Berliet para outra zona que não as Penhas.

..Onde estará a esta hora Pedro Capitão? — interrogamo-nos.

..Não houve exposição, nem pintura, nem reportagem.

..Já perto da Guarda (cerca da meia-noite) encontramos a carrinha da banda militar avariada na berma da estrada.

..Em serra que não conhecem, a uma hora que não é grata, os músicos olham-se. Vieram de Coimbra para tocar e não tocaram, é já meia-note e ainda não jantaram.

..Alguém do quartel da Guarda, pela noite dentro, virá rebocar a carrinha.

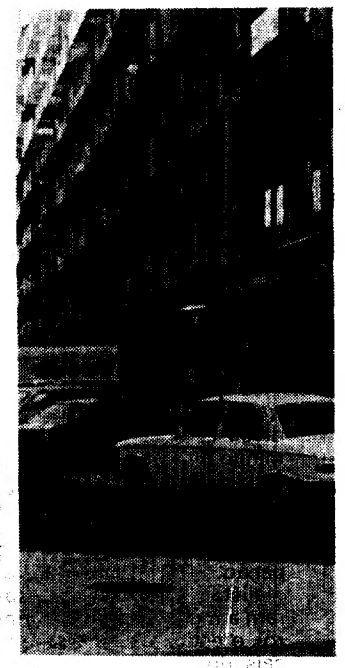
..Excepção que se aponta, numa campanha de dinamização que até hoje tem sido bem coordenada, sobretudo na secção de engenharia.

PARA O DESENVOLVIMENTO DA HABITAÇÃO SOCIAL

A carência de habitação é um dos problemas mais prementes a enfrentar no nosso País. Segundo revelou em tempos o ministro do Equipamento Social e Ambiente, Portugal necessitava de construir, em 1974, nos núcleos urbanos e nas zonas rurais, 531 000 fogos, para satisfazer as necessidades habitacionais da população. Esses fogos destinar-se-iam a alojar famílias sem qualquer alojamento ou alojados em bairros degradados.

Para o cumprimento desse programa, atribui-se à iniciativa privada um importante papel. Assim, prevê-se a construção de 15 000 fogos pela «iniciativa privada por si mesma» (o próprio interessado e a indústria de construção), e de 30 000 fogod de renda limitada — habitação social — em regime de contrato de desenvolvimento promovido pelo Fundo de Fomento da Habitação e a negociar com a indústria de construção.

Até 30 de Junho tinham sido aprovados para contrato 13



empreendimentos, compreendendo 5446 fogos e estavam em apreciação 8 empreendimentos, compreendendo 3123 fogos.

Mas o que vem a ser um contrato de desenvolvimento para habitação?

BENEFÍCIOS PARA O CONSTRUTOR

Estes contratos são celebrados entre o Fundo de Fomento e Habitação juntamente com uma ou várias instituições de crédito, por um lado, e uma empresa ou grupo de empresas da construção civil ou de produção de bens e serviços utilizáveis na habitação social, por outro.

As empresas contratantes, com as quais podem estar associados proprietários de terrenos, comprometem-se a realizar programas que visem, directa ou indirectamente, expandir a construção de habitações sociais. Em contrapartida, o Estado concede benefícios de vária ordem: isenções e reduções fiscais; financiamentos; auxílio técnico, garantia ou apoio na venda, etc.

Em vez do Fundo de Fomento e Habitação, podem ser as Câmaras Municipais a negociar os contratos, nos limites do concelho.

As instituições de crédito contratantes são, em princípio, a Caixa Geral de Depósitos, o Crédito Predial Português ou o Montepio Geral.

Os contratos de desenvolvimento aplicam-se exclusivamente à chamada habitação social, quer à sua construção quer à produção de bens ou serviços nela utilizáveis.

Mas o que se entende por habitação social?

CASAS DE RENDA LIMITADA

A lei define a habitação social como a «habitação que corresponde mais adequadamente às necessidades de alojamento de amplos estratos da população portuguesa», o que não deixa de ser bastante vago. Para concretizar a definição, o secretário de Estado da Habitação deve indicar as características de dimensão, materiais, acabamentos, etc., a respeitar em cada programa de habitação social.

Estão já caracterizadas como habitação social as chamadas casas de renda limitada. Chamam-se assim, porque as rendas nunca podem exceder certos limites. O que não quer dizer que fiquem paradas: a actualização é possível de 5 em 5 anos.

As casas de renda limitada destinam-se sempre a habitação, podendo, no entanto, dispor, no piso de acesso principal, de locais de renda livre, para comércio, profissões liberais ou outros serviços. Segundo as suas características habitacionais números de assoalhadas, área total útil, número de sanitários, dimensões da cozinha , podem ser de 5 tipos. As casas do tipo 1 são dotadas de pelo menos 2 assoalhadas, as do tipo 2, de pelo menos 3 assoalhadas, e assim por diante. A partir de 4 assoalhadas, têm necessariamente 2 sanitários.

As casas de renda limitada tanto podem ser vendidas como arrendadas. O valor máximo da renda é calculado tendo em atenção três factores: custo da construção, valor do terreno urbanizado (não superior a 15 por cento do custo da construção e margem para projectos, encargos financeiros e de comercialização, etc, que não pode exceder 20 por cento do custo da construção.

O valor máximo das casas de renda limitada está fixado por portaria. Esses valores máximos vão de 2500$00, para uma casa do tipo 1, a 4500$00 para uma casa do tipo 5.

O arrendamento das habitações sociais é efectuado através das «bolsas de habitação», criadas junto das Câmaras Municipais, que para esse efeito publicam listas de fogos vagos.

Adaptado do Boletim conjuntura de GEEF/BPA — Grupo de Estudos Económicos e Financeiros do Banco Português do Atlântico.

AMBIENTE E CONFORTO

Se os aprecia, visite a nossa exposição de mobiliário de vários estilos, jogos maples, lustres, quadros a óleo e reproduções, estatuetas, biblots e enorme variedade de peças decorativas.

GALERIA ACTUAL

Av. da República, 12
defr. estação metro Saldanha)

ANGOLA

HOLDEN PROMETI "BATALHA DE LU

LUANDA, 30 — (F.P./R. — A julgar pelas declarações feitas em Ambriz pelo presidente da Frente Nacional de Libertação de Angola (F. N. L. A.), Holden Roberto, «o assalto contra a capital angolana deverá verificar-se nos próximos dias».

Isso significaria que depois de terem ocupado Caxito, a 53 quilómetros ao norte da capital, as forças da F. N. L. A., que se podem calcular, segundo certas fontes não verificáveis, em oito mil homens aproximadamente, procedem neste momento a uma pausa, a um reagrupamento, à instalação de um dispositivo de ataque que deverá, segundo o Estado-Maior da F. N. L. A., levá-los a Luanda.

Esta pausa, segundo os observadores, seria indispensável, dado que a F. N. L. A. se bate longe das suas bases da retaguarda e tem de enfrentar os problemas de abastecimento das suas tropas, em munições, carburante — para os seus blindados — e alimentos.

Por outro lado, a F. N. L. A. vai abordar agora uma região quase totalmente fiel ao Movimento Popular de Libertação de Angola (M. P. L. A.). Não encontrará pela frente as FAPLA (Forças Armadas do M. P. L. A.), cuja combatividade pôde ser verificada nos afrontamentos de meados deste mês, mas igualmente uma população armada, que segundo certos meios deverá opor uma grande resistência e onde Quifangongo e Cacuaco seriam c pontos fortes.

As forças de F. N. L. A. parecem utilizar nos combates ofensivos o método chinês, que já deu as suas provas na Coreia e no Vietname e que consiste em proceder, antes o ataque, a um «amolecimento» da região pelo emprego maciço de morteiros pesados.

Se este método for efectivamente aplicado, diz-se, sem dúvida que as destruições seriam importantes ao longo d estrada que vai de Caxito a Luanda.

As FAPLA, quanto a elas, bater-se-ão junto da fonte dos seus abastecimentos. Beneficiarão de um conhecimento perfeito do terreno graças ao «poder popular» (populações em armas e organizadas em

Jean Cardonnel ao "D.L."

UM AMOR QUE NÃO PROVOCA LUTA É UM FALSO AMOR

Jean Cardonnel está em Portugal até meados de Agosto. Quem é esta personagem, de traço profundamente humano, que nos visita na Redacção? Teólogo conhecido internacionalmente; autor de diversas obras de nomeada («Não ao Intolerável», «Deus é Morte em Jesus Cristo» e «Insurreição Cristã»); antigo director da revista «Frères du Monde»; colaborador do jornal «Le Monde», onde publicou recentemente artigos como «A tortura e a repressão no Brasil» e «Amnistia geral para os presos do Brasil»; esteve no Brasil durante 13 meses, ligou-se fortemente à luta do povo brasileiro e foi expulso em 1959. Relacionado com o Maio de 68 em França, Cardonnel tem há 25 anos, uma preocupação fundamental: «demonstrar as implicaçoes revolucionárias do Evangelho». É ele que nos fala.

— Eu estava no Brasil em 1959, quatro anos e tal antes do golpe de Estado fascista. Bem cedo entrei em choque com as estruturas tradicionais da Igreja católica. Fui convidado para ensinar teologia fundamental nos Dominicanos de S. Paulo. Estabeleci os primeiros contactos com os sectores de vanguarda da juventude estudantil, principalmente com a JUC (Juventude Universitária Cristã). As dificuldades começaram quando de uma entrevista para o «Diário de Notícias» do Rio de Janeiro. Quiseram saber a minha opinião acerca do Brasil católico (do ponto de vista oficial, muito católico). Eu disse que «somos baptizados, não evangelizados». Quer dizer: o catolicismo é no Brasil uma verdadeira empresa de colonização. Perguntaram também o que pensava do problema da família. Eu respondi de uma forma brutal: «A família não existe». Há muitas diferenças entre a família da favela e a família da alta burguesia. Eu analisei a diferença entre as classes. A hipocrisia que dá o mesmo nome a coisas opostas. Após o golpe fascista, os jovens dominicanos radicalizaram a sua posição política face à sociedade. Depois da morte de Carlos Marighela, sob a ditadura fascista, houve julgamentos de padres dominicanos, acusados de atentarem contra a segurança do Estado.

A IGREJA EM PORTUGAL

Perguntámos a Jean Cardonnel, quais os contactos que estabelecera, no nosso País, com sectores da Igreja.

— Acabo de encontrar-me com um grupo de jovens dominicanos — respondeu. — Constato que eles estão em grande contradição com a apresentação oficial, hierárquica, do cristianismo. Como no Brasil, a Igreja em Portugal, esteve comprometida com o fascismo de Salazar e Caetano. Vou encontrar-me ainda com outros dominicanos, particularmente com frei Bento Domingues, encontro em que tenho um particular interesse. Na paróquia aonde fui, tive um acolhimento muito agradável e perguntaram-me, para um jornal de inspiração católica, as minhas posições e a implicação revolucionária da minha fé. Eu vi ontem, no muro da igreja da Graça, uma inscrição muito significativa: «A fraternidade em Cristo sim, a Igreja reaccionária não» e «Os vendilhões fora do Templo». Estas inscrições representam para mim, a contradição fundamental que divide a Igreja, não só em Portugal como em todo o Mundo.

ADMIRAÇÃO PELAS CONQUISTAS DO POVO CHINÊS

Uma certa imprensa — dissemos a Cardonnel — aponta à sua actividade de luta antifascista, uma inspiração maoísta. Confirma esta apreciação?

— Eu não gosto dessa designação de maoísta. Em geral, e sobretudo a China Popular, não utiliza esse termo maoísta. As grandes realizações da República Popular da China, a Grande Revolução Cultural Proletária e a campanha actual contra Confúcio e Lin Piao, não me parecem susceptíveis de serem traduzidas literalmente. Se «inspiração maoísta» exprime a necessidade de continuar a revolução, não apenas nas estruturas mas também no interior dos homens, eu sou maoísta. O que me apaixona na revolução chinesa é que pela primeira vez uma revolução ataca as raízes da exploração do homem pelo homem. Conheço por exemplo um pouco do sistema prisional da China Popular. Nas prisões as portas estão sempre abertas. Os presos não fogem. A consciência política do povo chinês é de tal maneira forte que as famílias não receberiam um eventual fugitivo.

Cardonnel exprime-se ora em português, ora em francês. Mostra uma clara simpatia pelo sistema social chinês, um grande entusiasmo pela revolução cultural. Passa-se depois a outro assunto. A situação de José Duarte e Alípio Freitas, dois portugueses presos no Brasil. Duarte, antigo ferroviário, de 72 anos, e Freitas, ex-sacerdote. Cardonnel refere-nos um bispo brasileiro, D. António Fragoso, do Ceará, personagem importante para a inspiração evangélica da luta popular no Brasil. Diz de Duarte e de Freitas:

— Estes dois portugueses traduzem assim o sentido da luta popular e operária e a inspiração evangélica que provoca não a submissão, mas a luta. Resumo o meu pensamento: um amor que não provoca luta, é um falso amor. Igualmente uma luta que não se traduz na exigência de eliminar as diferenças entre os homens é um princípio de regressão. Amor e luta, luta e amor — eis o movimento dialéctico obrigatório.

Para Jean Cardonnel a opção é simples: «Ou fascismo ou Revolução popular.»

OU FASCISMO OU REVOLUÇÃO POPULAR

Jean Cardonnel fala da sua experiência de lutador antifascista, conhecedor de várias revoluções e também de vários golpes, abertos pela política conciliatória.

— O que me parece é que a democracia burguesa, quando não se transforma no socialismo, transporta já em si os germens do fascismo. Foi assim no Brasil. Pela minha experiência de luta antifascista, sei que, se o povo não estiver em marcha para a tomada do poder, o fascismo abate-se. Foi assim no Chile. O que se passa em Portugal, hoje, é um pouco diferente do Chile. Mas as bases materiais de regresso ao fascismo são as mesmas. Mesmo podendo aparecer um Governo de inspiração socialista, o aparelho de Estado ficou intacto. Um ministro chileno disse-me: «Nós tínhamos o Governo, mas não tínhamos o Poder». Aqui também há a grande alternativa: ou o fascismo ou a tomada do poder pelos operários».

...NDA"

grupos de autodefesa), que as apoiará e à guerra convencional poderiam opor igualmente um género de guerrilha urbana que em geral — diz-se — sai caro em homens contra quem é aplicado.

De qualquer modo, no contexto presente, os observadores estão reduzidos a simples suposições e apenas o futuro dirá se a batalha de Luanda terá efectivamente lugar e em que condições.

A atmosfera continua pesada na capital angolana, que os portugueses estão agora a abandonar ao ritmo de cerca de três mil pessoas por dia.

...NETO NÃO FOI À O.U.A.

O presidente do M. P. L. A., dr. Agostinho Neto, enviou uma mensagem à Organização da Unidade Africana (O. U. A.) comunicando que lhe é impossível assistir pessoalmente à cimeira de Kampala devido à situação difícil que se atravessa em Angola, pelo que se fará representar por uma delegação do seu Movimento.

SAVIMBI FOI À O.U.A.

KAMPALA, 30 — (R.) — O dirigente da União Nacional para a Independência Total de Angola (U. N. I. T. A.) pediu aos chefes de Estado africanos na sua conferência de alto nível nesta cidade que enviassem uma comissão para actuar como medianeira no conturbado território.

O dirigente da U. N. I. T. A., dr. Jonas Savimbi, fazia um discurso na conferência da Organização da Unidade Africana (O. U. A.).

A conferência havia convidado o dirigente da F. N. L. A., Holden Roberto e o dr. Agostinho Neto, chefe do M. P. L. A., a vir aqui com o dr. Savimbi, mas nenhum dos dois primeiros compareceu.

Jonas Savimbi declarou à conferência: «Vim pôr perante vós a gravidade da situação em Angola e sugerir que a conferência, além de repetir os convites a Holden Roberto e a Agostinho Neto para que compareçam aqui, estabeleça também uma comissão para tratar da situação.»

O dr. Savimbi sugeriu que os países vizinhos de Angola fossem incluídos na comissão porque «acreditamos que têm alguma influência sobre os dois movimentos rivais».

CERIMÓNIAS COMEMORATIVAS DO MASSACRE DE PIDJIGUITI

BISSAU, 30 — (Por Daniel Reis, da ANI) — O secretário-geral do P.A.I.G.C. e presidente da República de Cabo Verde, Aristides Pereira, deve chegar amanhã a Bissau para presidir às comemorações do 16.º aniversário do massacre do Pidjiguiti, acontecimento decisivo na vida deste país, e que iria causar a decisão dos responsáveis do partido para desencadear a luta armada contra a ocupação colonialista. É a primeira vez que este acontecimento pode ser comemorado em Bissau, já que o ano passado, a 3 de Agosto ainda se encontravam tropas portuguesas na capital do país. Por isso mesmo o P.A.I.G.C. está a rodear a preparação das cerimónias com o máximo cuidado prevendo-se sessões culturais de poesia e teatro, filmes sobre a luta de libertação, concentrações populares e um grandioso comício no próximo domingo e que será presidido por Aristides Pereira.

Recorde-se que nesse dia já distante 3 de Agosto de 1959 a Polícia e o Exército de ocupação com alguns civis colonialistas exarcebados dispararam a matar sobre os marinheiros e estivadores em greve no cais do Pidjiguiti, assassinando 50 pessoas e ferindo gravemente muitas outras. Foi a página mais negra da passagem do colonialismo por estas terras.

O P.A.I.G.C. que pretendia resolver a questão da independência por meios pacíficos e através da movimentação popular nas maiores cidades, concluiu que só a força das armas expulsaria o colonialismo da Guiné.

A Guiné e Cabo Verde são hoje países independentes, podendo agora comemorar o massacre com a intenção de ganhar novo ânimo na luta que continua nos dois países. Segundo se anuncia o jornal governamental «No Pintcha» publicará na sua edição especial do dia 3 de Agosto, documentos desconhecidos sobre o massacre, quer da administração colonial quer na própria P.I.D.E. Serão também divulgados os mais importantes textos do partido sobre a greve então organizada e o morticínio que lhe respondeu.

NÃO VOAM POR SÃO TOMÉ AVIÕES SUL-AFRICANOS

SÃO TOMÉ, 30 — (ANI) — A proibição de aterragem e sobrevoo do espaço aéreo da República Democrática de São Tomé por parte de aviões de nacionalidade sul-africana ou de outros com destino ou proveniência da África do Sul foi decidida pelo Conselho de Ministros do mais novo Estado de África que hoje reuniu em sessão ordinária.

Na reunião foi anunciado que em virtude das importantes tarefas que incumbem ao Governo nesta fase de organização e estruturação da nação, o presidente da República não poderá estar presente na cimeira da Organização da Unidade Africana que acaba de ser eleito para um dos cargos de vice-presidente. A representação de São Tomé estará a cargo de uma delegação chefiada pelo ministro da Saúde e Assuntos Sociais.

Geral

Uma entrevista com Ceausescu

CONFERÊNCIA DE HELSÍNQUIA INÍCIO DE UMA DIFÍCIL ETAPA

Por Jacques Fauvet

. Há quem tenha falado, a propósito da Roménia, de uma mão de ferro dentro do país, e de uma luva de veludo no exterior. A fórmula pode, porém, ser invertida e ser igualmente justa ou igualmente falsa. É preferível propôr outra fórmula: rigor e habilidade ao serviço da independência nacional.

A presença e, mais tarde ou mais cedo, a influência de um país, medem-se antes de mais pela capacidade que este tem de fazer face às exigências de uma competição económica cada vez mais agressiva. Filho de camponês, patriota intransigente e tecnocrata comunista, Ceausescu, presidente da República da Roménia e secretário-geral do Partido comunista, só quer conhecer as realidades nacionais e internacionais.

P. — Senhor presidente, a conferência sobre a segurança e a cooperação na Europa, vai terminar dentro de alguns dias: quais são, na sua opinião, as modificações que essa conferência vai trazer à vida do continente — nas relações entre os Estados e os povos — e quais são, na sua opinião, as consequências que ela deveria determinar?

. R. — A Roménia está entre os Estados europeus que militaram mais activamente para o desenvolvimento, com êxito, da conferência geral europeia. Sentimo-nos particularmente satisfeitos porque, após trabalhos prolongados mas úteis, conseguimos concluir a fase de elaboração dos documentos de Geneve e esperamos a última fase da conferência de alto nível de 30 de Julho de 1975.

Na minha opinião tivemos êxitos importantes na elaboração de certos princípios fundamentais que devem reger as relações entre os Estados do nosso continente. Apreciamos o facto de esses documentos — que serão assinados dentro de alguns dias —, exercerem uma influência positiva no espírito de abertura e colaboração entre as nações europeias. Também estou persuadido de que o êxito da conferência geral europeia vai ser um momento histórico não só para a Europa mas também para a evolução geral do curso da política internacional. O significado essencial dessa conferência reside, a meu ver, no facto de ela demonstrar que os países com regimes sociais diferentes podem encontrar — partindo dos interesses de cada povo, da causa da paz e da cooperação —, soluções para uma cooperação em condições mutuamente vantajosas.

Ao apreciar os resultados obtidos, devo mencionar que ainda há na Europa muitos problemas graves a resolver. Por isso a Roménia considera que a assinatura dos documentos de Helsínquia, a 30 de Julho, não será o fim da luta para a segurança da Europa, mas o início de uma nova etapa, que exige esforços da parte de todos os Estados que participaram nesta conferência.

Ao êxito político obtido deveremos acrescentar medidas que visem antes de mais a solução dos problemas de ordem militar, solução essa que conduz à supressão dos blocos, ao desmantelamento das bases militares estrangeiras do território de outros Estados, ao desarmamento, e, sobretudo, ao desarmamento nuclear. Importa pois que todos os Estados, todas as nações europeias, intensifiquem os seus esforços para uma segurança e uma cooperação reais, na base da perfeita igualdade e do mútuo respeito.

P. — *A Roménia manifesta uma hostilidade de princípio para com a manutenção da divisão do mundo em blocos militares. Acha que o seu país, membro da família socialista, pertence ao grupo dos países não alinhados?*

. R. — A Roménia pronuncia-se firmemente a favor de uma política nova que leve à supressão dos blocos militares. Claro que no que respeita à Europa, encaramos a supressão simultânea da NATO e do Tratado de Varsóvia. O decurso dos acontecimentos internacionais cria premícias favoráveis à realização dessa política.

O povo romeno faz grandes esforços para a realização do programa adoptado pelo XI. congresso, que diz respeito ao desenvolvimento da sociedade socialista, para que ela galgue novos degraus.

São justamente estas preocupações que mais exigem a realização de uma política de paz e colaboração com todas as nações do mundo. Como país socialista que somos, continuaremos, sem dúvida, a desenvolver uma colaboração multilateral com todos os países que edificam o regime socialista, e ao mesmo tempo intensificaremos relações com os países em vias de desenvolvimento ou, como geralmente se lhes chama, os países do terceiro mundo.

De resto, embora país socialista a Roménia também está em vias de desenvolvimento, do ponto de vista económico. Também desenvolveremos relações com os países capitalistas desenvolvidos, em todos os domínios de actividade. Devido às suas condições económicas e políticas, a Roménia faz parte, objectivamente, tanto dos países socialistas, como dos países em vias de desenvolvimento, dos países que lutam por uma política económica nova, por relações baseadas na igualdade, no respeito pela independência a pela soberania nacionais. Dada a sua preocupação pela instauração de uma nova ordem económica internacional, a Roménia acha que é também absolutamente necessário desenvolver as suas relações com os países não alinhados que são quase todos os países em vias de desenvolvimento. Demos uma forma jurídica a uma realidade que já existia nas relações da Roménia com os países em vias de desenvolvimento e com os não alinhados. Para terminar devo dizer que incluimos neste contexto o crescimento mais marcado do papel dos países pequenos e médios na via internacional em geral.

P. — Senhor presidente, a que ponto é que o aumento dos preços mundiais obrigou os planificadores romenos a modificar as suas previsões?

. R. — A subida dos preços das matérias-primas no mercado mundial e a crise económica, também exerceram certas influências na Roménia. Participamos na vida internacional e claro que as mudanças que se operam no mundo, repercutem-se de um modo ou de outro em todos os países e claro que também na Roménia. Mas a fim de evitar uma diminuição do desenvolvimento económico e social, tomámos uma série de medidas que nos permitem manter o ritmo de desenvolvimento que tínhamos em vista. Estas medidas visam antes de mais uma mobilização mais constante dos recursos interiores de matérias-primas e de materiais, uma regulamentação dos preços no plano interior que não lhes permite influir no desenvolvimento geral, e, ao mesmo tempo, uma intensificação da actividade de colaboração internacional.

P. — A inflação dos países ocidentais não fará com que a Roménia se oriente para Leste, a fim de evitar importar a inflação do Oeste?

. R. — Tendo em conta o volume e a estrutura das importações e das exportações com os países do Oeste, os efeitos devidos aos preços, foram compensados, o que nos permitiu regular no plano interior, certos problemas ligados aos preços, sem grandes repercussões nos diferentes sectores de actividade. É essa a vantagem de uma economia planificada.

P. — Encara a possibilidade de fazer mais importações dos países socialistas?

R. — Continaremos a esforçar-nos por colaborar com todos os países. Claro que damos uma grande atenção aos países socialistas, mas o volume do mercado com os países em vias de desenvolvimento vai aumentar substancialmente. O mercado com os países capitalistas desenvolvidos terá também um desenvolvimento contínuo.

P. — Como concilia as ideias de integração do Comecon com o princípio do respeito total da soberania nacional, princípio a que está ligado? Que sentido dá ao termo «integração»?

. R. — Como se sabe, a Roménia participou na actividade do Comecon desde a sua criação a todas as etapas do desenvolvimento. Sua colaboração teve, sem dúvida, influências positivas nos países participantes — logo também no desenvolvimento da economia romena. Participámos na elaboração do programa complexo de desenvolvimento da colaboração do chamado programa de integração económica. Os princípios deste programa poêm em evidência que a integração económica não deve afectar a soberania de nenhum Estado nem o plano nacional, mas, pelo contrário, deve contribuir para o desenvolvimento das economias socialistas no seu conjunto. Tendo em vista estes princípios, verificamos que a acentuação da colaboração económica, sob diferentes formas, deve conduzir à aceleração do processo de desenvolvimento e de igualização dos níveis de desenvolvimento dos países membros do Comecon, e abrir as perspectivas de uma colaboração mais ampla com outros países socialistas. Com todos os Estados do mundo. Consideramos pois que a participação da Roménia no Comecon não é contrária aos princípios da independência e da soberania pelo contrário, uma boa colaboração no quadro do Comecon deverá conduzir ao reforço da independência e da soberania de todos os Estados membros.

P. — Tendo em vista a complexidade e a gravidade dos problemas económicos mundiais, não terá já começado uma guerra económica?

. R. — Não sei se pode falar-se de uma guerra económica». Com efeito, os problemas económicos são bastante complexos. Acho que as soluções que se procuram não têm suficientemente em conta as realidades. Os problemas actuais devem ser resolvidos de um modo novo, com a participação de todos os Estados, pela renúncia a muitos dos antigos princípios e concepções que subsistem nessas relações económicas inter-Estados.

No fundo, a crise económica actual é o resultado do super desenvolvimento de um reduzido número de países e do atraso de grande número de Estados, o que diminui a via do desenvolvimento equilibrado da economia mundial.

P. — Deverão os países ocidentais reduzir a sua actividade?

. R. — Eles devem contribuir para o desenvolvimento dos outros Estados. Parece uma contradição mas, pelo contrário, é uma necessidade para o equilíbrio da economia mundial e para o desenvolvimento dos países avançados.

P. — Os países em vias de desenvolvimento tornam-se concorrentes cada vez mais poderosos dos países avançados. O que pensa disto?

R. — A concorrência é relativa. Uma boa colaboração internacional pode assegurar um equilíbrio e uma estabilidade económica. Vários países criaram a pretensa sociedade de consumo nas costas de quase dois terços da humanidade. Está bem de ver que uma tal situação não podia durar indefinidamente. Tal como também as situações caducas devem mudar mais tarde ou mais cedo, chegando a uma série de reformas sociais capazes de levar à redução de escesso de riqueza, e do excesso de pobreza. É natural que os dois terços da humanidade recusem a continuar a viver na miséria, enquanto os outros vivem na abundância. Não penso que os países mais ricos cheguem a viver pior, mas eles devem ajudar os países pobres a viver melhor. Tudo contribuirá para um aumento das necessidades de bens materiais, e para a extensão da produção, e dará lugar a uma estabilidade económica, e, claro está, a uma repartição mais justa dos esforços e dos lucros. Portanto, o problema que se põe é o de introduzir uma nova ordem nas relações inter-Estados. É preciso fazê-lo porque só assim as aspirações da humanidade ao progresso e à civilização, poderão tornar-se uma realidade.

© («Le Monde»)

CONJURA INTERNACIONAL DENUNCIADA NO PERU

. LIMA, 30 — (A.N.I.) — O general Miguel Angel de la Flor Valle, ministro dos Assuntos Exteriores do Peru denunciou a existência de uma conjura internacional destinada a destabilizar o Governo revolucionário do seu país, ou, pelo menos, impedir o processo e as transformações nele envolvidas.

Falando para a Imprensa nacional e internacional, Valle reafirmou as acusações feitas nos últimos dias pelo presidente Juan Velasco Alvarado, observando que a conjura fora forjada conjuntamente por interesses peruanos e outros estranhos ao país.

O ministro peruano sublinhou que o processo de transformações desencadeado pelo Governo revolucionário atinge interesses nacionais e estrangeiros, provocando neles reacções.

«A isto», acrescentou «junta-se a azáfama dos negociadores de armas para vender material bélico, procurando criar falsos conflitos e os objectivos de organizações jornalísticas que se colocaram em oposição à revolução cubana.»

. Neste sentido, Valle reiterou o pacifismo do Peru e a firme decisão do país em manter e estreitar as relações com a América Latina, particularmente com os seus vizinhos mais próximos.

O ministro rejeitou energicamente o apelido de «comunista», dada à revolução peruana, afirmando que o processo que transforma as estruturas do seu país rejeita tanto o capitalismo como o comunismo, não seguindo nenhum modelo importado.

«O processo faz-se segundo as necessidades do Peru, seguindo a pauta ditada pela realidade do país.

«Por isso decidimos que a nossa revolução é inédita», sublinhou.

«Cada país segue a estrada que as suas realidades lhe apontem. Nós fazemos a revolução de acordo com as estruturas que consideramos necessário transformar», acrescentou Valle.

Estrangeiro

Antes do começo da cimeira de Helsínquia sobre segurança e cooperação europeia, o secretário-geral do Partido Comunista da U.R.S.S., Leonid Brejnev (de punho fechado), e o presidente norte-americano Gerald Ford tiveram um encontro, ao qual assistiram os ministros dos Negócios Estrangeiros dos E.U.A. e da União Soviética, respectivamente Henry Kissinger e Andrei Gromyko (Telefoto UPI/Telimprensa)

BREJNEV E FORD ENCONTRARAM-SE ANTES DO COMEÇO DA CIMEIRA SOBRE A SEGURANÇA EUROPEIA

. HELSÍNQUIA, 30 — (F.P. e R. — O presidente Gerald Ford, dos E. U. A. e Leonid Brejnev, o secretário-geral do Partido Comunista Soviético, conferenciaram hoje numa tentativa para vencer obstáculos no caminho para um novo acordo americano-soviético sobre limitação de armas estratégicas.

Os dois dirigentes, que se encontram em Helsínquia para assistir à cimeira final entre o Leste e o Oeste da conferência de Segurança Europeia, cumprimentaram-se calorosamente na Embaixada norte-americana, onde o presidente Ford está instalado.

Foi o seu primeiro encontro desde que se avistaram em Vladivostok, em Novembro último, quando concordaram que os Estados Unidos e a União Soviética deveriam limitar os seus mísseis nucleares de grande alcance e forças de bombardeiros estratégicos a 2400 cada país, com 1320 mísseis capazes de serem equipados com ogivas múltiplas.

A questão mais importante por resolver nas conversações SALT, em Genebra, envolve a verificação de mísseis capazes de transportar ogivas múltiplas, conhecidos como MIRVS.

Os Estados Unidos propuseram que todos os mísseis soviéticos guardados em silos suficientemente largos para conter ogivas múltiplas deveriam ser contados entre os 1300 MIRVS permitidos.

Os soviéticos têm rejeitado, até agora, tal proposta.

Um alto funcionário norte-americano disse antes do encontro de hoje entre Ford e Brejnev que o presidente não esperava qualquer decisão importante da sua conversa com o dirigente comunista.

Contudo, Ford esperava que fosse feito progresso conduzindo a decisões políticas de alto nível, que seria um bom avanço em relação a Genebra.

Brejnev parecia gozar de excelente saúde e estar muito bem disposto, a despeito das repetidas notícias que se encontra doente, há vários meses.

Ford e o dirigente soviético estavam acompanhados do secretário de Estado Henry Kissinger, do ministro soviético dos Negócios Estrangeiros, Andrei Gromyko e de outros conselheiros ao conferenciarem na mesa da sala de jantar da residência do embaixador norte-americano na Finlândia, Mark Evans.

Os dois dirigentes felicitaram-se mutuamente por causa da recente acoplagem com êxito no espaço da nave Apolo, com os astronautas norte-americanos e da cápsula Soyuz, com os cosmonautas soviéticos.

Brejnev observou que fora «uma missão espacial muito boa» e Ford retorquiu dizendo que os apertos de mão trocados entre as duas tripulações, após a junção, indicavam o progresso que os dois países estavam a fazer quanto ao desanuviamento político.

O encontro da manhã de hoje foi um de uma grande série de discussões bilaterais, que quase relegam para plano secundário a própria cimeira. Ford avistou-se às primeiras horas de hoje com o primeiro-ministro britânico, Harold Wilson.

O presidente norte-americano tem um programa muito ocupado fora da Sala Finlândia, onde se realiza a cimeira, incluindo outro encontro com Brejnev, no sábado, dessa vez para discutir o Médio Oriente.

A cimeira foi inaugurada formalmente ao meio-dia local (11 horas em Lisboa) pelo presidente Urho Kekkonen, da Finlândia.

Vinte e oito chefes de Estado ou de Governo da Europa e dos Estados Unidos chegaram ontem à tarde a Helsínquia para participarem, a partir de hoje, na cimeira de Segurança e Cooperação Europeia.

Excepto no caso de Brejnev, que chegou de comboio, todos os participantes na cimeira foram objecto de cerimonial idêntico: recebidos, no aeroporto, pelo presidente finlandês Urho Kekkonen, foram rapidamente transportados para a capital, onde a maioria se alojou nas Embaixadas dos respectivos países.

TRANQUILIDADE NA NIGÉRIA APÓS O GOLPE MILITAR

. LAGOS, 30 — (R. — O novo dirigente da Nigéria, brigadeiro Muritala Rufai Mohammed, iniciou hoje o seu primeiro dia completo no Poder quando se anunciava que o país se achava calmo, após o golpe de Estado de ontem que depôs o general Yakubu Gowon.

O brigadeiro Mohammed fará hoje, às 19 horas locais, uma declaração pela Rádio e Televisão nacionais, segundo anunciou Rádio Lagos.

A Rádio disse ainda que o Governo militar federal ordenara que o trabalho normal recomeçasse hoje em todo o país a seguir ao dia de ontem em que faltaram aos empregos quase todos os nigerianos.

A nomeação do brigadeiro Mohammed para chefe de Estado e comandante-chefe das Forças Armadas foi anunciada ontem, à noite, pela Rádio nigeriana.

O novo dirigente era antes inspector de sinalização das Forças Armadas e ajudou o general Gowon a ocupar o Poder, há nove anos.

O golpe de Estado foi desencadeado às primeiras horas da manhã de ontem, quando o general Gowon assistia em Kampala, no Uganda, à cimeira da Organização de Unidade Africana.

As primeiras notícias foram conhecidas numa comunicação feita pelo coronel Namvan Garba, comandante da Guarda de Elite que protegia o chefe de Estado e tido como amigo íntimo do general Gowon.

O golpe de Estado foi sem efusão de sangue, ao contrário da Revolta de 1966 durante a qual o general Gowon ocupou o Poder. Foi anunciado a noite passada no vespertino «Times of Lagos» sob o título: «As Forças Armadas Derrubam o General Gowon».

Na sua radiodifusão, o coronel Garba disse que a acção contra o general Gowon fora empreendida «após o que tem acontecido nos últimos meses».

Embora não fornecesse detalhes, observadores de Lagos afirmaram que Garba aludia a factores tais como a inflação, corrupção e a promessa do Governo de Gowon de mudar os governadores militares dos Estados da Nigéria, promessa essa que não cumpriu.

Tinha-se registado também agitação para o regresso a Governo civil, embora o general Gowon, após prometer primeiro que tal aconteceria no próximo ano, afirmara em 1 de Outubro de 1974 que o país não estava pronto para tal mudança.

Anunciou-se que a mulher e a família de Gowon se encontram em Londres, o que deu lugar a especulação de que o ex-chefe de Estado tinha conhecimento da conspiração antes de seguir para Kampala.

GOWON RESISTIRÁ?

KAMPALA, 30 — (A.N.I. e R. — O general Yakubu Gowon manifestou o propósito de resistir ao golpe de Estado que o depôs da chefia da Nigéria enquanto assistia à cimeira africana em Kampala.

Todavia, nalguns círculos da capital ugandesa afirma-se que o ex-dirigente nigeriano estava a pensar no exílio.

Gowon continua confinado à «suíte» do hotel onde se alojou, rodeado por agentes de segurança nigerianos e ugandeses.

Jornais, a Rádio e a Televisão do Uganda não mencionaram, até agora, o golpe de Estado, que é o primeiro na História de 12 anos das cimeiras da O. U. A. em que um dirigente africano foi deposto enquanto a elas assistia.

Em LAGOS o DIÁRIO DE LISBOA vende-se no QUIOSQUE de LAGOS

FIM DAS SANÇÕES DA O.E.A. IMPOSTAS A CUBA

. SÃO JOSÉ DA COSTA RICA, 30 (R) — Países do Hemisfério Ocidental poderão, a partir de hoje, reatar as relações diplomáticas e económicas com Cuba, após a Organização de Estados Americanos (O. E. A.) votar para acabar com um embargo que se mantinha há 11 anos.

Os 21 Estados membros da O. E. A. terminaram com as sanções obrigatórias contra o Governo comunista de Cuba e deixaram a decisão de renovar os elos com esse país ao critério de cada nação.

Os ministros dos Negócios Estrangeiros da O. E. A. e seus representantes votaram ontem, à noite, por 16 votos contra 3, com duas abstenções, a favor da resolução.

O México conseguira antes promessas escritas de apoio de 14 países, incluindo os Estados Unidos, a Bolívia e a Guatemala exprimiram-se, à última hora, a favor da resolução.

A O. E. A. impôs as sanções quando a Venezuela se queixou de que Cuba tinha organizado actividades subversivas no seu território.

Muitos países latino-americanos partilharam, então, os temores dos Estados Unidos de que Cuba tentava exportar a revolução para os seus vizinhos e apenas quatro Estados da região mantiveram as relações com Havana.

Somente o México desafiou inicialmente a deliberação da O. E. A., mas nos anos seguintes mais oito países reataram as ligações com Cuba, minando seriamente o prestígio da Organização.

A Costa Rica foi um dos primeiros países a afirmar que se aproveitaria da mudança para renovar as relações, mas os Estados Unidos declararam que não o farão até travarem discussões cabais com o Governo de Havana.

Na última sessão dos ministros dos Negócios Estrangeiros, que se efectuou em Quito, no Equador, em Novembro, o grupo pró-Cuba não conseguiu obter a maioria necessária para acabar imediatamente com as sanções.

O Paraguai, que juntamente com o Chile e o Uruguai, votou contra a resolução, declarou na sessão de ontem, à noite, que a deliberação era de legalidade dúbia visto a recente decisão da O. E. A. sobre sanções voluntárias não ter sido ratificada.

O grupo pró-sanções notou também que Cuba constituía ainda uma ameaça para a segurança interna dos seus vizinhos e que não tinha mudado de política desde que o embargo foi imposto em 1964.

No entanto, sendo a votação a favor do termo das sanções uma conclusão prevista, nenhum dos representantes dos países que apoiaram a resolução se deu ao incómodo de subir à tribuna para falar a seu favor.

Submetidos a "experiências" presos políticos chilenos

PARIS, 30 — (ANI) — Médicos nazis efectuam «experiências» em presos políticos do campo de concentração chileno de «Colonia Dignidad», situado a 30 quilómetros a Sul de Santiago do Chile — informa o diário francês «France-Soir».

O diário afirma que são administrados regularmente aos prisioneiros fortes doses de narcóticos, dos quais em breve serão escravos.

O «France-Soir» acentua que a junta fascista chilena encarcerou em «Colonia Dignidad» presos políticos sobre cuja detenção nunca se publicou nada por serem considerados desaparecidos.

CIDADE DO MÉXICO, 30 — (ANI) — Os militares chilenos estão a criar centros para a educação fascista das crianças — anunciou na Cidade do México a ex-deputada chilena Gladys Marin, secretária-geral das juventudes comunistas do Chile.

PRESOS EM MADRID SETE OFICIAIS

. MADRID, 30 — (F. P. e R. — A Junta do Capitão-Genera, da Primeira Região Militar anunciou que um major e seis capitães do Exército espanhol foram presos em Madrid.

. . Um comunicado não revelava as acusações que pendiam sobre esses oficiais, mas fontes afectas à oposição disseram que eles poderiam ter sido detidos por serem membros de um partido político proibido.

. . Os sete oficiais foram presos ontem e um juiz militar especial foi nomeado para tratar do caso — acrescentava o comunicado.

. . Os principais partidos oposicionistas espanhóis, incluindo o comunista e o socialista, têm-se estado a organizar clandestinamente preparando-se para a era pós-Franco.

. . Comandantes do Exército têm prevenido os militares para não se envolverem em política, embora se saiba que grupos de estudo de jovens oficiais do Exército se têm reunido para discutir os acontecimentos e se nota aparentemente cada vez maior politização entre os elementos das Forças Armadas.

. . Entretanto, a actriz Maria Paz Ballesteros, acusada de cumplicidade no atentado que, a 13 de Setembro de 1974, fez onze mortos e 71 feridos, num café situado perto da D. G. S. espanhola, vai ser libertada provisoriamente, segundo decisão do juiz encarregado da instrução do seu processo.

. . Mulher do encenador Vicente Saenz de La Pena, que continua preso, Maria Paz Ballesteros tinha sido presa em Setembro de 1974. A sua libertação segue-se à de várias outras pessoas, acusadas de cumplicidade em relação àquele atentado. Eva Forest, Maria Luz Fernandez, Antonio Duran, Vicente Saenz e Eduardo Sanchez Gatell continuam presos.

JUAN CARLOS VAI AO CHILE

SANTIAGO DO CHILE, 30 — (R. — O príncipe Juan Carlos de Borbon, rei designado de Espanha, visitará em breve o Chile acompanhado por uma delegação ministerial espanhola muito representativa — anunciou a noite passada em Santiago do Chile o ministro da Educação do Governo de Pinochet, Arturo Roncoso.

. . O príncipe Juan Carlos será acompanhado pelos ministros espanhóis das Finanças, Educação, Comércio Externo e Trabalho.

. . A visita efectuar-se-ia em breve mas a data exacta ainda não foi fixada.

Espectáculos

Crítica de Teatro

CARLOS PORTO

CARTA ABERTA AO PRESIDENTE DA REPÚBLICA A PROPÓSITO DO ESPECTÁCULO DO MONUMENTAL

Senhor General Costa Gomes

Tivemos oportunidade, por mero acaso, de assistir à sessão do espectáculo do Teatro Monumental em que V. Ex.ª esteve presente. Por deveres de ofício, devíamos estar neste momento a fazer um comentário a «Lisboa Acordou». Há uma razão primordial para não o fazer: V.Ex.ª, que é frequentador (e ainda bem) dos espectáculos de revista, não ficará surpreendido se lhe dissermos que qualquer semelhança entre o espectáculo do Monumental e uma revista é mera coincidência, naturalmente, que se trata de um espectáculo que está abaixo de qualquer crítica. Com efeito (e se exceptuarmos os espectáculos do Teatro Laura Alves, aliás, da responsabilidade de dois dos três autores desta parceria), há muitos anos que não vimos uma revista tão pobre de imaginação, tão pirosa (os números de final de acto à parte), tão indigente como texto, tão reaccionária sob o ponto de vista estético (e não dizemos ideológico, porque ideias é coisa que por lá não há), embora seja, com efeito, politicamente reaccionária. Bastariam — para o provar — números como os de «Arlequim», em que se metem esquerdas e direitas no mesmo saco, em que se afirma que os políticos o que querem é dinheiro; como «Alfacinhas» — nos seus tons verdes e figurinos que lembram a F.P. e a M.P.; como «Entrevista da TV», em que se afirma que as multidões iam aplaudir Salazar, Caetano como hoje aplaudem a revolução. Simplesmente, ainda há pior.

Não gastaríamos, pois, mais espaço do jornal com este espectáculo, se não houvesse outros valores em jogo, valores que justificam o facto de termos substituído o comentário habitual por esta Carta Aberta que tomamos a liberdade de lhe dirigir. Reivindicamos o direito de o fazer, como contraproposta às palavras de baixa demagogia que o actor Carlos Coelho, a propósito da homenagem que quis prestar ao Presidente da República, proferiu (fazendo algumas afirmações que reputamos graves e que não podemos deixar passar em claro).

Aliás, o espectáculo do Monumental está recheado de afirmações tendenciosas cuja honestidade a nossa própria condição de crítico e de cidadão, que se considera identificado com o processo revolucionário, não poderia deixar de advertir. Quando um autor faz, por intermédio de um actor, determinadas afirmações ou apresenta determindadas imagens de cariz político, não pode deixar de ter em conta, por um lado, a situação real do País em que vive; por outro lado, a capacidade manipuladora dessas palavras e dessas imagens para com um público que sofreu durante 50 anos uma autêntica lavagem ao cérebro. Num momento em que assistimos à tentativa de manipulação das massas através de uma campanha cujo tom anticomunista faria inveja aos responsáveis fascistas (e que já provocou entre outras coisas, a morte de um elemento das Forças Armadas), consideramos criminoso a utilização, por parte de artistas (?) que se querem responsáveis, desse mesmo tom, acompanhado, ainda por cima, por manifestações histéricas por parte de pessoas pagas para isso (é o caso da claque) e por parte de pessoas que o fazem por despudor (caso, por exemplo, da jornalista Vera Lagoa que berrava «abaixo a ditadura», como se realmente vivêssemos em ditadura).

E, curiosamente, tudo isto feito em nome da liberdade (e da Liberdade que se diz, textualmente, ser um direito divino). E em nome da Liberdade que se insulta velhos combatentes comunistas (que pagaram duramente o preço de um combate generoso e desinteressado — comparando-os a Salazar ou dizendo que eles não gostam de ver fotografias de antes do 25 de Abril, como se os operários comunistas (que a personagem com o seu fato-macaco personifica) se tivessem mancomunado com os fascistas. E em nome da Liberdade que se fazem afirmações cuja falsidade talvez V. Ex.ª ignore. Permita-me, pois, que dirija, através desta Carta, um desafio aos autores de «Lisboa Acordou», no sentido de provarem algumas das suas afirmações caluniosas. Desafiamo-los a provar que actores que tenham recebido prémios do S.N.I. o tenham negado; desafiamo-los a provar que se deve a José Jorge Letria o facto do fado ter sido marginalizado, como, aliás, não podia deixar de ser (momentaneamente), do nosso processo revolucionário. Desafiamo-los a provar que os comunistas ocupam de facto a Televisão, a Rádio, a Imprensa, tecla já suficientemente batida e já oficialmente desmentida. Pela nossa parte, fazemos crítica de teatro há cerca de 20 anos, e sempre lutámos, na medida das nossas possibilidades, contra o mau teatro e contra o fascismo (ligados um ao outro, de resto).

Uma outra afirmação refere-se ao facto de actores ganharem 30 ou 40 contos (1) e dizerem-se comunistas, esquecendo-se, ou fingindo-se esquecer, que esses artistas lutam para que sejam alteradas as condições capitalistas que ainda imperam no nosso teatro e, portanto, desigualdades tão gritantes entre trabalhadores, e lutam apesar de auferirem os ordenados referidos (admitindo que haja ainda casos desses, o que duvidamos), mas sabendo que a alteração dessas condições passa pela socialização do teatro. Duvidamos, isso sim, que os acusadores — cujo impudor é manifesto — estejam interessados nessa luta, por razões que parecem óbvias (2).

Foram, porém, as palavras que Carlos Coelho dirigiu a V. Ex.ª que pretextaram esta Carta Aberta. Afirmou Carlos Coelho que colegas de teatro teriam afirmado ser a revista um espectáculo alienante. Não é verdade (como estamos fartos de ver, a mentira e a falsidade campearam impunemente no espectáculo do Monumental). Não há nenhum actor ou qualquer outro homem de teatro que considere a revista em si alienante. Pode acontecer que haja na revista, no todo ou em parte, uma carga ou aspectos alienantes, como é o caso (habitual) da exploração da mulher como objecto, ou como é o caso, mais do que evidente da revista do Teatro Monumental. Apelou o actor Carlos Coelho para a intervenção de V. Ex.ª no sentido dos trabalhadores de teatro poderem continuar a fazer os espectáculos que quiserem. Esse apelo demonstra como aquele actor (e, aliás, todos os responsáveis por este espectáculo) está fora do processo revolucionário. Porque, de contrário, saberia que, a revolução fez-se, e faz-se, para que os trabalhadores tomem nas suas mãos os mecanismos não só do seu próprio trabalho como de toda a sociedade. É que o actor Carlos Coelho, no fundo, queria, tanto quanto nos pareceu, manifestar-se contra a nacionalização do teatro, autêntica pedra de toque do trabalhador teatral revolucionário. Parece esquecer aquele actor (e todos os que atacam essa medida indispensável) que a nacionalização do teatro implica de facto a sua libertação porque só assim os trabalhadores poderão passar, eles próprios, a dirigir o teatro. E que essa libertação passa pela eliminação de empresários como o do Teatro Monumental que recebe a mais alta figura da Revolução do 25 de Abril com o mesmo sorriso com que reverenciava as figuras gradas do regime fascista.

Parece querer o actor Carlos Coelho esquecer que a nacionalização do teatro não implica a supressão de nenhum género de espectáculo e, muito menos, da revista. Implica, isso sim, a eliminação, a partir da consciencialização dos respectivos problemas por parte dos seus criadores, do reino da mediocridade, do analfabetismo, do mau gosto, do contra-revolucionário.

Terminamos esta Carta que dirigimos a V.Ex.ª, evocando as palavras de um grande homem do teatro francês (Jean Vilar): «Para mim, fazer teatro é pôr ao serviço do maior número, e em primeiro lugar dos mais desprotegidos, o pão e o sal do conhecimento».

Será atentar contra a liberdade, contra o direito dos trabalhadores, contra o socialismo, contra o povo português, exigir isso mesmo do nosso teatro? Ou não será, pelo contrário, lutar pelo povo português, pelo socialismo, pelo direito dos trabalhadores, pela liberdade?

Eis as perguntas que tomo a liberdade de pôr a V.Ex.ª

C.P.

(1) Dizem-nos que uma actriz francesa que nada faz, ganha 1200$00 por noite!

(2) Esse impudor vai ao ponto de se acusar o cinema de degradar a mulher, como se o espectáculo não o fizesse, incluindo, até, um número em que se faz a apologia da droga.

«LISBOA ACORDOU», de Eduardo Damas, Carlos Coelho, José Vilhena. Música: João Nobre, João Vasconcelos, Manuel Paião. Direcção Musical: Artur Rebocho. Encenação: Carlos Coelho. Produção: Vasco Morgado. Realização Plástica: Pinto de Campos, Manuel de Lima. Intérpretes: Milú, Carlos Coelho, Aida Baptista, Octávio de Matos, Delfina Cruz, Helena Tavares, Mariano Franco, Carlos Miguel, etc. Teatro Monumental. 26/7/75

O XII Ciclo da Casa da Imprensa encerra hoje com a película de Walerian Borowczyk «Contos Imorais». O filme desdobra-se em vários episódios ou «contos», todos eles analisando fenomenos de prazer e de subversão, pois há certa moral conservandora que Borowczyk se compraz em dinamitar. A longa jornada do cinema polémico encerra assim com uma obra provocadora e irreverente que fez «ondas» nos raros países onde tem sido exibida. Viagem ao mundo de uma sensualidade de um mundo que entrou em regime de capitulação, «Contos Imorais» levanta a ponta do véu sobre regiões inexploradas e é um filme a não perder. Recentemente obreve o prémio «L'Age d'Or». Integrado na mesma sessão, exibe-se um documentario critico sobre a pornografia «Uma Colecção Particular», do mesmo realizador. As sessões são no Império às 15 e 15, 18 e 30 e 21 e 15.

FRED ASTAIRE E GINGER ROGERS EM AGOSTO NA "NOITE DE CINEMA"

Frederick Austerlitz Astaire, popularizado pelo diminutivo do primeiro nome e pelo apelido, nasceu em Omaha, em 1899. Conta, portanto, 76 anos este Fred Astaire que foi, nos anos 30 — e vamos lá, ainda, nalguns da década de 40... — a maior figura da dança moderna americana. Dizem os entendidos que ele foi o traço de união entre o classicismo de Vernon Castle e o modernismo exuberante de Gene Kelly. Passeou talento pelos palcos do seu país e do mundo, mas foi, pelo cinema, que a sua figura versatilmente ginasticada, esguia, mesmo ossuda, se tornou conhecida de milhões de pessoas.

Mas seria injusto não associar a essa popularidade, a da sua parceira em numerosos filmes, alguns deles seguimento natural de grandes êxitos na Broadway. Referimo-nos, claro está a Ginger Rogers, hoje com 64 anos, e que inicou precisamente a sua carreira nos «night-clubs» da Broadway. De seu nome completo Virginia Katherine McMath Rogers — um nome bastante complicado para os néons da fama, pelo que Ginger tornou tudo mais simples... — viria a formar com Fred a dupla dos anos de oiro do «music hall» norte-americano.

De Ginger Rogers disse um crítico americano: «há muitas garotas com um rosto gaiato, mas Ginger abusa... E quanto às pernas, bem, elas são já um património do nosso mundo do espectáculo».

Fred Astaire — Ginger Rogers, «uma máquina que desgastou centenas de pares de calçado naquele ritmo endiabrado que caracterizou os «anos loucos». Retrato da época frívola do sapateado e dos ritmos do «swing» que é ainda hoje possível fazer reviver retirando das prateleiras os filmes que não contam apenas a sua história, mas, sobretudo, mostram a extraordinária vitalidade de uma parelha de comediantes da melhor estirpe.

Ao programar para os cinco sábados de Agosto cinco filmes da dupla famosa a R.T.P. proporciona aos seus espectadores de meia-idade o reencontro com uma época bem determinada da música e do ritmo, da comédia ligeira «made in Hollywood». Para os espectadores mais jovens, que apenas viram Fred Astaire ou Ginger Rogers, fugazmente, em séries televisivas ou num ou noutro filme (mas já não reunidos) oferecesse a oportunidade de ficarem a saber a razão porque, anos atrás, se disputavam as plateias dos cinemas, sempre que nos cartaz fulgurava este nome que teimamos em considerar único: Fred Astaire-Ginger Rogers.

«Voando para o Rio» é o filme que na RTP iniciará o ciclo. Programado para a «Noite de Cinema» de sábado foi realizado por Thornton Freeland em 1933. Nele se verá também um outro nome famoso do estrelato de Hollywood, nessa época: Dolores Del Rio.

De George Stevens — um dos grandes realizadores norte-amercianos, o que nos dá ensejo de lembrar que, visto por este lado, também o ciclo nos reservará agradáveis encontros — é a segunda película «Ritmo Louco» (o conhecido «Swing Time»), cuja produção data de 1936.

Três anos depois foi realizado o filme que virá no sábado a seguir (dia 16, portanto). Trata-se de «Bailado da Saudade», de H.C. Potter.

«Shall we Dance?» (entre nós com o título «Vamos Dançar») é um filme de 1937, realizado por Mark Sandrich, e a R.T.P. programou-o para 23 de Agosto.

Oito dias depois — e como os anteriores na rubrica «Noite de Cinema» do 1.º programa — o fim do ciclo Fred Astaire-Ginger Rogers, com a película «Chapéu Alto», também de Mark Sandrich, e talvez uma das mais conhecidas da dupla. «Top Hat» (título original» foi realizado em 1935.

Aqui fica, portanto, indicação sobre os cinco filmes que vamos ver nas noites dos sábados do próximo mês. Fred e Ginger prometem-nos uns serões divertidos, bem próprios para a amenidade das noites de Verão.

SINDICATO BANCÁRIOS LISBOA

ASSEMBLEIA GERAL

(Sessão Extraordinária)

CONVOCATÓRIA

Convocam-se os sócios deste Sindicato para uma Sessão Extraordinária a realizar no próximo dia 30 (quarta-feira), às 21 horas, no Salão da Sociedade de Instrução e Beneficência «A VOZ DO OPERÁRIO», Rua Voz do Operário, 11-15, em Lisboa, com a seguinte:

ORDEM DE TRABALHOS:

I — Uniformização das normas contratuais e extra-contratuais (NIVELAMENTO):

II — Reestruturação da Banca.

Lisboa, 24 de Julho de 1975

Pel'O SECRETARIADO DA MESA DA ASSEMBLEIA GERAL

(Francisco TeTodósio Juradinho Serrano)

Em ABRANTES o DIÁRIO DE LISBOA vende-se na firma Casaca e Martins, Lda. Praça Visconde de Abrançalha

CONCERTO NO CARMO

Continuando a tradição dos concertos de sábado realiza-se no próximo dia 2 de Agosto, no quartel do Carmo, um concerto das bandas da G.N.R. e P.S.P. que actuarão pela primeira vez em conjunto.

Joaquim Rosa contracena com Clara Joana, no final de «Lux In Tenebris», de Bertold Brecht, encenada por Luís Varela, no Centro Cultural de Évora. O «Paladino da moral» e a patroa da casa de prostitutas fecharam negócio: o «monopólio diversões» acaba de ser constituído. Este é o terceiro espectáculo montado pelo Centro de Évora desde Janeiro

Televisão

CANAL DA CRÍTICA

MÁRIO CASTRIM

Fiz há dias referência à excelente organização e à grande actividade da televisão polaca. Informações tais constam das revistas e livros da especialidade, mas de há tempos a esta parte pudemos verificá-lo ao vivo, na televisão portuguesa, através da transmissão de alguns trabalhos valiosos, entre os quais sobressai o folhetim de longo curso «Os Camponeses».

Mais uma prova chegou ontem até aos telespectadores com o primeiro episódio de uma série polaca: «O Capitão Kloss».

É sabido como a produção ianque, a trabalhar em pleno com toda a máquina de Hollywood, inundou as televisões de todo o mundo com as suas séries aparentemente de tele-evasão, mas na realidade de tele-reacção. Muitas dessas séries integravam-se no clima de guerra-fria, exploravam a diplomacia à beira do abismo do sr. Duller, serviam, com a serventia de uma técnica insuperável e de uma insuperável arte de contar, os interesses do imperialismo. Algumas séries policiais americanas atingiram verdadeira popularidade mundial e as televisões dos países socialistas chegaram mesmo a utilizá-las.

Havia que lançar uma ofensiva contra essas séries venenosas — e a televisão polaca demonstrou que isso era possível e com todas as vantagens.

Os heróis, evidentemente, mudam de carácter. O capitão Kloss, heróida série que ontem principiou, é um patriota polaco a trabalhar na contra-espionagem durante a guerra 1939-45. A sua tarefa é ajudar o povo polaco na sua luta heróicacontraoocupante. Operigo cerca-o a todo o momento — mas a sua sorte é idêntica à de milhões de outros compatriotas empenhados na mesma tarefa.

A denúncia da corrupção, da crueldade, do ódio nazi-fascista, seria já uma recomendação para esta série polaca. Mas há mais: há um notável ritmo de narração, há uma constante solicitação à atenção, que o mesmo é dizer: à inteligência do espectador. A lógica das séries manda que o herói sempre acabe em vencedor — mas neste episódio o «jogo» desenvolve-se de maneira que a elaboração do elemento *acaso* se reduz a uma expressão insignificante: o que vale são as contradições, o carácter, e a capacidade também das organizações. A lei do *happy end* fica abolida, pelo menos em parte: A natureza da personalidade dos participantes não é violentada para se conseguir um desenrascanço amável e romântico, inevitável para premiar o pobre herói hollywoodesco...

Por tudo isto, auguro para esta série polaca uma grande popularidade entre os telespectadores portugueses. O capitão Kloss vai ser um bom companheiro todas as semanas.

O CAPITÃO KLOSS: UM VERDADEIRO HERÓI

ALBÂNIA O FAROL

Entre a Grécia e a Jugoslávia, emparedada nas altas montanhas, situa-se um pequeno país chamado Albânia. Qualquer coisa como um terço de Portugal, a Albânia lá vai construindo penosamente o seu socialismo, sob a orientação de Enver Hoxdha, a quem as canções interpretadas pelos jovens e pelas crianças chamam *genial*: «Construímos a felicidade do nosso país graças a Enver Hoxdha e ao partido dos trabalhadores». Ou então: «A nossa vida liberta-se graças a ti, Enver, e ao nosso partido». A sua economia foi grandemente apoiada pelos países do campo socialista, graças aos quais construiu as suas refinarias de petróleo. Agora, a China envia-lhe máximas de Mao Tsé-tung e técnicas que ajudam a montar uma fundição e depois, delicadamente, se retiram.

O nome de Albânia apareceu ontem por duas ocasiões. Uma no *telejornal*, para condenar a Conferência de Segurança e Cooperação Europeias reunida em Helsínquia. Segundo a análise científica a que procedeu Enver Hoxdha, a dita conferência só era benéfica para a União Soviética e para os Estados Unidos, países entre os quais a Albânia divide equitativamente o seu ódio. Talvez seja por isso que Mao Tsé-tung afirma ser a Albânia *o farol do socialismo na Europa* (ou teria sido Confúcio quem disse isto?).

A outra ocasião em que se falou da Albânia foi através de um longo documentário, produzido pela A.F.I., uma *Agence Française d'Images*, a mesma que há tempos nos deu outro documentário sobre a vida das crianças e da juventude na China, também publicado na televisão portuguesa, o que só prova a nossa capacidade de isenção cultural. A China, tenho a certeza, não nos pagará da mesma moeda, a televisão chinesa nada dirá do nosso país e da nossa revolução. Talvez fale, em contrapartida, da Espanha de Franco ou do Chile de Pinochet, países aliás de grandes belezas paisagísticas, às quais o espírito chinês é, como se sabe, muito sensível.

Voltemos ao documentário realizado por Claude Bertrand. Era o documentário dominado por três linhas de força: sublinhar as conquistas de ordem social obtidas pelo regime socialista e por Enver Hoxdha apontar, com as devidas justificações, o atraso em diversos sectores; e captar a simpatia para a República através de um certo romantismo a impregnar as pessoas (jovens principalmente) e neste aspecto valeu tudo, até o truque da contra-luz e dos reflexos mágicos na floresta, processos de que estamos saturados através dos blocos publicitários da televisão.

Ficou bem claro o progresso de ordem social conquistado na Albânia. Libertado apenas em 1912 do jugo otomano, a República veio pouco depois a cair nos braços de Mussolini que, como se sabe, não usou para com ela de nenhuma benevolência. Na luta contra o fascismo se temperou a unidade do povo albanês, tarefa que ficou a dever-se principalmente aos comunistas.

Resultado de tantas opressões: em 1944, havia na Albânia 85 por cento de analfabetos e um em cada três albaneses sofria de malária. Agora, o analfabetismo encontra-se completamente erradicado e quanto à malária nada nos é dito, mas decerto conheceu a mesma sorte.

Acrescente-se que o ensino, em qualquer grau, é totalmente gratuito. O leque salarial é de um para três. As tradições patriarcais ainda não foram totalmente abolidas, embora os homens já descasquem as batatas e cuidem dos trabalhos caseiros se acaso acontece as mulheres tenham que estudar para os exames da Universidade. As mulheres, aliás, muitas delas já se emanciparam e ocupam lugares importantes. Isto resulta da sua própria contribuição na luta pelo socialismo. Por exemplo: em 70 mil combatentes contra o fascismo, 6 mil eram mulheres.

O trabalho na Albânia, em muitos sectores, continua a ser duro e penoso. Para respeitar a velha definição do trabalho da economia clássica? Talvez não. A explicação parece ser outra.

Assim: milhares de jovens auxiliam as populações do interior a abrir um caminho-de-ferro. Auxiliam, utilizando as primitivas pás e picaretas. Claro, diz-nos o comentador, aquilo com máquinas apropriadas era mais fácil e mais rápido. Mas não há máquinas. E além disso, trata-se *de uma questão ideológica*. Lá que os tractores e buldozers faziam arranjo, isso faziam...

A alegria de todo um povo foi a nota dominante do documentário, demonstrada principalmente nas exibições dos grupos folclóricos. Grupos que certamente conheceremos ao vivo quando as relações culturais entre os nossos dois povos se intensificarem. Que esperanos seja em breve.

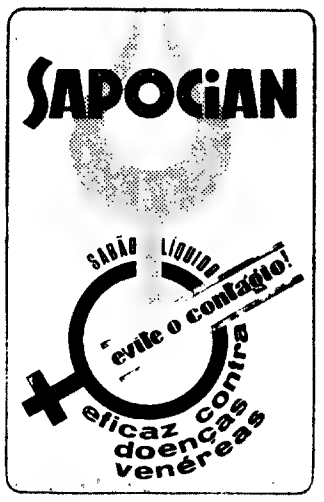
O GRUPO 4 EM DIGRESSÃO

Acabada a série de espectáculos no Instituto Alemão, o Grupo 4 iniciou já a sua digressão pelo País com um espectáculo que foi por muitos considerado como um dos melhores e mais populares realizados depois do 25 de Abril, «um modelo de riso agressivo e inteligente e uma saudável manifestação de humor no combate», como disse a crítica do «Diário de Notícias».

Como o sr. Mokimpóte se libertou dos seus tormentos» de Peter Wess, na versão para português de José Carlos Ary dos Santos e na encenação de Rui Mendes é um dos espectáculos mais conseguidos e importantes do Grupo 4 e, como a crítica não deixou de assinalar, um «espectáculo a não perder» (Maria Helena Da Mesquita, «A Capital»), um «admirável exemplo de teatro popular» (Carlos Porto, «Diário de Lisboa), uma peça «ajustada à realidade portuguesa da última hora» (Urbano Tavares Rodrigues, «O Século»).

Peter Weiss, um dos maiores dramaturgos do nosso tempo, incansável batalhador por um teatro actuante e inserido na historicamente imparável luta do homem por uma sociedade mais justa, revela neste texto o seu respeito e amor pelas formas do teatro de feira, de fantoches, o circo e o cantor ambulante, que são expressão da mais fecunda e legítima comunicação popular.

Depois dos espectáculos de Loures e da Lisnave o Grupo 4 estará em Setúbal (no Largo do Sapalinho) hoje às 21 e 30, no Funchal em 2 e 3 de Agosto. Nos dias seguintes o calendário será: quarta-feira, 6 — Almada, na Escola Preparatória D. António da Costa; quinta-feira, 7, no Torrão (dist. Setúbal); sexta-feira, 8, em Cabanas; sábado, 9, no Samouco; domingo, 10 em Pinhal Novo; e na terça-feira, dia 12, no Barreiro (Penicheiros).



Hoje

«Joseph Balsamo»

I PROGRAMA

19.00 Abertura e **TV Juvenil**
19.25 **Vamos Jogar no Totobola** — os prognósticos para o próximo concurso.
19.40 **Documentário** «A Casa a Paisagem e a Música de Chopin»
19.55 **TV Rural** — um programa pelo eng. Sousa Veloso.
20.30 **Telejornal** — 2.ª edição — noticiário do País e do estrangeiro.
21.05 **«Joseph Balsamo»** — série filmada com Jean Marais no protagonista. 7.º episódio — 2.ª parte.
21.35 **Temas e Problemas**
22.00 **Temas e Variações** — um programa de António Vitorino de Almeida.
23.00 **Telejornal** 3.ª edição
23.15 Fecho

II PROGRAMA

20.00 Abertura e a série filmada **«D.Quixote»**
20.25 **Desenhos Animados**
20.45 **Encontro** entrevista com Maria Lúcia Lepecki.
21.00 **Concerto**
21.25 **«A Vida dos Outros»** («François Gaillard») série filmada
22.30 **Telejornal** em diferido a edição transmitida no I Programa às 20 e 30.
23.00 Fecho

Amanhã

I PROGRAMA

. . . . **12.45**: Abertura e Desenhos Animados; **13.00**: Mãos à Obra; **13.15**: Da Saúde e da Vida; **13.30**: Telejornal; **13.45**: «O Segredo dos Flamengos»; **14.10**: Cartaz dos programas da noite; **19.00**: TV Infantil; **19.30**: Momento Desportivo; **20.00**: TV Palco; **20.30**: Telejornal; **21.00**: Programa do Movimento das Forças Armadas; **22.00**: «Os Camponeses»; **23.00**: Telejornal; **23.15**: Fecho.

II PROGRAMA

. . . . **20.00**: Desenhos Animados; **20.40**: Da Saúde e da Vida; **21.00**: «Serviço Especial»; **21.50**: Sabe Qual é o Principal Monumento de Évora 1.º programa; **22.30**: Telejornal; **23.00**: Fecho.

PARA REPARAÇÃO DO SEU TV
CLÍNICA DE TELEVISÃO E ASTRONAUTA
COM RÁDIO-TELEFONE PARA MAIOR RAPIDEZ E EFICIÊNCIA
Deslocação e orçamento grátis
Telefs. 72 27 86 - 83 42 71
Avenida S. João de Deus, 13-B - Rua Macau, 8

CAIXA DE PREVIDÊNCIA E ABONO DE FAMÍLIA DO DISTRITO DE SANTARÉM

LARGO DO MILAGRE, 51 — SANTARÉM

CONCURSO PÚBLICO PARA AQUISIÇÃO E MONTAGEM DE EQUIPAMENTO DE MICROFILMAGEM

Informam-se as empresas da especialidade que, até ao dia 30 (trinta) do próximo mês de Setembro, está Caixa recebe propostas para fornecimento e montagem de equipamento de microfilmagem.

Do caderno de encargos poderá ser facultada cópia, através da Secção de Aquisições, às empresas que, por qualquer meio, a solicitem.

As propostas deverão dar entrada na Sede desta Instituição (Secção de Aquisições) em sobrescrito fechado e lacrado, com indicação exterior do concurso a que se destinam, até às 16 (dezasseis) horas do referido dia trinta de Setembro, procedendo-se à sua abertura meia hora depois.

Santarém, 28 de Julho de 1975.
A COMISSÃO ADMINISTRATIVA

NOVIDADES DAS EDIÇÕES AVANTE!

Na Colecção «Rumo ao Socialismo»

MOVIMENTO SINDICAL E UNIDADE NO PROCESSO REVOLUCIONÁRIO PORTUGUÊS
Albano Lima — Preço 40$00
Sobre a unidade sindical e as manobras divisionistas.

Na colecção «Cadernos de Iniciação ao Marxismo-Leninismo»

INTRODUÇÃO AO MARXISMO
Émile Bums — Preço 20$00 código 21.05
Escrito num estilo popular, simples e lúcido, este livro explica os fundamentos da teoria e da prática marxistas. Trata-se duma breve introdução, para o leitor comum, aos principais conceitos e fases no desenvolvimento do marxismo.

LÉNINE E OS CAMPONESES
P. Luniako — A. Gontcharov — Preço 25$00 código 21.06
Uma das preocupações fundamentais de Lénine e do Partido Comunista Bolchevique, logo a seguir à Revolução, foi a satisfação das reivindicações essenciais dos camponeses pobres da Rússia e a aliança destes com a classe operária. Este livro trata da concepção leninista da questão agrária e do papel dos camponeses na Revolução.

Na Colecção «Problemas da Paz e do Socialismo»

A FORÇA PRINCIPAL DO PROCESSO REVOLUCIONÁRIO ACTUAL
Gyula Kallai — Preço 8$00 código 32.07

A SITUAÇÃO ACTUAL E O PROCESSO REVOLUCIONÁRIO
Bóris Ponomariov — Preço 8$00 código 32.08
Foi a este ensaio que a reacção chamou «documento secreto», que conteria «instruções» aos partidos comunistas ocidentais. A sua publicação, agora em volume separado, tem como objectivo desmascarar os processos insidiosos usados pela reacção e seus aliados nas suas intrigas anticomunistas.

Na Colecção «Cadernos do PCP»

COM O PCP PARA A UNIDADE POPULAR RUMO AO SOCIALISMO
Preço 10$00 código 03.10
Este «Caderno» é uma análise dos factores da crise que começaria a manifestar-se abertamente em 4 de Julho e com a ruptura da coligação, para culminar nos acontecimentos de 18 e 19 de Julho.

Na Colecção «Documentos Políticos para a História do PCP»

O PCP E A LUTA SINDICAL
Antologia — Preço 80$00 código 04.02

À venda nas Livrarias, nos Centros de Trabalho do PCP e nas
Livrarias Avante!
PORTO — Rua de Aviz, 26
LISBOA — Av. Santos Dumont, 57-C

Os incidentes de 26 de Julho
P.S. ACUSA MILITANTES DO P.C., U.D.P., F.E.C. e F.S.P.

«Só a disciplina e serenidade dos militantes socialistas, e a eficácia do serviço de ordem militar, evitou um confronto físico violento generalizado, cujas consequências poderiam ser graves, e das quais os únicos responsáveis seriam os provocadores anti-socialistas» — afirma a Federação Distrital de Évora do P.S., em tomada de posição perante os incidentes ocorridos no comício promovido pelo P.S. naquela cidade, no passado dia 26.

A responsabilidade das provocações e incidentes atribui-as o Secretariado do P.S. de Évora a «um grupo de provocadores onde se reconheceram elementos do P.C.P., da U.D.P., da F.E.C. e da F.S.P. , os quais «juntaram os insultos ao lançamento de pedras sobre a multidão presente». O comunicado acrescenta que nesta manobra premeditada e sem êxito houve uma nítida intenção de colocar os militantes socialistas numa posição de confronto com os elementos militares presentes» — o que não terá sido conseguido pois «os militantes socialistas responderam com firmeza e inteligência, distinguindo a missão de ordem das Forças Armadas da manobra preparada pelos provocadores».

O Partido Socialista do distrito de Évora reafirma estar «com todas as forças progressistas e com o M.F.A. na construção de uma sociedade socialista que mergulhe profundamente as suas raízes nas massas populares, e na qual o direito de reunião e de livre expressão seja uma conquista irreversível do povo português».

O comunicado termina classificando de «graves» os acontecimentos de Évora (à noite foi apedrejada a sua sede nesta cidade) e afirmando que o P.S. não assalta nem destrói sedes de outros partidos», mas que «a sua paciência tem limites».

JUNTA DO VINHO FIXA PREÇOS DE COMPRA

Tem vindo a causar preocupações entre os vinicultores abrangidos pela entrega obrigatória de vinho, determinada pelo artigo 1.º do Decreto-Lei 38/A-75, o facto de ainda não terem sido fixados os respectivos preços. Por esta razão, e embora os preços a estabelecer para o conjunto de todos os escalões de produtores abrangidos devam vir a depender dos preços de escoamento, entende a J. N. V. conveniente anunciar os que serão pagos nos escalões mais baixos.

Os preços a pagar serão fixados em percentagem das tabelas de intervenção e serão variáveis com a dimensão do produto, ficando estabelecidas as seguintes percentagens para os escalões indicados: produtores de mais de 500 hl, 85 por cento; de mais de 750 a 1000 hl, 80 por cento e de mais de 1000 a 1500, 70 por cento.

Assim, por exemplo, se um vinicultor do primeiro escalão entregar vinho de 12 graus da 1.ª categoria, receberá 4$25 por litro do vinho tinto (85 por cento de cinco escudos) ou 3$40 por litro de vinho branco (85 por cento de quatro escudos). Os preços a pagar são líquidos e os produtores receberão ainda um subsídio para transporte.

A Junta Nacional do Vinho espera abrir muito em breve novas inscrições para a compra de vinho da colheita de 1974. Estas compras serão sujeitas a rateio, bem como o ritmo de retirada da capacidade de armazenagem disponível.

AGRICULTOR AFOGADO NA RIA DE AVEIRO

AVEIRO, 30 — Um agricultor de 56 anos, pai de 12 filhos, morreu afogado na Ria próximo de S. Bernardo ao desequilibrar-se da bateira em que seguia com mais três homens. «Homens-rãs» dos Bombeiros Novos tentam recuperar o corpo.

João Nunes Amador regressava de um juncal, impelindo à vara a embarcação. Subitamente perdeu o equilíbrio e caiu à água, de nada valendo os esforços de um segundo agricultor que imediatamente mergulhou na ria. Este, aliás, teve que ser socorrido pelos outros dois homens, pois a dado momento quase desaparecia também corrente fora.

NA ILHA DE ARMONA

FARO, 30 — Um banhista de 20 anos, Francisco Manuel Cadete Correia, morreu a caminho do hospital desta cidade num carro que o transportava da ilha de Armona. Causa da morte: afogamento.

Francisco Correia, servente de pedreiro natural de Estói e residente no lugar da Amendoeira, banhava-se na ilha quando, perdendo o pé, submergiu durante algum tempo — o suficiente para ficar inanimado. Outro banhista conseguiu trazê-lo para a praia, mas a falta de meios de recuperação foi fatal.

TRIBUNAL CÍVEL DA COMARCA DE LISBOA

3.º Juízo

ANÚNCIO

Por este Tribunal correm éditos de trinta dias, que começarão a contar-se da data da 2.ª e última publicação do anúncio citando o réu JOSÉ DE ALMEIDA ARAÚJO para no prazo de dez dias, findo o dos éditos, contestar querendo a acção, na qual o Autor pede que o réu seja condenado a pargar-lhe a importância de 30.351$60, custas e procuradoria.

Acção SUMÁRIA n.º 8.507 2.ª Secção.

Autor JORGE ANTÓNIO DO MONTE, residente no Casal do Evaristo, à Estrada dos Prazeres, J. A. M., em Lisboa.

Réu JOSÉ DE ALMEIDA ARAÚJO, com última residência conhecida, na Rua Visconde dos Olivais, Lote 23 (Parque da Gandarinha) em Cascais.

Lisboa, 19-7-75.

O JUIZ DE DIREITO,
a) **José António Lopes Cardoso Bastos**

O ESCRIVÃO DE DIREITO,
a) **Jaime Júlio da Silva Cardoso**

PLENÁRIO DE PROFESSORES NO LICEU CAMÕES

..Foi transferido para hoje e amanhã, no ginásio do Liceu Camões, o plenário dos professores, que estava marcado para ontem, às 21 horas, na Aula Magna da Reitoria da Universidade de Lisboa, e que não chegou a realizar-se por falta de «quorum». Da agenda de trabalhos consta a apreciação, na especialidade, do projecto «C» do Estatuto dos Professores (Base F. U. T.), que havia sidb aprovado, na generalidade, em plenário realizado no Pavilhão dos Desportos.

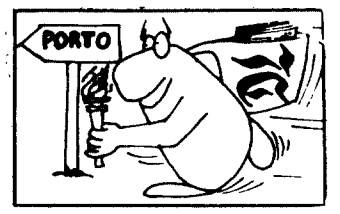
..Cerca das 22 horas, encontravam-se na sala cerca de 450 pessoas, tendo a assembleia deliberado por maioria adiar a sessão, por o número de presenças não ser representativo.

ASSEMBLEIA

..Efectua-se hoje às 17 horas, no Anfiteatro II da Faculdade de Letras de Lisboa, uma assembleia do Departamento de Literatura (Românicas), para deliberação e reestruturação do referido curso.

MATRÍCULAS DE TRABALHADORES-ESTUDANTES

..No Liceu Camões, iniciaram-se as matrículas dos trabalhadores-estudantes, para o 1.º ano do curso secundário unificado, 2.º ano do curso geral e 1.º e 2.º anos do curso complementar (antigo 6.º e 7.º anos). As instruções relativas a documentação encontram-se afixadas naquele Liceu.



A ÚLTIMA OPORTUNIDADE

Para basear **O SEU PALPITE** aqui tem as classificações das equipas intervenientes no concurso do próximo domingo.

Esta é a 48.ª e última oportunidade da 14.ª época no TOTOBOAL.

TAÇA INTERNACIONAL
CLASSIFICAÇÕES ACTUAIS

GRUPO I

		J	P
1	Malmö	5	7
2	S. Innsbruck	5	7
3	St. Liège	5	6
4	Sp. Roterdão	5	0

GRUPO II

		J	P
1	Voest Linz	5	10
2	I. Bratislava	5	6
3	1903 Hellerup	5	2
4	Winterthur	5	2

GRUPO III

		J	P
1	Vojvodina	5	7
2	Zurique	5	6
3	E. Braunschweig	5	6
4	Vejle	5	1

GRUPO IV

		J	P
1	Zaglebie	5	9
2	Sturm Graz	5	6
3	Telstar	5	5
4	Holbaek	5	0

GRUPO V

		J	P
1	Brno	5	7
2	Polonia Bytom	5	6
3	Tenis Berlim	5	5
4	Aik	5	2

GRUPO VI

		J	P
1	Row Rybnik	5	9
2	Alkmaar	5	5
3	Graashopper	5	4
4	Oesters	5	2

GRUPO VII

		J	P
1	Atvidabergs	5	7
2	Dvisburg	5	7
3	Slask Wroclaw	5	3
4	Admira Wacker	5	3

GRUPO VIII

		J	P
1	Kaiserlautern	5	8
2	Bohemians	5	8
3	Young Boys	5	2
4	Goteborg	5	2

GRUPO IX

		J	P
1	Belenenses	5	8
2	Spartak Trnava	5	7
3	Amesterdão	5	4
4	KB Copenhaga	5	1

GRUPO X

		J	P
1	Setúbal	5	7
2	Celik Zenica	5	6
3	Banik Ostrava	5	5
4	Elfsborg	5	2

APROVEITE-A!!!

Desporto

COMO VAI O FUTEBOL

ALHINHO TEM UM PARAFUSO A MAIS

O Sporting foi oficialmente informado, pela directiva do Atlético de Madrid, de que o clube espanhol se desinteressou completamente da aquisição de Alhinho, em face dos exames médicos terem revelado que o defesa cabo-verdiano sofre de lesão grave num tornozelo, onde foi detectado um parafuso.

BOAVISTA

Vítor Pereira, que se tinha transferido da Cuf para o Boavista, foi mobilizado para Angola, tendo já recolhido à sua unidade militar (em Paços de Ferreira). Aos treinos dos «axadrezados» não compareceram (ainda) os brasileiros Salvador, Mané e Celso, que continuam de férias no seu país.

TRANSFERÊNCIAS

Mais nomes na berlinda, dentro da «bolsa de transferências»: Adolfo (que quer voltar ao Barreirense); Ernesto (dispensado pelo Belenenses, parece tomar o caminho de Tomar); quatro «azuis» vão deixar o Restelo (Parreira, Pereira, René e Soares); uma torrente de «libertados» no Académico de Coimbra procura clube (Festas, Cano Brito, Gonçalves, João Paulo, Roque, Alcino e Cunha); o benfiquista David retornou a Angola (após rotundo fracasso no futebol português); o ex-portista Nino voltou à África do Sul enquanto outros recentes colegas procuram emprego (caso de Alhinho II, por exemplo); Wilson transferiu-se do Boavista para o Salgueiros ao mesmo tempo que Serafim (União de Coimbra) ingressa nos salgueiristas; o Vitória de Setúbal recupera Fuzeta (vindo de África) e recruta Edson (Beira-Mar); Augusto (Torriense) e Sabu (Montijo); Arcanjo e Caló são dispensados pelo Atlético, que volta a contar com Semedo (ex-Oriental); Caetano troca o União de Tomar pelo União de Leiria; o Estoril dispensa Maia da Silva, Dias, Carlos Alberto e Anselmo; o Braga diz adeus a um grupo de dispensados (Antenor, Nabo, José Maria I, Sobral I, Edvaldo e Alidu); o brasileiro José Júlio (que esteve no Beira-Mar) volta à sua terra; César mudou-se do Leixões para a Portuguesa de Desportos (Brasil); Praia, Alberto e Zezinho saem do Bessa; Faia substitui Vicente na chefia técnica do Sesimbra e Pavão (Tomar) treina no Bonfim.

SPORTING

O Sporting voltou aos treinos, desta feita já com as recentes aquisições integradas no «plantel»: Manuel Fernandes e Vítor Gomes (ex-Cuf), Amândio (ex-Boavista) e José Mendes (ex-Setúbal). Um regresso a Alvalade: o de Jesus, que esteve cedido ao Olhanense. Três promoções: dos juniores Libânio, Barão e Vicente. Dois retornos após saída de lesões graves: do brasileiro Da Costa e de Laranjeira. Ausências já esperadas: de Nelson e de Manaca, sendo certo que o último deixará os «leões».

VARZIM

Leopoldo e Marco Aurélio transferiram-se: do F. C. do Porto para o Varzim.

FAMALICÃO

Depois de ter obtido o concurso de Bacanhim e Melo (Académico de Coimbra), o Famalicão recruta Rodrigo (Sporting de Braga).

SETÚBAL

Jaime Graça integra-se na comitiva do Vitória de Setúbal que, esta tarde, parte para Elfsborg, onde vai jogar para a Intertoto. Outra presença no «plantel» agora dirigido por Mário Lino: do brasileiro Alfredo (Peniche). Em contrapartida, há ausências notórias: José Torres e Octávio (que terminaram os compromissos com o Vitória) e Carlos Cardoso, que se encontra no curso para treinadores.

CUF

No Desportivo da Cuf, promoção de juniores: Nelson, Frederico e Araújo.

NOVIDADES

Na reunião federativa com os órgãos de comunicação social foi divulgado um punhado de novidades: o jogo Portugal-Checoslováquia (para o «europeu») será a 12 de Novembro, no Porto (Antas); os sorteios para os «nacionais» (que se iniciam a 7 de Setembro) vão ocorrer a 12 de Agosto; foram abolidos os prémios a jogadores juvenis e juniores, prevendo-se que (futuramente) o mesmo venha a acontecer em relação aos seniores e estão previstos encontros (a nível de seniores) com as formações da Polónia, Brasil e Argentina.

A turma de hóquei em patins do Sporting, que conquistou o título nacional da temporada. Da esquerda para a direita: Rendeiro, Chana, Salema, Ramalhete e Saraiva.

Registo

NATAÇÃO: Paulo Frischknecht, Botelho de Melo, António Mourão e Orlando Dias vão competir, de 7 a 10 de Agosto, no «Europeu» de juniores, em Genebra (Suiça).

GINÁSIO CLUBE: A assembleia da colectividade prosseguirá a 2 de Outubro, após tentativa para ser elaborado um elenco que tome em mãos os destinos da colectividade, a atravessar a mais aguda crise financeira do seu longo historial.

ORIENTAL: Demissão colectiva da gerência orientada por Mário Gonzaga Ribeiro, em face dos associados do clube não terem assumido posição firme face à periclitante situação das finanças do clube.

CNID: assembleia geral do Clube Nacional da Imprensa Desportiva, pelas 18 horas de amanhã, na Sociedade oa União Becodas Cruzes, 9, em Alfama para eleição dos novos corpos gerentes da agremiação de jornalistas. Pelas 20 horas tem lugar a distribuição dos «Prémios CNID» (a Humberto Coelho, Carlos Lopes e Chalana), seguindo-se uma «sardinhada de convívio».

COMITIVA DO BENFICA INSULTADA EM ESPANHA

. Um grupo de 20 atletas benfiquistas protestou veementemente, perante o embaixador de Espanha em Portugal, pelo que se passou em Espanha, aquando do regresso de uma competição de atletismo ocorrida em Palencia. Contam, na sua exposição

. Cerca das 7 e 15 do dia 28 do corrente, em Tordesilhas (Espanha) num dos cruzamentos da estrada que liga Valladolid a Salamanca, o nosso autocarro matrícula GF-95-48 (propriedade do Sport Lisboa e Benfica) foi mandado parar por dois polícias de estrada, cujas motos possuem as seguintes matrículas PGC-J-3148 e PGC-J-2988.

O motorista foi informado (por um dos agentes da Polícia, em tom muito indelicado) que não parou no sinal de «stop» e que teria que estacionar o autocarro mais à frente e aguardar que lhe fosse passada a multa de 1600 pesetas, tal como, aliás, sucedera com outros quatro automóveis (três de matrícula francesa e um portuguesa mas, por coincidência, todos eles pertencentes a portugueses).

«Uma vez que o nosso motorista alegou que afrouxou e quase parou no cruzamento referido, de grande visibilidade e sem trânsito algum na ocasião, dirigiu-se com o nosso dirigente Manuel Arons de Carvalho, bem como com os próprios ocupantes das outras viaturas, aos agentes da autoridade, para tentarem mostrar o que representava essa autuação. Estes não os deixaram falar e disseram-lhes que aguardassem, chegando mesmo a empurrar o nosso motorista.

«Uma vez que não tínhamos nenhum interesse em estar numa situação de impasse, pois desejávamos chegar o mais cedo possível a Portugal, o nosso dirigente dirigiu-se novamente a um dos polícias para tentar resolver o problema. Este mandou-o calar, insultou-o e agrediu-o, ao mesmo tempo que chegavam outros dois agentes. Ao deparar com esta cena, dois atletas dirigiram-se para apoiarem aquele dirigente, quando (de súbito) um dos polícias acabados de chegar puxou da pistola e ameaçou-os obrigando-os a regressar ao autocarro. Ao mesmo tempo, um dos agentes foi buscar umas algemas e exibiu-as.

«Entretanto, fomos insultados e ameaçados nestes termos: «Não queremos aqui porcos»; «Vamos levar-vos ao quartel onde irão levar pancada» e «Arrancar-vos-emos os pelos um a um».

«Depois de termos regressado ao nosso autocarro fomos conduzidos, sob escolta, ao Destacamento da Polícia de Tordesilhas. Aqui, três polícias (depois de terem tomado posições estratégicas e de um deles ter sacado da pistola, puxado a culatra atrás e ter introduzido a bala na câmara) conduziram ao referido destacamento o motorista Sebastião Martins e Arons de Carvalho, que são introduzidos em dois quartos. Sem qualquer interrogatório, Arons de Carvalho é agredido a soco por três polícias. Após várias agressões e insultos, trouxeram o motorista e, só então, colheram os dados para o preenchimento da participação de ocorrência, que não chegou a ser terminada. Entretanto, entre os insultos que continuavam a proferir, informaram que reteriam o autocarro se não fosse paga a multa e, pouco depois, que nos deixavam seguir ficando retido Arons de Carvalho, por insulto à autoridade (o que apenas se verificou depois do espancamento). Como ambos tivessem afirmado que apenas partiríamos «todos juntos», resolvem, finalmente, trazê-los até ao autocarro, continuando com os insultos: «Vocês são ladrões, comunistas e porcos».

«Uma vez que não valia a pena discutir com tão selvagens agentes, dirigi-mo-nos ao Consulado Português mais próximo, em Salamanca, onde fomos recebidos por um adido de nacionalidade espanhola (que estava a substituir o Cônsul, em férias) que nos apresentou desculpas e pediu ao agredido que fizesse uma participação do sucedido e a enviasse àquele Consulado.

«Terminado o relato, vimos, por este meio, expressar a nossa indignação e repúdio pela forma como fomos tratados pelos agentes da Polícia da Estrada de Tordesilhas, que nos insultaram e agrediram (sem nos ouvirem), o que vem chocar com as liberdades do indivíduo. Este atentado deixa-nos também apreensivos quanto às liberdades e direitos do povo espanhol, até em simples incidentes com a Polícia das Estradas.»

. Seguem-se as assinaturas de 20 atletas-testemunhas.

Lá fora

. Treinadores da República Democrática Alemã em número de 166, trabalharam (no decurso dos últimos 16 anos e durante dois anos cada um) em diferentes países da Africa, da Ásia e da América Latina.

Embora o seu trabalho se destinasse, em primeiro lugar à preparação de monitores e de treinadores destes países, treinaram (também) atletas. O treinador Werner Kramer teve (assim) graças à sua actividade na Tanzânia, grande influência no êxito do detentor do «record» do mundo dos 1 500 metros (Filbert Bayi).

A Escola Superior da RDA para a Cultura Física e Desporto, de Leipzig (DHFK), envia, desde há anos, 25 por cento dos seus professores para os países em vias de desenvolvimento e organiza estágios internacionais, no quadro dos quais foram já formados 819 treinadores de 38 países e 216 pessoas, no total, fizeram até agora estudos post-universitários naquela escola.

A DHFK organiza, além disso cursos internacionais de Verão, nos quais participaram em 1971 e 1972 por exemplo, 50 responsáveis desportivos de 24 países.

O TRAÇO DE PARGANA

CICLISMO EM ÍLHAVO

Apesar dos enormes encargos financeiros que uma prova deste género acarreta, o Ilhavum Clube decidiu organizar, a 21 de Setembro, a Volta Ciclista ao Concelho de Ílhavo, para corredores populares, amadores juniores e amadores seniores.

Esta prova velocipédica (que este ano perfaz 24 anos de existência) é, sem sombra de dúvida, um espectáculo desportivo a que concorrem sempre grandes valores do ciclismo nacional e um cartaz popular, uma verdadeira festa do povo ilhavense que acorre em massa a todos os pontos do percurso.

..A prova deste ano tem cerca de 120 km de extensão: e que foi cuidadosamente preparada, levando a «Volta» a visitar os centros do distrito onde o popular desporto é tido como uma das principais actividades desportivas (casos de Borralha, Fogueira e Sangalhos).

..A 1.ª etapa da prova, disputada em linha numa distância de 120 km, terá início cerca das 9 e 30, com partida da Av. Dr. Mário Sacramento, passando por Gafanha de Aquém, Gafanha da Nazaré, Barra, Costa Nova, Vagueira, Gafanha do Carmo, Gafanha da Encarnação, Gafanha de Aquém, Gafanha da Boavista, Vagos, Soza, Ouca, Bustos, Mamarrosa, Amoreira da Gândara, Ancas, Fogueira, Sangalhos, Oliveira do Bairro, Aguada de Baixo, Borralha, Agueda, Recardães. Oiã, Palhaça, Salgueiro, Quintãs, Quinta do Picado, Amarona, Ílhavo, Ervosas, Moitinhos, Vale de Ílhavo e Ílhavo, com meta instalada na Av. Dr. Mário Sacramento.

..A 2.ª etapa será disputada no mesmo dia (à tarde) com as voltas habituais ao percurso, Av. Dr. Mário Sacramento, Malhada, Alqueidão, Av. Manuel da Maia e Av. Dr. Mário Sacramento (em sistema de contra-relógio).

Geral

ACELERAÇÃO OU DESACELERAÇÃO DO PROCESSO REVOLUCIONÁRIO?

Continuação da pág. 3

nário que pensa efectivamente nos seus problemas e que está verdadeiramente a resolver os seus problemas. Por isso a defesa da Revolução não é uma coisa teórica para ele; a defesa da Revolução é a defesa contra a exploração e o domínio do imperialismo americano; é a defesa do ensino e da assistência gratuita; é a defesa contra o aumento dos preços dos produtos essenciais, instrumento suplementar de exploração capitalista; é a defesa da estabilidade do emprego e do salário (em Cuba quando a Revolução triunfa existem cerca de meio milhão de desempregados, e de outros tantos que só tem trabalho quatro meses por ano; a população activa não ultrapassava, naquela data, 2 milhões de cubanos); é a defesa da casa que recebeu ou da renda barata; etc., etc.

Assim, quando Fidel Castro lança, em 28 de Setembro de 1960, a palavra de ordem que o povo cubano deve-se organizar para defender a Revolução, já que a reacção multiplica as suas acções (enquanto ele falava duas bombas rebentam em Havana), os Comitês de Defesa da Revolução sofrem rapidamente o seguinte crescimento:

. 1961 798 703 membros; 1962 1 119 835 membros; 1963 1 656 195 membros; 1966 2 237 652 membros; 1969 3 222 147 membros; 1975 4 750 000 membros.

Portanto, em 1975, 83 por cento da população cubana, com mais de 14 anos, está organizada em Comité de Defesa da Revolução. É o próprio povo cubano, em massa, que de uma forma permanente defende a Revolução e esmaga a reacção. E tudo isto aconteceu, tudo isto foi possível, não porque se tenha andado devagar, mas sim porque a Revolução nunca hesitou em tomar as medidas que a situação exigia, e que o povo pedia e esperava.

X

QUE ACONTECE EM PORTUGAL? — O desemprego aumenta; os preços de alguns produtos essenciais sobem; o comércio externo ainda não foi nacionalizado, o que tem permitido a sabotagem, em larga escala, quer da reacção interna quer da externa; a Reforma Agrária marca passo; o Ministério de Equipamento Social e Ambiente revela incapacidade para fazer sair a indústria da construção civil e obras públicas da grave crise em que se debate, o que se reflecte em muitos outros sectores; o saneamento, quer a nível público quer privado, não avança; etc., etc..

Perante toda esta situação, que fazem as forças reaccionárias? — Organizam-se e passam mesmo à ofensiva; utilizando múltiplos pretextos (ex.: caso República), provocam crises políticas e paralisam a actividade do Governo; aproveitando o acumular de problemas, a hesitação em tomar as medidas indispensáveis para resolver a grave crise económica que o País enfrenta, tentam provocar o descontentamento popular e virar o Povo contra a Revolução.

A táctica não é nova; no entanto, se a Revolução não actuar com energia, rapidez e eficácia, a reacção pode alcançar os seus propósitos.

No meio de toda esta situação, é inevitável que muita gente honesta seja confundida; que pense que «o Povo já não está completamente com o M.F.A. ou com a Revolução por se estar a andar demasiadamente depressa», quando o que acontece, na verdade, é precisamente o contrário. A reacção tira partido da frustração popular porque as medidas não são tomadas a tempo, em virtude de os problemas não serem resolvidos, etc.. Aproveitando-se da inexperiência de muitos revolucionários que falam muito de socialismo, que abrem demasiadamente o jogo, mas que tomam poucas medidas práticas para instaurar o socialismo e ganhar as massas trabalhadoras para a Revolução, a reacção tenta paralisar todas as medidas revolucionárias argumentando que elas provocarão o isolamento do País em relação aos países do chamado Mundo Ocidental (recorde-se, a este propósito, a conduta do sr. Mário Soares antes da nacionalização da Banca e no acto de aprovação das leis referentes à Reforma Agrária).

Desta forma, muitos revolucionários acabam por querer conciliar coisas inconciliáveis; pretendem ganhar a reacção para a Revolução atrasando ou tornando «menos revolucionário» o próprio processo revolucionário, quando o que acabam por fazer é afastar o Povo da Revolução e lançá-la nos braços da reacção.

Utilizando os mesmos métodos que a reacção interna, a reacção externa usa a calúnia e a chantagem («só terão auxílio financeiro, se se portarem com juízo», diz o sr. Giscard e a C.E.E. por outras palavras; no entanto, adiam indefinidamente qualquer auxílio).

O dilema que se põe actualmente é este: — ou avança-se decidida e firmemente no caminho da Revolução, e ganha-se o Povo português para o processo revolucionário; ou pretende-se «não assustar a reacção», captar a reacção interna e externa para a Revolução» e perde-se o Povo e com certeza a Revolução.

Cuba em 1959, quando a relação de forças a nível mundial era muito menos favorável ao socialismo do que é actualmente e com o imperialismo a 90 milhas das suas costas, não teve medo em avançar decidida e firmemente no caminho da Revolução; e o resultado está à vista: a Revolução está mais firme e consolidada do que nunca.

Que Cuba, e não só o Chile, sirva como motivo de reflexão para o Povo e para os revolucionários portugueses.

EUGÉNIO ROSA

Na FIGUEIRA DA FOZ o DIÁRIO DE LISBOA vende-se na CASA AFRICANA

tempo

Situação do tempo 09.00 H.

Em Portugal Continental o céu estava em geral muito nublado e o vento era fraco ou moderado do quadrante Oeste.

TEMPERATURAS DO AR

09.00 H.

PORTO	22°
P. DOURADAS	26°
COIMBRA	25°
LISBOA	25°
FARO	30°
FUNCHAL	23°

TEMPERATURAS EXTREMAS

ELVAS
Máxima ..... 30°
BRAGA
Mínima ..... 13,9°

TEMPERATURAS NO ESTORIL

Água do mar ..... 17,1°
Atmosfera ..... 17°

MARÉS DE HOJE

PREIA-MAR		BAIXA-MAR	
8.24	3,2 m	1.44	1,3 m
20.43	3,2 m	14.04	1,5 m

Dia 31

9.18	3,1 m	2.38	1,5 m
21.44	3,1 m	15.08	1,6 m

Dia 1

10.31	3,1 m	3.46	1,6 m
23.04	3,1 m	16.26	1,7 m

PREVISÃO GERAL ATÉ ÀS 24 H. DE AMANHÃ

Céu com períodos de céu muito nublado; vento fraco ou moderado doQuadrante Leste; possibilidade de trovoadas dispersas em especial durante a tarde

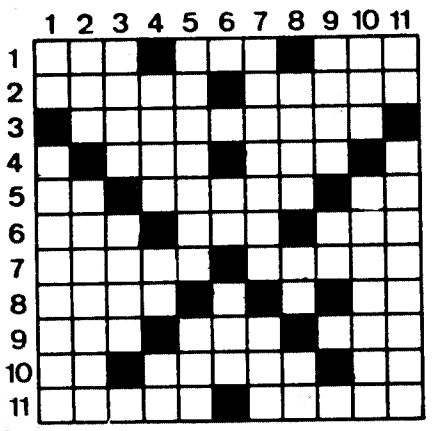
AMANHÃ
NASCER AS 6.37
OCASO AS 20.50

DIA 31 — DIA 7 — DIA 14 — DIA 21

Palavras cruzadas

COM PROVÉRBIO

PROBLEMA N.º 11146



HORIZONTAIS:
1 Membro de ave. Irmã da mãe. Suspiros.
2 Versejar. Cobertor.
3 Antigo reino da Península Ibérica.
4 Matemática. Curso de água natural e abundante.
5 Pequena ilha francesa, fortificada, do Mediterrâneo. Assassinas. Alumínio (s.q.).
6 Ruído. Mágoa. Greda branca.
7 Crivo de orifícios largos. O mesmo que rabino.
8 Estimai. Quarto.
9 Pedras de moinho. Claridade. Prendo.
10 Artigo definido. Papas de mandioca. Reis.
11 Costumara. Rale (prov.).

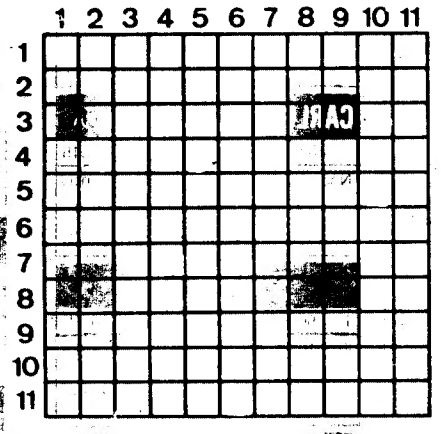
VERTICAIS:
1 Aragem. Traçamos.
2 Textualmente. Perfeito.
3 Gostam muito de. Dás mios. Conjunção.
4 Amarram. Li. Prasiodímio (s.q.).
5 Enredo (pop.). Estado atmosférico.
6 Porco. Senhor em inglês.
7 Restara. Rio da Suiça.
8 Planta umbelífera também chamada erva-doce. Rádio (s.q.). O sono das crianças.
9 Cordeiro. Aqui.
10 Sufixo que designa pequenez. Avalia.
11 Sadia. Desleal.

Resolveu completamente este problema?
Procure agora em segundo passatempo o PROVÉRBIO nele inscrito.

NOVA MODALIDADE

PROBLEMA N.º 7305

HORIZONTAIS:
1 Dera prestígio a.
2 Percorrera.
3 Campeão. Vi. Nota musical. Pronome pessoal.
4 Pronome possessivo. Espádua. Distrito da antiga Índia portuguesa.
5 Combina. Rio da Rússia.
6 Eliminava.
7 Grande cão de fila. Peixe do Algarve.
8 Nome de vários papas. Abreviatura de Santíssimo Sacramento. Estime.
9 Preposição e artigo definido. Culpada. Artigo definido (ant.). Brisa.
10 Desvairadas.
11 Molusco comestível. Enguias.



VERTICAIS:
1 Cidade da Argentina. Aguço.
2 Um dos pontos cardeais. Atilho.
3 Era Cristã. Espécie de andorinha. Átomo.
4 Nome de astro. Escudeiro. Zombar.
5 Grupo de três. Tempo do verbo ser.
6 Caminhar. Nome de frutos.
7 Indiferença. Secura.
8 Cólera. Nome de fruto. Pequeno poema medieval narrativo ou lírico.
9 Autores. Agradecia. Senhor.
10 Corda de reboque. Artigo indefinido.
11 Praia. Simples.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 11145

HORIZONTAIS:
1 ÁGUA. Peruca.
2 Par. E. LENHA:
3 Ás. Via. Siar.
4 Mesto. Apó.
5 Amen. Ala.
6 Rocha. Alara.
7 Aba. Coas.
8 Ota. Armas.
9 CADA. Ais. De.
10 Ias. DIA.
11 Sorrir. Sair

VERTICAIS:
1 Aparar. Ocas.
2 Gas. Morta.
3 Ur. Mec. Adir.
4 VENHA. Aar.
5 Eis. Aba. Si.
6 Ata. Ará.
7 El. Olá. Mil.
8 Res. Alças.
9 Unia. Aos. Dá.
10 Chapara. Dll.
11 Aaro. Assear.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 7304

HORIZONTAIS:
1 Havre. Salga.
2 Irais. Iriam.
3 Ne. Atino. Ru.
4 ONU. Amo. Pré.
5 Sara. Aram.
6 Irradia.
7 Poço. Rima.
8 Oro. Pia.
9 Rã. Ladra. Cs.
10 Cia. Iodar.
11 Ossos. Aliem.

VERTICAIS:
1 Hinos. Porco.
2 Arena. Orais.
3 Vá. Úrico. As.
4 Ria. Aro.
5 Esta. Pais.
6 Impávido.
7 Sino. Arda.
8 Aro. Air. Aal.
9 Li. Praia. Ri.
10 Garra.
11 Amuem. Assim.

PROVERBIO: Água e lenha, cada dia venha.

BARS BOITES RESTAURANTES DIVERSÕES

DANCINGS

NINA — Dancing com atracções. **Rua Paiva de Andrade, 7-13. T.** 364859/368197
YUKY STREAP-TEASE JAPONESA

CASINO ESTORIL — Jogo autorizado.

Variedades internacionais. **T. 26461/264526/264596/264621/264946.**

HIPOPÓTAMO — Conjunto Hipopotamo. Encerra aos domingos. **Av. António Augusto de Aguiar, 5-A. T. 48384.**

PROGRAMAS RADIO MFA

EMISSORA NACIONAL

De 2.ª a 6.ª feira:	RÁDIO CLUBE PORTUGUÊS
12,30 às 13,00	3.as e 5.as feiras:
18,15 às 19,00	
23,00 às 23,15	
06,15 às 07,00	21,00 às 21,25
Aos Domingos:	
10,00 às 12,00	

rádio

EMISSORA 1.º Programa

17.00 Noticiário — rádio estudantil
18.15 Movimento das Forças Armadas
19.00 Informação de trânsito — música variada
20.00 Jornal da noite
21.00 Mini-teatro
21.25 Música portuguesa
22.00 Música variada
22.30 Ambiente, por Afonso Cautela
22.50 Interlúdio
23.00 Movimento das Forças Armadas
23.15 Música variada
00.00 Último jornal
00.30 Retrospectiva
01.00 Saída e encerramento dos Regionais e dos MFF-1 — música na noite
02.00 Música na noite

2.º Programa

16.40 Canções de Wolf
16.55 Música de câmara
18.00 Música do século XX
19.00 Música de órgão
19.20 Música de bailado
20.00 Jornal da noite
21.00 Passagem do MF-2 a Estéreo — música ligeira variada
22.00 Obras de Milhaud
22.26 Música sinfónica
23.23 Música de câmara
23.53 Oito obras profanas, de Josquin des Prés
00.13 Música sinfónica
01.00 Fecho

Programa em Onda Média 2 — 397 m — 755 KHz

20.30 Música sinfónica
21.00 Solos de piano
21.42 Música coral sinfónica
23.53 Música de câmara
01.00 Fecho

RÁDIO CLUBE

ONDA MÉDIA

16.04 Programa C.D.C.
18.05 Movimento
21.03 Alegria no trabalho
21.31 Quando o telefone toca
22.03 Momento político (P.C.P.)
22.30 Quando o telefone toca
23.06 Hora luterana
23.30 No Mundo aconteceu
00.05 Alavanca
02.05 Madrugada
06.03 Diário rural
07.03 Talismã

Modulação de Frequência

16.00 Noticiário
16.04 Programa C.D.C.
18.05 O nosso programa
19.05 Em órbita-1
20.30 Boa noite em FM
22.02 Clube à gô-gô
00.05 Em órbita-2
01.05 Banda sonora Sonipol
02.05 Perspectiva
03.05 Madrugada
07.03 Hora sete

RÁDIO RENASCENÇA

Onda Média — 233,2 m — 1286 KHz Modulaçao de Frequência de Lisboa — 93,2 MHz — emissão continua

EMISSORES ASSOCIADOS DE LISBOA

Rádio Graça

Das **06.00** às **11.00** e das **17.00** às **22.00**

Rádio Voz de Lisboa

Das **11.00** às **14.30**

Clube Radiofónico de Portugal

Das **14.30** às **17.00**

Rádio Peninsular

Das **22.00** às **02.00**

farmácias de serviço

LISBOA

TURNO N-1
TODA A NOITE

ALFAMA
Anunciada, Rua do Vigário, 74 (tel. 866360)
ALTO DE S. JOÃO
Dalton Avenida Mouzinho de Albuquerque, 7-A (à P. Paiva Couceiro) (tel. 843571)
ALVALADE
Aeroporto, Av. Almirante Gago Coutinho, 101-D (à Av. D. Rodrigo da Cunha) (tel. 722384)
S. João de Deus, Rua Pedro Ivo, 1-A (tel. 725140)
Cartaxo, Av. da Igreja, 21-C (tel. 717958)
AREEIRO
Miranda, Campo Pequeno, 36-B (À Avenida Sacadura Cabral) (tel. 770776)
AVENIDA DA LIBERDADE
Fernandes, Rua de S. José, 187 (tel. 326476)
AVENIDAS NOVAS
Universal, Rua Actor Taborda, 5-7 (tel. 44158)
BENFICA
Alegria, Estrada de Benfica, 180-A (tel. 780511)
CAMPO DE OURIQUE
Castro Fonseca, Rua 4 de Infantaria 28-A (tel. 688857)
POÇO DO BISPO
Marvila (de), Rua Direita de Marvila, 25 (tel. 381612)
SANTO AMARO
Lisbonens, Rua Leão de Oliveira, 2-B (tel. 637020)
SANTOS-O-VELHO
Fontoura de Carvalho, Rua Santos-o-Velho, 12 (tel. 662075)

TURNO N-2
ATÉ AS 22 HORAS

AJUDA
Moura, Travessa da Memória, 55 (tel. 630944).
ALTO DO PINA
Iberia, Rua Barão de Sabrosa, 235-A (à Alameda) (tel. 728277)
ALVALADE
Nova Iorque, Avenida dos Estados Unidos da América, 140-B (tel. 760658)
ARROIOS
Cândido Monteiro, Avenida Almirante Reis, 121-B (tel. 45751)
BAIRRO DAS COLÓNIAS
Ingiénica, Rua Heliodoro Salgado, 20-A (tel. 844361)
BAIXA
Teixeira Lopes, Rua Áurea, 154 (tel. 324816)
BENFICA
Lisboa, Rua Cláudio Nunes, 73-A (tel. 703393)
CAMPOLIDE
Rualto, Lda., Alto do Carvalhão, 5/A/B (junto ao Aqueduto das Águas Livres) (tel. 651721)
CAMPO DE SANTANA
Peninsular, Campo dos Mártires da Pátria, 117 (tel. 553308)

ENTRECAMPOS
Nova Iorque, Avenida dos Estados Unidos da América, 140 (tel. 760658)
LUMIAR
Patuleia, Alameda das Linhas de Torres, 262-B (tel. 790332)
OLIVAIS-SUL
Nova dos Olivais, Rua Manhica, lote 469 (tel. 316402)
S. MAMEDE
Albano, Rua Escola Politécnica, 59 (telefone 326750).
S. SEBASTIÃO DA PEDREIRA
Figueiras, Avenida Marquês de Tomar, 20 (tel. 44995)

LINHA DE CASCAIS

ALGÉS
Miraflores, R. António Granjo, 2 (T.213161)
PAÇO DE ARCOS
Trindade Brás, R. Costa Pinto, 184 (T.2432034). Toda a noite
OEIRAS
Godinho, R. Cândido dos Reis, 98 (T.2430090). Até às 22 horas
CARCAVELOS
Central. Até às 24 horas
PAREDE
Brandão, Av. da República, 77-C (T.2471054). Toda a noite
MURTAL
Primavera, R. das Parreiras, 2 (T. 2472278) Toda a noite
MONTE ESTORIL
Suissa, Cruzeiro (T.260087). Até às 22 horas
CASCAIS
A. Costa, R. Freitas Reis, 24-C (T.280214). Até às 22 horas; **Cordeiro**, Av. C.G. Guerra, 40 (T.280170). Toda a noite

LINHA DE SINTRA

AMADORA
Melo, P.D. João I, 9-B (T.932756); **Central**, Av. Cardoso Lopes, 25 (T.932210); **Igreja**, P.da Igreja, 22-A (T.937740); **Jardim**, Av. Conde de Oeiras, 120, Reboleira (T.938424)
DAMAIA
D. João V, Av. Gurgel do Amaral, 2-A (T.970461)
AVENIDA NOVA
Nova, R. Elias Garcia, 10 (T.972530)
QUELUZ
Zeller, R. da República, 83 (T.950045); **Correia**, L. do Mercado, 3 (T.950906); **Serra e Pinto**, Av. D. António C. Sá, 50-E (T.957619)
CACÉM
Guerra Rico, Agualva
MEM MARTINS
Rodrigues Rato
S. PEDRO DE SINTRA
Valentim (T.980456)
SINTRA
Marrazes, Estefânia (T.2930058)
COLARES
Abreja (T.299088)

OUTRA BANDA

ALCOCHETE
Nunes, L. Coronel Ramos da Costa, 15 (T.234137)
ALHOS VEDROS
Gusmão, R. Cândido dos Reis, 30 (T.204020)
ALMADA
Galeno, R. Capitão Leitão, 85-B (T.2760565)
BAIXA DA BANHEIRA
Aliança, E. Nacional, 178-B (T.2040302)
BARREIRO
Central, Av. Alfredo da Silva, 48 (T.2073207)
COVA DA PIEDADE
Rainha Santa, E. das Barrocas, 50-A (T.249418)
MOITA
Silva Rocha, P. da República, 16 (T.239029)
MONTIJO
Giraldes, R. Almirante Reis, 45 (T.2310008)
SESIMBRA
Leão, Av. da Liberdade, 13 (T.2233471)
SETÚBAL
Marques, R. Arronches Junqueiro (T.22783); **Bonfim**, Av. Rodrigues Manitto, 12 (T.24558)
SEIXAL
Soromenho, R. Paiva Coelho, 38 (T.2218560)

PORTO

TURNO 4

ATÉ ÀS 22 HORAS

Gondarém, Rua de Gondarém, 360, Foz; **Correia de Araújo**, Rua de Santa Catarina, 259; **Nova Avenida**, Avenida Fernão de Magalhães, 692; **Pinheiro Manso**, Rua São João de Brito, 25-29; **Santa Teresa**, Praça Guilherme Gomes Fernandes, 100; **Silva Pereira**, Rua de Costa Cabral 293; **Alves**, Praça do Exército Libertador, 62; **Barros**, Rua do Loureiro, 104; **Boa Hora**, Rua da Boa Hora, 80; **Cameira**, Rua do Heroísmo, 90 e **Terreiro**, Rua da Reboleira, 21

A PARTIR DAS 22 HORAS

Gondarém, Rua do Gondarém, 360, Foz; **Alves**, Praça do Exército Libertador, 62; **Barros**, Rua do Loureiro, 104 e **Cameira**, Rua do Heroísmo, 90

COIMBRA

Dias Ferreira, R. do Brasil; **Santa Cruz**, R. das Padeiras; **Higiene**, R. Fernandes Tomás.

cinemas

ESTREIAS DE HOJE

NOS CINEMAS MUNDIAL
PROFISSÃO: AVENTUREIROS

BERNA

T. 776098 14.00, 16.30, 19. 21.15
Interdito a menores de 18 anos
OS ANJOS DA GUARDA
O máximo de idiotices no mínimo de tempo

APOLO 70

T. 763319 14.00, 16.30, 19.00, 21.15
Não acons. a menores de 18 anos
SONHOS DO PASSADO
Um filme de John G. Avildsen
Às 24 h. Grupo D-18 anos
O filme da maia-noite
TALISMÃ PERDIDO

ROXY

T. 48560 14.00, 16.30, 18.45, 21.15
Não acons. a menores de 18 anos
A FREIRA DE MONZA
Dos autos de um célebre julgamento religioso, uma história apaixonante

PATHÉ

T. 821933 14.15, 16.30, 18.45, 21.15
Não acons. a menores de 18 anos
A LINGUAGEM DO AMOR
Aviso ao publico: Este filme contem cenas eventualmente chocantes
O MAIS OUSADO FILME SUECO SOBRE EDUCAÇÃO SEXUAL

ALVALADE

T. 717480 15.30, 18.30, 21.15
Grupo B - 10 anos
A MANIA DAS GRANDEZAS
c/ Louis de Funès Yves Montand
DOIDOS DE TODOS NO FILME DAS FÉRIAS

CINEBOLSO

T. 573407 14.30, 16.45, 19, 21.30
Interdito a menores de 18 anos
Michel Piccoli
TAMANHO NATURAL
de Luis Berlanga

RESTELO

T. 610375 21.00
Interdito a menores de 18 anos
EMMANUELLE
com Sylvia Kristel
Aviso ao público: Este filme contém cenas eventualmente chocantes

EDEN

T. 320768 14.00, 16.30, 19.00, 21.15
Interdito a menores de 18 anos
O HOMEM DE FERRO
Cada músculo do seu corpo uma arma mortal

TIVOLI

T. 50595 15.15, 18.30, 21.15
Para todos
HERBIE UM CAROCHA DOS DIABOS
4.ª Semana
As historias miraborantes da primeira estreia de 4 cilindros

CASINO ESTORIL

T. 264621 17.00, 21.15
Não acons. a menores de 13 anos
QUE FAZEMOS NÓS NO MEIO DA REVOLUÇÃO

ROYAL

T. 665037 15.30, 21.15
Não acons. a menores de 13 anos
A CASA DOS DIAMANTES

POLITEAMA

T. 326305 14.15, 16.30, 19, 21.30
Interdito a menores de 18 anos
O PADRINHO MANDA MATAR
Uma nova realidade trágica em banditismo

ROMA

T. 727778 15.30, 18.30, 21.15
Interdito a menores de 18 anos
EMMANUELLE
(Este filme contém cenas eventualmente chocantes

CINEMA 2000

T. 2100055 21.15
Não acons. a menores de 18 anos
PRESO E O RATO

VOX

T. 720808 15.15, 18.30, 21.15
Não acons. a menores de 18 anos
OS ESCANDALOS DA CIDADE
3.ª Semana

CARLOS MANUEL

T. 2930394 21.15
Não acons. a menores de 18 anos
DOIS HOMENS E UMA ARMA

SATÉLITE

T. 562632 15.30, 18.30, 21.15
Interdito a menores de 18 anos
OH! CALCUTTA
Este filme contem cenas event. chocantes

MUNDIAL

T. 538743 21.30
Não acons. a menores de 18 anos
PROFISSÃO: AVENTUREIROS

CALEIDOSCÓPIO

T. 794141 14.00, 16.30, 19., 21.15
Não acons. a menores de 13 anos
ONDE FICA A GUERRA?
5.ª Semana
A obra prima de JERRY LEWIS

CONDES

T. 322523 15.00, 18.00, 21.00
Grupo B 10 anos)
HELLO DOLLY
O SUPER ESPECTÁCULO DAS FÉRIAS
C/Bárbara Streisand-Walter Matthau

ODEON

T. 326283 15.15, 18.15, 21.15
Interd. a menor. 18 anos
2.º MÊS DA COMEDIA BREJEIRA!
10.ª SEMANA SENSACIONAL
DECAMERON PROIBIDO
cóm Eva Maria Grubmuller e Pupo de Lucas
ERAM 4 INSACIAVEIS... NA AUSÊNCIA DOS MARIDOS, O AMOR ANDAVA À SOLTA...

LONDRES

T. 801313 14.15, 16.30, 18.45, 21.15
Não acons. a menores de 18 anos
LIGAÇÕES PERIGOSAS
O filme de Roger Vadim
c. Gerald Philippe, Jeanne Moreau
Possui-te com prazer. Deixo-te sem remorso

S. JORGE

T. 54153/4 15.15, 18.15, 21.15
Não acons. a menores de 18 anos
O 1.º filme do Ciclo Pasolini
DECAMERON

AVIS

T. 47163 15.30, 21.15
Interdito a menores de 18 anos
A PROFESSORA
com Angel Tompkins

CASTIL

T. 530194 15.30, 18.30, 21.15
Não acons. a menores de 18 anos
OS GALÃS ATACAM
com Reginaldo Farias

CINEARTE

T. 660446 15.30, 21.15
Não acons. a menores de 13 anos
O CINTO DA CASTIDADE
c/Tony Curtis

ESTÚDIO

T. 555135 15.30, 18.30, 21.15
Interdito a menores de 18 anos
CAMINHOS DO PRAZER
Este filme contém cenas eventualmente chocantes

ESTÚDIO 444

T. 779095 15.30, 18.30, 21.15
Não acons. a menores de 18 anos
O ÚLTIMO VERÃO
c. Barbara Hershey, Richard Thomas

EUROPA

T. 661016 21.15
Interdito a menores de 18 anos
A PERVERSA
c/ Ryan O'neal e Leigh

IMPÉRIO

T. 555134 15.15, 18.30, 21.15
Interdito a men. de 18 anos
XII Ciclo da Casa Imprensa
CONTOS IMORTAIS

MONUMENTAL

T. 555131 15.00, 18.15, 21.30
Grupo A - 6 anos
MÚSICA NO CORAÇÃO
c/Julie Andrews

outros espectáculos

LISBOA/Teatros

LAURA ALVES
21.45 (18 anos)
«As Escandalosas»

MONUMENTAL
20.45, 23.00 (18 anos)
«Lisboa acordou»

A.B.C.
20.45 e 23.00 (18 anos)
«P'ra Trás Mija a Burra»

CORNUCÓPIA
21.15 (13 anos)
«Pequenos Burgueses»

LISBOA/Cinemas

OLIMPIA
(18 anos)
«Reza Pelo Morto e Mata o Vivo»
PARIS
21.00 (18 anos)
«Grandes Batalhas em Camas Fofas»
MOSCAVIDE
21.15 (18 anos)
«O Beijo»
PROMOTORA
21.15 (18 anos)
«Madrugada Sangrenta»
JARDIM
21.15 (18 anos)
«O Caso Odessa»

LINHA DE CASCAIS

CASCAIS
S. José
21.15 (13 anos)
«Piquenique»
CASCAIS
Oxford
21.15 (18 anos)
«Joe»
ESTORIL
Casino
17.00 e 21.15 (13 anos)
«Que Fazemos Nós no Meio da Revolução»

LINHA DE SINTRA

MEM MARTINS
Cine Chaby
21.15 (18 anos)
«Paris ... Manicónio do Amor»
SINTRA
Carlos Manuel
21.15 (13 anos)
«Dois Homens e uma Arma»
LARANJEIRO
Clube
21.15 (10 anos)
«O Estoira Vargas»

OUTRA BANDA

ALMADA
Incrível
21.15 (13 anos)
«Piaf»
ALMADA
Academia
21.15 (18 anos)
«Um Homem de Sorte»

PORTO/Cinemas

JÚLIO DINIS
21.15 (18 anos)
«Emmanuelle»
ESTÚDIO
21.15 (18 anos)
«Outono da Vida»
PASSOS MANUEL
21.30 (18 anos)
«Ternuras da Vida Conjugal»
TRINDADE
21.30 (18 anos)
«Oh! Calcutta»
OLÍMPIA
(18 anos)
«Demasiado Risco para um Homem Só»
VALE FORMOSO
21.30 (18 anos)
«O Abominável Dr. Phibes»
TERÇO
21.30 (18 anos)
«O Belo Negócio»
ESTÚDIO FOCO
21.15 (13 anos)
«Onde fica a guerra»
ÁGUIA DE OURO
21.30 (14 anos)
«O Invencível»
BATALHA
21.30 (18 anos)
«Inocência e Turbamento»
RIVOLI
21.30 (18 anos)
«Valéria e os sonhos eróticos»
COLISEU
21.15 (14 anos)
«Amigos até ao fim»
S. O...
21.15 18 anos
...s mais

COIMBRA

AVENIDA
21.45 (18 anos)
«007 ... e o Homem da Pistola Dourada»
TIVOLI
21.15 (18 anos)
Seios de morte»
S. TEOTÓNIO
21.15 (18 anos)
«Bom Dia Tristeza»
GIL VICENTE
21.15 (18 anos)
«A Morte de um Lenhador

LEIA

super fixe

DL
RENASCENÇA GRÁFICA, S A R L
ADMINISTRAÇÃO-GERAL
E PUBLICIDADE
RUA CASTILHO 185 1.º 2.º E 4.º
TELEF 654531/2/3/4
REDACÇÃO E SERVIÇOS TÉCNICOS
RUA LUZ SORIANO, 44
TELEF 321154/5 320271/2/3
RUA DA ROSA, 57
END TEL DIBOA TELEX 12363
LISBOA-PORTUGAL

SUBSÍDIO DE DESEMPREGO PARA RETORNADOS

Os trabalhadores emigrantes, que retornem a Portugal, vindos das ex-colónias ou de outros países, passam a beneficiar do subsídio de desemprego, desde que satisfaçam as condições a fixar, muito brevemente, em diploma do Ministério do Trabalho. Os encargos financeiros serão suportados pelo Instituto de Apoio ao Retorno de Nacionais.

A decisão foi tomada em reunião de trabalho do ministro Costa Martins com o director do I. A. R. N., tenente-coronel Cardoso do Amaral, tendo ainda sido estudada a situação daqueles trabalhadores e analisadas as possibilidades de solução de alguns dos seus problemas, designadamente no campo da formação profissional.

A REESTRUTURAÇÃO DA IMPRENSA

Foi marcada para o dia 2 de Setembro a próxima reunião do Conselho de Imprensa, independentemente do prosseguimento dos trabalhos das comissões nomeadas para tratar de assuntos específicos.

Segundo um comunicado do Ministério da Comunicação Social, o Conselho decidiu reiterar a posição oportunamente manifestada ao respectivo ministro, sobre o direito que lhe assiste de participar na reestruturação dos órgãos de Informação.

Tendo em conta que a lei de Imprensa lhe comete o encargo de «organizar e divulgar o controlo da tiragem e difusão das publicações em termos regulamentares», e dada a urgência dessa regulamentação, o Conselho de Imprensa decidiu nomear uma comissão constituída por Carlos Eurico da Costa, Maria Adelaide Almeida e Paiva, Carlos Veiga Pereira, Adriano da Cunha Lucas e major Namorado Freire, que prosseguirá a recolha de elementos, já iniciada pelo próprio Conselho e elaborará o projecto de regulamento. Foram nomeados vários membros do conselho para nos termos da Lei de Imprensa procederem ao estudo do relatório anual sobre a situação da Informação em 1974.

ODIVELAS: EM CAUSA O PREÇO DOS TRANSPORTES

O Conselho de Moradores de Odivelas, tendo tomado conhecimento através dos jornais e de avisos feitos por uma das empresas, de alterações de tarifas da Carris e da Arboricultora a partir de hoje, resolveu não aceitar qualquer modificação, já que não foi ouvido a esse respeito ou, como afirma num comunicado, porque «as populações ou seus representantes não se pronunciaram».

Desta decisão foi resolvido dar conhecimento às empresas em causa, Direcção-Geral dos Transportes Terrestres, Copcon e a toda a população da freguesia, por quem foi distribuído um comunicado.

A CORRIDA DAS FIGURAS

CAVALEIROS
DAVID RAMELLES
J. MESTRE BAPTISTA

ESPADAS
MÁRIO COELHO
SANTIAGO LOPEZ

FORCADOS AMADORES DE MONTEMOR-O-NOVO
capitaneados por António José Zuzarte

8 TOIROS DE CABRAL ASCENÇÃO 8

Grupo A - maiores 6 anos
CAMPO PEQUENO
AMANHÃ, ÀS 22 HORAS

OTELO REGRESSOU

"O M.F.A. disposto a entrar num caminho muito duro"

Continuação da pág. 1

de cuidados em relação ao caso português. Falou com entusiasmo da participação total do povo cubano na revolução, o que pensa virá também a suceder em Portugal.

Sobre o V Governo Provisório, Otelo disse não ter confirmação de qualquer espécie e só depois de contactar poderá aperceber-se do que existe.

VIA PACÍFICA TALVEZ SEJA IMPOSSÍVEL

. . Interrogado sobre se tivera conhecimento da onda de violência que ocorrera em Portugal durante a sua permanência em Cuba, Otelo respondeu que estava permanentemente informado do que se passava no País através de «telexes».

. . «É natural» — disse, referindo-se a essa onda de violência — «e não me assusta. Não me assusta, mas gostaria de não fazer ameaças de qualquer espécie, que o M. F. A., as Forças Armadas estão dispostas nessa altura a entrar também num caminho muito duro de repressão que temos evitado até agora. Aqui há tempos, quando disse algumas palavras através da Rádio Renascença, quando muito candidamente dei o meu voto negativo dizendo que oxalá nunca tenhamos que pôr no Campo Pequeno contra-revolucionários, recebi logo inúmeras cartas dizendo que queríamos pôr no Campo Pequeno pessoas inocentes, que éramos uns bandidos, etc. A verdade é que eu dessa vez dizia «oxalá que não tenhamos que», mas estou convencido de que a curto prazo eu direi que «temos que», porque temos mesmo. A coisa parece que se está a encaminhar para esse sentido, infelizmente. Parece que se vai tornando impossível fazer uma revolução socialista na totalidade pela via pacífica.»

. . O comandante do Copcon escusou-se a fazer quaisquer comentários à última Assembleia do M. F. A., alegando ter estado ausente uma semana. Quanto à decisão da Assembleia, considerou-a apenas a confirmação de uma posição já estudada pelo Conselho da Revolução.

CÚPULA DO P.S. — UMA DESILUSÃO

Um jornalista fez-lhe então a seguinte pergunta:

«A direita reaccionária e alguns sectores da social-democracia atacam ferozmente a sua figura. Qual é o seu comentário?»

Sorridente, Otelo respondeu:

. «O meu comentário é que isso é absolutamente natural. O contrário é que seria para admirar. Que a direita, a reacção e a social-democracia europeia ataquem a minha figura, a mim não me espanta absolutamente nada, mas também não me preocupa.»

. Abordado sobre as declarações prestadas em Cuba segundo as quais o P.S. seria a esperança da direita em Portugal, o general Otelo confirmou essas palavras:

. «Absolutamente. Não tenho dúvidas nenhumas em confirmá-lo. Neste momento o P.S. consegue absorver toda a direita, toda a reacção que existe no País. É questão de ver qual é o inimigo mais poderoso da esquerda e que neste momento, sem dúvida alguma no País, é o Partido Socialista. Os responsáveis do Partido Socialista politicamente desiludiram-me extraordinariamente.»

O «CASO SOARES»

Outro jornalista lançou no ar que parte dos elementos que compõem o Conselho da Revolução estariam na disposição de exilar Mário Soares. A estas considerações respondeu Otelo Saraiva de Carvalho:

. «Não faço ideia. Terei que falar com o próprio dr. Mário Soares, porque realmente as posições que ele tem assumido levam-me a considerar que ele está totalmente entregue. Porque custa-me a conceber que um homem de esquerda, que foi sempre um lutador antifascista, esteja a assumir posições como as do dr. Mário Soares. Eu, que sempre me dei muitíssimo bem com ele, que falei com ele nas melhores condições, de amigo para amigo, estranho muito as posições que ele está a tomar e tenho que falar com ele muito a sério.»

. A um jornalista francês que lhe perguntou o significado do trio militar e se não pensava que Mário Soares teria razões para não estar contente o general Otelo respondeu:

. «Li nos telexes que Mário Soares atacara muito o M.F.A. e os seus membros mais importantes, mas, por agora, devo falar com ele para saber o que pensa e não sei neste momento o que ele pensa realmente.»

E o que é que você pensa dele?

«Sei que Mário Soares era um homem de esquerda e espantam-me muito as posições que tem agora. Preciso de falar com ele para saber se ele está realmente nas mãos da social-democracia europeia, mas todas estas posições, agora com os argumentos do anticomunismo, e os slogans que utiliza, são absolutamente de direita e por vezes, curiosamente, de extrema esquerda.

HAVANA, 30 (FP) — «O triunvirato foi constituído para conferir à revolução portuguesa uma verdadeira direcção política» — declarou o general Otelo Saraiva de Carvalho numa breve entrevista concedida ontem à noite em exclusivo à AFP. Acredito que este triunvirato será eficaz», acrescentou, pondo em relevo o novo carácter do Poder, concentrado agora nas mãos de três membros do Conselho Superior da Revolução.

O general Otelo Saraiva de Carvalho, que terminou ontem uma visita oficial de oito dias a Havana, recusou-se entretanto a relacionar a constituição do triunvirato com os recentes acontecimentos registados em Portugal e que se traduziram numa mais viva confrontação de ideias entre comunistas e socialistas. Em sua opinião o triunvirato de que é um dos membros não foi designado para resolver a mais recente crise portuguesa, devendo antes ser explicado à luz dos resultados da acção do Conselho da Revolução.

«Consideramos» — disse — «que o Conselho da Revolução não deu o que podíamos esperar dele. Não mostrou a eficácia desejada, a nossa revolução é uma revolução dinâmica e por vezes o Conselho ou alguns dos seus membros dispersaram-se, perderam tempo em considerações políticas e as decisões ressentiram-se disso. Não foram assim tão seguras, sólidas e oportunas quanto desejaríamos. Não podemos perder tempo. Creio que agora tudo irá correr melhor.»

. «Não posso dizer que sou, no triunvirato, o representante da extrema-esquerda» — prosseguiu o general Otelo Saraiva de Carvalho. «Julgo, entretanto, que o Primeiro-Ministro Vasco Gonçalves tem, pela sua parte, a inteira confiança do Partido Comunista Português e do M. . P. Penso que, juntos, podemos obter a plena confiança de todos os portugueses politizados».

Salientando, a concluir, a importância do Presidente Costa Gomes como «elemento de equilíbrio moderador» no processo revolucionário, o chefe do COPCON considerou «muito possível» a sua nomeação para um cargo de vice-Primeiro-Ministro ao lado de uma individualidade civil.

O chefe do COPCON confirmou que o Conselho da Revolução deixa de ser um órgão executivo, passando a assumir um carácter consultivo e funcionando como um conselho do triunvirato.

O general Otelo Saraiva de Carvalho definiu o Conselho, nas suas novas funções, como um «estado-maior» susceptível de fornecer à «troika» análises políticas sobre esta ou aquela questão, cabendo entretanto as resoluções exclusivamente aos membros do triunvirato. O Conselho será além disso encarregado de fazer «descer» até aos trabalhadores as decisões do triunvirato por intermédio das comissões de bairro ou de empresas.

O chefe do COPCON insurgiu-se por outro lado contra os «observadores» e os «especialistas» que pretendem descortinar na composição do triunvirato a representação de três forças políticas. «Os especialistas» — considerou — «preocupam-se sempre em fazer um catálogo das tendências. O que posso dizer é que somos, os três, membros de um mesmo Movimento, o das Forças Armadas. Quanto a mim» — acrescentou. «sou o homem de esquerda mas não posso rotular-me de homem de extrema-esquerda. Sei apenas que tenho a confiança da esquerda portuguesa. Tenho também a confiança de muitos elementos do Partido Socialista.»